



UNIFESSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

EDINALVA FERREIRA FÉLIX PAIVA

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO NOTÍCIA:
INTERVENÇÃO, LETRAMENTOS E SEQUÊNCIA DIDÁTICA

MARABÁ – PA

2019

EDINALVA FERREIRA FÉLIX PAIVA

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO NOTÍCIA:
INTERVENÇÃO, LETRAMENTOS E SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Linguagens e Letramentos.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Áustria Rodrigues Brito.

MARABÁ – PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Paiva, Edinalva Ferreira Félix

Leitura e produção textual a partir do gênero notícia: intervenção, letramentos e sequência didática / Edinalva Ferreira Félix Paiva ; orientadora, Áustria Rodrigues Brito. — Marabá : [s. n.], 2019.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Mestrado Nacional Profissional em Letras (PROFLETRAS), Marabá, 2019.

1. Leitura (Ensino fundamental) - Estudo e ensino – São Domingos do Araguaia (PA). 2. Letramento. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 4. Sociolinguística. 5. Escrita. I. Brito, Áustria Rodrigues, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Programa de Mestrado Nacional Profissional em Letras. III. Título.

CDD: 22. ed.: 372.4098115

EDINALVA FERREIRA FÉLIX PAIVA

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DO GÊNERO NOTÍCIA:
INTERVENÇÃO, LETRAMENTOS E SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Linguagens e Letramentos.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Áustria Rodrigues Brito.

Aprovada em: ____/____/____

Prof^ª Dr^ª Áustria Rodrigues Brito (Orientadora)

UNIFESSPA

Prof. Dr. Gilmar Bueno Santos (Avaliador Interno)

UNIFESSPA

Prof^ª Dr^ª Luiza Helena Oliveira da Silva (Avaliadora Externa)

UFT

MARABÁ – PA

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, arquiteto do universo, aquele que nos dá força e disposição ao acordar e acalenta nossa mente, nos trazendo paz ao anoitecer, para que tenhamos uma noite de sono profundo, revigorando nossas forças para enfrentar um novo dia.

Aos meus amados e eternos pais, Margarida Ferreira Félix (*in memoriam*) e Antônio Félix da Silva (*in memoriam*) que, embora, só soubessem assinar seus nomes, se sacrificaram para dar aos seus oito filhos a oportunidade de frequentar a escola, pois acreditavam que pela educação teríamos as oportunidades que eles não tiveram. Sei que de onde eles estão, com certeza, aplaudem as conquistas de seus amados filhos. Eternamente minha inspiração!

Ao meu esposo, Márcio Oliveira Paiva, pela sua compreensão e apoio nessa jornada.

Às minhas filhas, Melissa e Manuela, sei o quanto estive ausente durante esse período, ora escrevendo, ora estudando, sem tempo para orientá-las como deveria e, mesmo com pouca idade, o sentimento que me retribuíram foi de muita compreensão e apoio. Agora, posso dizer que vocês fazem parte de um dos capítulos mais importantes de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por apoiar e financiar esta pesquisa.

À minha orientadora, Áustria Rodrigues Brito, por sua paciência, tolerância, dedicação e empenho em me mostrar caminhos que sozinha não seria capaz de ver. Obrigada por acreditar em mim!

A todos os professores que fizeram parte desta caminhada, cada um com um ensinamento diferente. Áustria Rodrigues Brito trouxe para sala de aula discussões sobre alfabetização e letramento, a capacidade de se envolver em práticas sociais. Eliane Machado mostrou os sons das palavras e suas variações em Fonética e Fonologia. Paulo Lima trouxe a importância de ensinar Português via gêneros. Simone aprofundou algumas técnicas sobre a leitura do texto literário. Samuel, com seu amplo conhecimento, nos mostrou os aspectos sociocognitivo e metacognitivo da linguagem. Gilmar Bueno apontou uma nova forma de ensinar gramática. Mariana Ribeiro descortinou práticas orais e escritas no Ensino Fundamental II. Patrícia Beraldo revelou um pouco mais sobre o ensino da escrita e sua importância nas aulas de Português. E Tânia, nos ajudou a desenvolver o projeto de pesquisa e nos apresentou algumas tecnologias educacionais.

A todos vocês, doutores, o meu Muito Obrigada!

(...) embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.

Chico Xavier

RESUMO

Este trabalho é o resultado de um projeto de intervenção realizado junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luís Cláudio, localizada no município de São Domingos do Araguaia-PA, em uma turma de 9º ano. Para tal, buscamos refletir acerca da importância de conhecermos as diversas práticas ou eventos de letramentos que fazem parte diariamente da vida dos alunos, e que a escola, representada aqui pelos professores, não conhece ou simplesmente não reconhece as competências prévias de leitura e de escrita dos seus alunos. Os estudos sobre letramento valorizam os letramentos múltiplos, as capacidades diversas dos alunos, partindo de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. A partir das práticas de letramentos inerentes à vivência dos alunos, buscamos também refletir acerca dos gêneros em sala de aula, revelando que o trabalho com a produção textual deve ser o ponto de partida para o ensino da Língua Portuguesa em todos os níveis de ensino, agindo assim o professor estará, não só mostrando ao aluno que ele é capaz de criar seus próprios textos, como também quebrando a barreira da dificuldade que emperra o professor no ensino de língua, pois o que é perceptível nas escolas é a falta de um trabalho direcionado a produção textual. Diante do exposto, procuramos entender as concepções de língua e, para tal pesquisa, adotamos a terceira concepção, em que a língua é vista como lugar de interação. A sociolinguística contribuiu para que compreendêssemos que é possível desenvolver práticas de linguagem que auxiliem na inclusão de alunos descendentes de classes sociais menos favorecidas. A metodologia adotada foi a proposta por Dolz e Schneuwly (2010), que defendem a leitura e a escrita via gêneros textuais. Assim, essa atividade de produção textual ocorreu por meio do gênero notícia, seguindo as etapas propostas em uma sequência didática, com o objetivo final de construir um e-book. Esta pesquisa tem sua sustentação nas bases teóricas que se ancoram em uma proposta de ensino da produção e leitura baseados em gêneros, como: Bakhtin (1999, 2003), Kleiman (1995), Koch (2012, 2015), Rojo (2009), Soares (2016) e Street (2014), Dolz e Schneuwly (2011).

Palavras-chave: Letramento. Gênero do discurso. Escola.

ABSTRACT

This work will be the result of an intervention project carried out at the Municipal School of Primary Education José Luís Cláudio, located in the municipality of São Domingos do Araguaia-PA, in a class of 9th grade. To that end, we seek to reflect on the importance of knowing the various literacy practices or events that are a daily part of students' lives, and that the school, represented here by teachers, does not know or simply does not recognize previous reading and writing skills of his students. The literacy studies value the multiple literacy, the diverse capacities of the students, starting from a conception of reading and writing as discursive practices, with multiple functions and inseparable from the contexts in which they develop. From the literacy practices inherent in the students' experience, we also sought to reflect on the genres in the classroom, revealing that the work with textual production should be the starting point for teaching Portuguese at all levels of education, acting thus the teacher will be not only showing the student that he is able to create his own texts, but also breaking the barrier of the difficulty that the teacher impairs in language teaching, because what is noticeable in schools is the lack of a job directed to textual production. In view of the above, we try to understand the conceptions of language and, for such research, we adopt the third conception, where the language is seen as a place of interaction. Sociolinguistics has contributed to our understanding that it is possible to develop language practices that help the inclusion of students who are descended from less favored social classes. The methodology adopted was proposed by Dolz and Scheneuwly (2010), who defend reading and writing via textual genres. Thus, this activity of textual production will occur through the news genre, following the steps proposed in a didactic sequence, with the final objective of constructing an e-book. This research has its support in the theoretical bases that anchor in a proposal of teaching of the production and reading based on genres, like: Bakhtin (1999, 2003), Kleiman (1995), Koch (2012, 2015), Rojo (2009), Soares (2016) and Street (2014), Dolz and Schneuwly (2011).

Keywords: Literacy. Discourse genre. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luís Cláudio 1968.....	81
Figura 2 - Representantes do poder público e comunidade.....	82
Figura 3 - Foto atual da escola.....	83
Figura 4 - Representação da estrutura de um jornal.....	107
Figura 5 - Interface do Blog.....	132

LISTA DE SIGLAS

ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
NTIC	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PDE	Programa Dinheiro na Escola
CEE	Conselho Estadual de Educação
SD	Sequência Didática

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Representação do questionário 1.....	91
Gráfico 2 - Representação do questionário 2.....	91
Gráfico 3 - Representação do questionário 3.....	92
Gráfico 4 - Representação do questionário 4.....	93
Gráfico 5 - Práticas de Letramento.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativo de alunos.....	96
Tabela 2 - Identificação dos gêneros.....	103
Tabela 3 - Leitura em jornal.....	103
Tabela 4 - Preferência por gênero textual.....	104
Tabela 5 - Seção de jornal.....	104
Tabela 6 - Para quê ler?.....	105
Tabela 7 - Identificando o jornal lido.....	105
Tabela 8 - Organização dos textos.....	105
Tabela 9 - Identificação de informações.....	106
Tabela 10 - Melhor parte do jornal impresso.....	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas distintas e intercomplementares implicadas na atividade da escrita.....	42
Quadro 2 - Agrupamento dos gêneros.....	65
Quadro 3 - Características do contexto de produção da notícia.....	76
Quadro 4 - Características das capacidades discursivas.....	77
Quadro 5 - Características das capacidades linguístico-discursivas.....	78
Quadro 6 - Síntese da sequência didática.....	97
Quadro 7 - Objetivos	98
Quadro 8 - Oficinas.....	98
Quadro 9 - Critérios para análise dos textos.....	109
Quadro 10 - Produção inicial do aluno A1.....	112
Quadro 11 - Produção inicial do aluno A2.....	115
Quadro 12 - Produção inicial do aluno A3.....	116
Quadro 13 - Produção inicial do aluno A4.....	117
Quadro 14 - Produção inicial do aluno A5.....	119
Quadro 15 - Produção inicial do aluno A6.....	120
Quadro 16 - Produção final do aluno A1	126
Quadro 17 - Produção final do aluno A2	127
Quadro 18 - Produção final do aluno A3	128
Quadro 19 - Produção final do aluno A4	129
Quadro 20 - Produção final do aluno A5	130
Quadro 21 - Produção final do aluno A6	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LINGUA MATERNA: ALGUMAS REFLEXÕES	22
1.1 CONTRIBUIÇÃO DA CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA PARA O ENSINO DA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	22
1.2 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA	32
1.3 CONCEPÇÕES DE LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITOR	39
CAPÍTULO II – LETRAMENTO E GÊNERO DO DISCURSO: NOVOS HORIZONTES NO CONTEXTO EDUCACIONAL	49
2.1 DEFINIÇÕES DE LETRAMENTO	49
2.2 GÊNEROS DO DISCURSO	55
2.3 GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUAS	57
2.4 GÊNEROS DO DISCURSO E TIPOS DE TEXTOS	60
CAPÍTULO III – O USO DA TECNOLOGIA COMO SUPORTE PEDAGÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA A PARTIR DO GÊNERO NOTÍCIA.....	67
3.1 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ÊNFASE AO GÊNERO NOTÍCIA	72
3.2 CARACTERIZANDO O GÊNERO OBJETO DE DISCUSSÃO E APLICAÇÃO.....	73
CAPÍTULO IV – METODOLOGIAS, MATERIAIS E CAMINHOS DE INTERVENÇÃO: CONTEXTO DA PESQUISA	79
4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA	79
4.1.1 Identificação e histórico da escola.....	79
4.1.2 Espaço físico.....	82
4.1.3 Modalidades de ensino ofertadas	83
4.1.4 Corpo docente	84

4.1.6 Corpo discente	84
4.1.7 Objetivos.....	86
4.2 BREVE HISTÓRICO DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA.....	87
4.3 DIAGNÓSTICO INICIAL ACERCA DOS LETRAMENTOS	88
4.4 RESULTADOS OBTIDOS	89
4.5 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS	89
4.6 METODOLOGIAS E MATERIAIS	94
4.7 SÍNTESE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD) PARA TRABALHAR O GÊNERO NOTÍCIA.....	96
4.8 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO.....	100
CAPÍTULO V – CAMINHOS PARA A ESCRITA.....	107
5.1 PRODUÇÃO INICIAL	107
5.1.1 Análise dos textos.....	112
5.2 PRODUÇÃO FINAL – A REESCRITA.....	122
CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

Historicamente, o homem tem se organizado na busca por transformações, seja individualmente seja em grupos, constituindo sociedades. Ao se agrupar, o anseio por mudanças tornou-se ainda maior, pois o homem constituiu família e com isso foram surgindo várias necessidades e é dentro das necessidades que as melhores e mais significativas mudanças acontecem. A trajetória da educação não tem sido diferente. Desde o início, houve transformações significativas no contexto educacional brasileiro. Buscam-se novas metodologias e novas abordagens que possam superar ou, pelo menos, melhorar os modelos educacionais vigentes.

Nesse cenário de constantes mudanças e transformações na sociedade, surgem as tecnologias que, primeiramente, beneficiaram as indústrias e logo seus benefícios se estenderam ao âmbito educacional. A escola, por sua vez, deve estar preparada para interagir com os alunos da era digital, usando a tecnologia e suas ferramentas a favor do ensino. Diante de tantas mudanças ocorridas no contexto social atual, é notório que o ensino também tinha sofrido mudanças, em especial o ensino da Língua Portuguesa, no qual se dava mais importância ao ensino estrutural da língua, ou seja, à gramática normativa desconexa do texto e, atualmente, enfatizamos o ensino dos diversos gêneros textuais. Com isso depreendemos que a gramática tradicional tem contribuição importante no ensino da Língua Portuguesa, mas que atualmente há a necessidade de ir além dela e focar agora no texto.

Esse olhar crítico recai não só sobre o processo de ensinar, mas também sobre a metodologia que é usada por aqueles que ensinam. Esses questionamentos são muito importantes e me levam a fazer uma análise reflexiva sobre as mudanças que ocorreram no ensino desde a minha formação inicial até hoje. Como era tratado o ensino no período em que eu era aluna? No decorrer do trabalho, apresento alguns recortes deste período. A palavra ensino remete a uma atividade que envolve todas as disciplinas, assim pretendo, com esta palavra, referir-me à formação inicial que me foi dada, antes chamada alfabetização, seguida da 1ª à 4ª série. A partir desses níveis, faço relato apenas referente ao ensino da Língua Portuguesa, tema este que vive em constante evolução educacional pedagógica, embora percebamos que na prática poucos foram os avanços.

Na década de 80, mais precisamente em 87, foi a primeira vez que frequentei uma escola que, à época, costumavam chamar de alfabetização, a primeira fase de estudos da criança, e, mais tarde, já nos anos 2000, mudou a nomenclatura e passou a ser chamada de 1º ano, série na qual o aluno será alfabetizado, ou pelo menos deveria ser. É importante ressaltar que hoje temos

Maternal, Jardim I e Jardim II. Bem, o que acontecia então na escola? Como eram os professores deste período? Naquele período, na escola que eu presenciei, não havia muita exigência com relação à formação de professores para atuarem na educação infantil, assim qualquer pessoa que tivesse alguma influência junto à rede pública de ensino poderia ser um professor. Todos os professores que tive, tanto na alfabetização quanto de 1ª a 4ª série, que hoje está dividido como fundamenta I (1º e 2º ciclos), tinham somente o magistério, o que não significa dizer que eles não estavam preparados, pois, pelas histórias contadas (por ex-alunos), elas eram excelentes professoras.

Elas? Sim! Nessa região não era muito comum ver “homens professores”, talvez porque as mulheres não tivessem muito espaço de trabalho na sociedade, eram apenas mães e donas de casa, sendo a escola o único lugar onde poderiam exercer alguma profissão, pois, afinal, ser professora na educação infantil é quase a mesma coisa que ser mãe, porque além das habilidades de ensinar, a professora precisava ser carinhosa, atenciosa, ter realmente um jeitinho de mãe. Esta fase teve muita importância em minha trajetória, uma vez que, foi neste período que recebi a formação que sustentou minha vontade de permanecer na escola, dado que a escola era sinônimo de acolhimento, de aconchego, era um lugar muito bom de frequentar.

Porém, não me recordo de nenhuma atividade que remetesse especificamente ao ensino de língua voltado para interação em práticas sociais, o que havia mesmo era apenas um *feedback*, o aluno deveria atender as exigências do professor, pois, somente a ele, era delegado o processo da avaliação, que na época, era centrada quase que exclusivamente no processo de retorno das informações, assim, se o aluno devolve as informações corretas, segue, se devolve as informações incorretas, fica.

Isso acontecia, geralmente, porque era dessa forma que a escola tratava o ensino quando elas - as professoras - eram alunas e, certamente, quando seus pais também eram alunos. O que havia era uma reprodução de regras, de normas a serem seguidas. Como esses professores não tinham uma formação adequada, não conheciam as teorias que norteavam o ensino, mantinham o papel da escola, que tendia a ser seletiva, preconceituosa e fracassante à medida que seus valores continuavam centrados, de forma imediata, na promoção/retenção mediante uma avaliação.

A partir de 1992, já na 5ª série - hoje denominada de 6º ano - houve muitas mudanças, a começar pela escola, agora era uma escola maior, com mais professores, antes só era um; agora, seriam 10. Meu Deus! Aquilo me causou um pavor! Como assim? 10 professores? No início foi ruim, mas, com o passar do tempo, tudo foi ficando “normal”. A atenção agora será

dada a professora de Língua Portuguesa. O que e como era o ensino de Língua Portuguesa nos anos 90?

Lembro-me que sempre tivemos livros, eram tantos livros que quase não conseguia carregar, pois era muita pequenina, e nem se quer tinha mochila para colocar os livros dentro. Em dias de chuva, minha mãe lavava saco de açúcar para que fosse usado como proteção para que os livros não molhassem. E o livro de Português? Gostava muito deste, pois tinha muitas histórias interessantes que afluíam minha imaginação. Imaginação essa que não tinha nada a ver com a professora, pois esta não levava o aluno a pensar uma releitura das narrativas contadas.

Dessa maneira, permaneceu até a 8ª série - atual 9º ano - mudou a professora, mas a metodologia era a mesma, fazer leitura de textos do livro didático apenas para passar o tempo, decorar poema para falar na frente, falar, Sim! Porque na época não sabia que ao reproduzir oralmente um poema, não estávamos falando poema e, sim recitando-o. E a gramática? A gramática era usada como uma arma, que servia para reter alunos, pois esta era normativa, cheia de regras, regras estas que eram cobradas ferrenhamente. Cada ponto, cada vírgula, cada acento, cada conjugação, conjunção e etc., deveriam estar em seu devido lugar, lugar este que era determinado pelas pessoas que produziram o livro didático, que era normalmente o único material didático utilizado pelos professores.

Além do livro didático, a professora do 7º ano, tinha um caderninho, cujas folhas já estavam amareladas devido ao longo tempo de uso. Nesse caderninho, havia centenas de frases as quais seriam utilizadas para cobrar as regras gramaticais. Na realização desta atividade, a professora as escrevia e ordenava que um aluno por vez fosse ao quadro negro aplicar as regras estudadas. Se essa metodologia era ou não adequada, só o tempo seria capaz de dizer, como de fato disse. Retomarei essa discussão mais a frente.

Passemos para o ano 1996, já no Magistério – o que corresponde ao Ensino Médio - como dizemos hoje, o Ensino Médio é apenas uma revisão do Fundamental II. Mas naquela época não era assim que funcionava, pois me lembro de que até a 8ª série, estudei substantivos, sujeitos, adjetivos, em resumo, as classes de palavras, detalhe, tudo isso aplicado somente em frases, nada relacionado a textos.

Então no 1º ano de magistério tive uma professora que acabara de entrar na faculdade, no curso de Ciências Sociais, esta seria então a professora de Português, excelente pessoa, ensinava Português muito bem, pois na época ensinar Português era cobrar gramática e levar o aluno a ler textos, e assim passamos todo o 1º ano, estudando gramática e lendo textos e fazendo uma vez ou outra uma produção textual.

Já no 2º e 3º ano, houve um reencontro tanto com a professora da 7ª série quanto com o seu velho caderninho de folhas amareladas. Agora não estudávamos mais as classes de palavras, afinal, mudamos de nível e a gramática agora ficaria mais complexa. A partir de então passamos a estudar conjunções coordenadas, subordinadas e verbos com marcações mais complexas. A metodologia permaneceu a mesma, um aluno por vez iria ao quadro para fazer análise de uma frase, tirada do caderninho de folhas amareladas, de acordo com o conteúdo que estava sendo estudando.

Que importância tem esse relato para o meu trabalho? Essas experiências impulsionam a minha vontade de mudar essa realidade, que ainda hoje perpassa as nossas salas de aulas. Uma das formas de mudar essa metodologia é trabalhar um ensino voltado para as práticas sociais. Temos, agora, uma nova visão, um novo olhar, como diz Antunes (2009) sobre a língua, sobre o texto e, sobretudo, sobre a forma de ensinar, que agora entrarão em cena com os gêneros textuais.

Assim sendo, a metodologia de ensino adotada é de grande importância na formação do sujeito leitor, pois é no âmbito escolar que o aluno poderá compreender os recursos utilizados nos diversos textos que circulam na sociedade. Com base neste pressuposto, é importante ressaltar que as tecnologias, tendo como ferramenta a *Internet*, têm a capacidade de oferecer ao educando a oportunidade de interagir com seu próprio conhecimento e, por meio do diálogo com os demais, poder também ampliar suas possibilidades de expressão e socialização de experiências em grupo, levando em consideração que os recursos por elas disponibilizados são capazes de facilitar e agilizar a vida da sociedade fornecendo informações, atualizando conhecimento, socializando experiências e aprendizagem através da integração tecnológica ao ensino, mediante uma abordagem didática via inserção digital.

Das ferramentas fornecidas com o advento da tecnologia, o que mais chama a atenção, como dito anteriormente, e deve ser vista como ponto importante é a *Internet*, pois ela está modificando formas de interação e os alunos estão se engajando, mais do que nunca, em práticas de leitura e de escrita, criando assim uma identidade digital, o que confirma o fato de que a mídia eletrônica digital, desde que seja usada de forma contextualizada e integrada com o ensino, pode e deve contribuir para promover uma educação de qualidade.

Assim, como não é novo os estudos que visam inserir as mídias no contexto educacional, a leitura e produção textual a partir do gênero notícia também não é algo inovador, são questões bastante discutidas no cenário educacional. Com isso, sua utilização em sala de aula é muito significativa, pois essas atividades podem constituir desde momentos de reflexão sobre os

gêneros até momentos de avaliação das condições de usos, de adequação e de manejo da língua tanto falada quanto escrita.

Desse modo, objetivamos verificar que contribuições o trabalho com os gêneros, em especial o gênero notícia, podem trazer para o desenvolvimento e aprimoramento de competências e habilidades de leitura, compreensão e produção textual dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Para tal, pretendemos levar nossos alunos a identificar diferentes gêneros discursivos, possibilitando a leitura e a compreensão destes, para então, oferecer condições para que o aluno seja capaz de produzir e compreender textos de qualquer gênero.

Nessa perspectiva, o ensino com base nos gêneros discursivos, pode ter uma contribuição relevante para o ensino da leitura e produção textual, visto que pode contribuir para a apropriação dos gêneros que circulam na sociedade, tornando o aluno capaz de interagir diante das diversas situações comunicativas. Dessa maneira, o ensino da Língua Portuguesa estará atendendo às exigências da sociedade atual.

Ao escolher os gêneros como objeto de ensino, um aspecto importante é a nossa preparação para trabalhar com essa diversidade textual, pois, ainda estamos preocupados apenas em ensinar a estrutura dos textos, esquecemos de focar no que é relevante que é levar o aluno a refletir sobre como os diversos gêneros circulam na sociedade. Portanto trabalhar com gêneros textuais em sala de aula é uma excelente ferramenta didática para o ensino da linguagem nos seus mais diversos usos do cotidiano.

Dessa forma, ao optar por inserir os gêneros discursivos como conteúdo de sala de aula, precisamos refletir sobre as razões para selecionar determinado gênero, quais objetivos de aprendizagem o gênero selecionado propicia junto a turma e qual a função específica do gênero selecionado. Com isso, cabe ao professor criar um espaço que leve o aluno a perceber a heterogeneidade dos textos, bem como a apropriação dessa diversidade.

Destarte, o presente trabalho se justifica pelo fato de apresentar uma proposta metodológica para o Ensino da Língua Portuguesa, ancorada no gênero notícia na versão impressa e digital, haja vista que as tecnologias estão cada vez mais acessíveis aos alunos, tanto pelos *smartphones* quanto pelos laboratórios de informática disponibilizados pelo Governo Federal nas escolas públicas.

A problemática está no fato de que o número de alunos que não estão aptos para a leitura e produção de texto partindo de suas próprias ideias, bem como não compreendem o que leem, é crescente nas séries do Ensino Fundamental II, da mesma forma chegando ao Ensino Médio com grau de letramento cada vez menor, delimitando assim a capacidade de apropriação da língua como meio para interagir na sociedade.

O que de fato está acontecendo com ensino da Língua Portuguesa? Será a falta de práticas metodológicas voltadas para o Ensino de leitura e compreensão bem como produção de textos? Ou por trás de toda essa problematização está a falta de qualificação dos professores de Língua Portuguesa?

Talvez o que esteja em questão seja mesmo a nossa falta de entusiasmo pela nossa profissão e, sobretudo, pela nossa língua, pois até mesmo na época em que eu era aluna e as minhas professoras não tinham formação alguma, ainda havia a tentativa de trabalhar a língua materna tendo como base as práticas sociais. Pois, naquele período, houve mudanças significativas em relação à leitura. De recitação de poemas, no Ensino Fundamental II, passamos a ler obras literárias no Ensino Médio. De certa forma, as professoras davam importância à leitura, mesmo que fosse separada do texto.

Fazendo uma análise reflexiva sobre o que deu certo e o que não deu, acredito que o fato de as professoras cobrarem um pouco a leitura, mesmo sem nenhum objetivo claro, lia simplesmente para verificar se o aluno sabia ler, ajudou-me muito, pois eu aprendi a ler, não conseguia interpretar, mas decifrava as palavras. A metodologia de decorar poema, também foi útil, pois exercitava a memória. E o ensino de gramática? Eu aprendi todas as regras que foram cobradas pela professora, assim pude me manter nessa sociedade que excluía os falantes nativos e incluía aqueles que dominavam a regra padrão. Pois naquela época era assim que funcionava.

Para realização desta pesquisa fiz uso dos textos de alguns teóricos que contemplam as discussões que se inserem nesse estudo, são eles: Bakhtin (1997 & 2003), Gadotti (2000), Garcia (2001), Moran (2004), Silva (2007), Koch (2012 & 2015), Valente (1999), Kleiman (1995), Rojo (2009), Soares (2016), Street (2014) Bortoni-Ricardo (2005), Dolz, J e Schneuwly, B. (2010), Antunes (2003 & 2009) dentre outros.

Este trabalho está estruturado em capítulos, obedecendo a uma sequência linear em torno da temática principal. No primeiro capítulo, apresentaremos algumas reflexões acerca das concepções de linguagens e o ensino de língua materna, contribuições da sociolinguística para o ensino de línguas, bem como as concepções de leitura e formação do leitor.

No segundo, discutiremos as definições de letramento, desde a sua origem até o conceito mais atual. Ainda neste capítulo, faremos uma discussão sobre os gêneros do discurso, sua importância para o ensino de línguas e a diferença entre gêneros e tipos textuais.

No terceiro capítulo, mostraremos alguns conceitos sobre o uso da tecnologia no contexto educacional, especialmente, suas contribuições para o desenvolvimento da leitura e escrita, e as características do gênero notícia tais como: capacidades discursivas e linguístico-discursiva.

No quarto, exibiremos a metodologia adotada, caracterização do *locus* da pesquisa, um diagnóstico inicial acerca dos letramentos dos atores envolvidos na pesquisa, uma síntese da sequência didática, a aplicação de alguns questionários e os resultados obtidos nestes.

No quinto capítulo, apresentaremos a primeira versão do texto, a análise dessa primeira versão, bem como a produção final e as considerações sobre essa.

No sexto capítulo apresentaremos as considerações finais sobre o trabalho, seguido das referências e anexos.

Quero aqui pedir licença ao meu leitor para inserir diversas vozes no texto, quando me referi à experiência individual, usarei a primeira pessoa do singular, quando for tratar de ações conjuntas com minha orientadora, usarei a primeira do plural, quando houver a necessidade de falar da ação de outros professores, usarei a terceira do plural.

CAPÍTULO I – CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LINGUA MATERNA: ALGUMAS REFLEXÕES

Neste capítulo, trataremos das concepções de linguagem, destacando a importância da concepção sociointeracionista juntamente com a interacionista como uma opção para o ensino de língua materna.

1.1 CONTRIBUIÇÃO DA CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA PARA O ENSINO DA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Com intuito de verificar a contribuição da concepção sociointeracionista para o ensino da leitura e produção textual, nada mais justo do que partir da compreensão de como se dá e o que é uma concepção sociointeracionista, qual sua importância para ensino da Língua Portuguesa e em especial para a aquisição da linguagem, principalmente a escrita. Assim, partindo de uma abordagem mais científica sobre aquisição da linguagem escrita, não se pode deixar de dar o merecido apreço às contribuições e progressos alcançados nessa área por intermédio das pesquisas de Vigotsky.

A abordagem ora estudada pelo autor supracitado é conhecida como abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, haja vista que esta associa o desenvolvimento humano ao contexto cultural do qual o indivíduo faz parte, assim como também a influência que este ambiente exerce sobre a formação psicológica do homem, ou seja, parte da interação entre o indivíduo e o ambiente, é dessa mesma forma que a criança adquire a linguagem.

Para Vigotsky (2001, p. 109), o homem só adquire cultura, linguagem, desenvolve o raciocínio se estiver inserido no meio com os outros. A criança só vai se desenvolver historicamente se inserida no meio social. Por isso, sua teoria é sociointeracionista, pois só há aprendizagem porque há interação entre o homem e seu ambiente. Esta teoria nos remete a obra de Street, intitulada “Letramentos sociais” publicada em 2014, que traz à tona novos olhares sob velhas práticas de letramentos apontadas em diversos estudos de casos na América latina.

Os estudos de Vigotsky (2001, p. 331) caracterizaram a chamada zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Essa ZDP seria então a distância entre o que o indivíduo sabe ou é capaz de realizar sozinho e o que esse mesmo indivíduo é capaz de fazer com a mediação de outra pessoa, seria então seu desenvolvimento real e o seu desenvolvimento potencial. É exatamente neste ponto que o professor deve agir, fazendo uma análise do conhecimento prévio do aluno e trabalhar para alcançar o seu potencial, o que retoma a

importância de conhecer o contexto social no qual o indivíduo está inserido. Seguindo esses preceitos, nós, professores, conseguiremos realizar um processo significativo de alfabetização, possibilitando ao aluno relacionar aprendizagens anteriores às atuais e sobretudo abrindo caminhos para aprendizagens futuras.

Contudo, é notória a importância de haver uma compreensão das relações estabelecidas entre o desenvolvimento e a aprendizagem para que seja possível entender e, sobretudo propor diretrizes para a aquisição da linguagem escrita, pois essa relação norteia o ensino e a aprendizagem.

O conhecimento de algumas teorias que norteiam o processo de aquisição da linguagem deve fazer parte indispensável da bagagem intelectual de um professor competente, conhecedor profundo do trabalho que realiza, porém esta bagagem intelectual não é uma metodologia de ensino, ela apenas torna o professor capaz de conhecer as variadas formas de aquisição da linguagem.

Muito falamos sobre língua e linguagem, mas o que seria possível então estudar dentro do contexto desses termos? Qual a ciência que estuda a linguagem e a partir de quais pontos? Para melhor compreensão destes, torna-se de extrema importância estudar as concepções de linguagem e suas aplicações no ambiente escolar- em especial no ensino de Língua Portuguesa e social, bem como também os conceitos de linguística.

Segundo Cagliari (2009, p. 35-36), “A linguística tem por objetivo o estudo da linguagem e, por conseguinte, não é por si um método de ensino.”. A linguística é o estudo científico da linguagem. Está voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular, quer fazendo um trabalho prescritivo previsto pelas teorias quer usando os conhecimentos adquiridos para beneficiar outras ciências e artes que usam, de algum modo, a linguagem falada ou escrita. Ambos os conceitos nos remetem à compreensão de linguagem. Vejamos agora alguns autores que discutem este tema.

Segundo Geraldi (1984), a linguagem pode ser estudada em três aspectos, podendo ser vista como expressão do pensamento, como um instrumento de comunicação e como uma forma de interação. A linguagem é a expressão do pensamento quando ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebermos a linguagem como tal, somos levados a afirmações – correntes – de que as pessoas que não conseguem se expressar, não pensam. É um ato puramente individual, o homem já nasce com essa capacidade de usar a linguagem apenas para expressar seu psíquico, externar o que se encontra em seu interior. Desse ponto de vista, a língua seria um produto acabado, estável, inflexível.

A linguagem é instrumento de comunicação quando simplesmente tem uma função comunicativa, ou seja, está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem. Para que haja a comunicação, é necessário seguir regras preestabelecidas pela língua, tais como formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Assim a linguagem estabelece um jogo de direitos e deveres, usada para marcar pessoas, classes sociais. Seria esse então o aspecto da linguagem que seleciona quem se adapta as regras, excluindo aqueles que não as dominam.

A linguagem é uma forma de interação, quando não só possibilita uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, como também quando é vista como um lugar de interação humana: por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala. Dessa forma, o enunciado pode ser flexível e alterado de acordo com a necessidade da interação, o que não é permitido que aconteça nos outros dois aspectos da linguagem.

Desse modo, esses aspectos da linguagem levam as três grandes correntes da linguística, como descreve Geraldi (2012, p. 41): “(...) gramática tradicional, o estruturalismo e o transformacionalismo e a linguística da enunciação.”. Estas correntes norteiam o ensino, não só da língua Portuguesa como também de outras disciplinas.

A língua, para Saussure (1995, p. 17), “(...) é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.”. Dessa forma, o indivíduo não pode criá-la e muito menos modificá-la, ao passo que há uma associação entre uma imagem (significado) a um conceito. Ao entender que a língua é um produto social, inferimos que esta é produzida socialmente, dado que esta se concretiza quando é usada em sociedade. Já a fala caracteriza-se no individualismo e dela o indivíduo é sempre senhor.

Temos então, o conceito de linguística, que é fazer um estudo da linguagem, essa por sua vez, tem seu lado social, que é a língua e seu lado individual, que é a fala. A partir desses postulados, Saussure define seu objeto de estudo, que é a língua, como sistema de signos, composta de um significado e um significante, ou seja, uma imagem acústica podendo ser traduzida em uma imagem visual constante, já a fala seria impossível fotografá-la em toda sua essência, haja vista que esta é um ato único e exclusivamente individual.

Depois de compreendermos os conceitos de linguagem e língua sendo uma parte integrante da outra, que está em constante evolução, podendo ser uma instituição atual e ao

mesmo tempo um produto do passado, passemos agora a uma análise de como vem sendo adotada essas teorias no ensino de língua portuguesa, quais contribuições trouxeram no intuito de cooperar com o terceiro aspecto da linguagem, que é o uso da língua como lugar de interação.

Assim, Cagliari (2009, p. 15) diz que: “Muitos adultos estudam línguas estrangeiras por anos e não chegam a atingir a proficiência linguística de uma criança de 3 anos.”, ao contrário de um nativo da língua, que nessa idade já tem um domínio amplo que lhe permite comunicar-se perfeitamente. Isso acontece porque a criança convive com pessoas que dominam este idioma, pois explica Cagliari (2009, p. 16) que “(...) além das peças e dos jogadores são necessárias as regras do jogo, regras estas que qualquer criança na referida idade consegue aplicar perfeitamente ao realizar sua fala.”.

Ocorre que a escola tenta moldar o aluno às suas normas, normas estas impostas pela classe dominante que julga dominar o “falar certo”. Com isso, automaticamente os dialetos diferenciados causam também a divisão de classes, quem sabe dominar as regras padrões imposta pela escola, fica; quem não sabe, sai; causando assim um grande número de reprovação ao final do ano letivo, como diz Cagliari (2009, p. 18) “(...) as crianças sentem, mas não sabem agir linguisticamente a isso.”.

Percebemos que a escola, como instituição social, deveria ser acolhedora, respeitando os dialetos e tentando evitar a divisão de classes sociais dentro de seu espaço. Mas, na prática não é bem assim que funciona, ela seleciona seus aprendizes, ao passo que determina o que é certo e o que é errado, sem observar a realidade de cada membro que a procura com intuito de buscar novos conhecimentos. É justamente a linguagem a arma usada para estratificar as classes escolares, pois como bem diz Cagliari (2009, p. 23) “(...) a escola usa e abusa da força da linguagem para ensinar e para deixar bem claro o lugar de cada um na instituição e até mesmo na sociedade fora de seus muros”.

Agindo desta maneira a escola, representada por nós, professores, perde de vista seu objetivo, de como deveria agir diante do ensino de língua portuguesa, que segundo Cagliari (2009, p. 24) “O objetivo geral do ensino de língua portuguesa para todos os anos na escola é mostrar como funciona a linguagem humana.” e não simplesmente cobrar regras e mais regras que de nada servem, senão para constranger o aluno e fazer este sentir-se menos capaz que os outros alunos que dominam a norma padrão da nossa tão amada e ao mesmo tempo odiada língua portuguesa.

Ensinar as práticas de linguagens não é somente envolver-se em um emaranhado de metodologias e regras que devem ser decoradas e aplicadas no decorrer das aulas. Este ensino deve ser ligado e voltado para os fenômenos da fala, da escrita e da leitura. Estas, portanto, são

três realidades do ensino de uma língua, haja vista que cada um desses fenômenos tem suas especificidades e realização própria. Assim, Cagliari (2009, p. 28) diz que

(...) a fala apresenta uma variedade de dialetos, a escrita tantas leituras quantos forem os dialetos, mas a escrita ortográfica é o único uso da língua portuguesa que não admite (por princípio), e que pela mesma razão não precisa ser reformada.

Ensinar Língua Portuguesa para falantes nativos desta língua não é uma tarefa fácil, sobretudo quando se tem um ensino enraizado em regras gramaticais, que valoriza a linguagem de maior prestígio, que exclui quem fala diferente. Desconsiderando que não há um falar certo ou errado, mas sim uma forma diferente de falar, forma esta que é considerada pela escola como, estigmatizada e marginalizada, quem a utiliza não merece estar entre aqueles que dominam a linguagem de maior prestígio.

Qual seria então a forma correta de ensinar Língua Portuguesa? Cagliari (2009, p. 29) diz que “(...) a metodologia de ensino e avaliação de uma disciplina qualquer, e nisso o Português não é exceção, deve necessariamente emergir da própria natureza da disciplina a ser ensinada.”. Deste trecho, depreendemos que, precisamos obrigatoriamente ter o conhecimento linguístico, para então compreender o funcionamento da língua e agir de forma a não excluir aquele aluno que fala diferente, haja vista que a língua é produzida socialmente, pois a mesma se concretiza quando é usada em sociedade. Assim, nós, enquanto professores, devemos ter por objetivo ensinar como a língua funciona.

O ensino de Língua Portuguesa nos moldes que vem sendo ensinado até aqui é alvo de diversas críticas entre os estudiosos da área da linguística aplicada, pois os professores que de fato atuam nas bases do processo, na maioria das vezes estão distantes, alheios não só às teorias que fundamentam essa prática, como também as novas metodologias que vem sendo experienciadas. Não bastasse essa falta de interesse que alguns professores tem em buscar atualização na área, temos ainda o fato de que muitos cursos de graduação em letras, ofertados nas diversas universidades existentes, não são capazes de oferecer uma base sólida para que os profissionais da área possam atuar de forma significativa na aprendizagem da língua materna, considerando os alunos muitas vezes como estrangeiros da sua própria língua.

De acordo com Cagliari (2009), ao iniciar sua vida escolar por volta dos três anos de idade, a criança já entende e sabe falar a língua portuguesa, comunicando-se em diversas situações de sua vida, salvo os casos de problemas biológicos causados por patologias neurofisiológicas graves. Dessa forma, cabe à escola dar continuidade ao processo de

desenvolvimento da linguagem da criança, considerando os avanços apresentados por ela, já no início de escolarização.

Assim, parece bastante salutar refletir sobre o fato de que a capacidade de comunicação adquirida até então, não foi fruto de treinamentos ou prontidão, nem foi preciso alguém arranjar a linguagem em ordem de dificuldades crescentes para facilitar o aprendizado. Ela simplesmente foi exposta a um mundo linguístico e aprendeu a agir sobre ele fazendo uso do que lhe é permitido fazer com a linguagem. Desta forma a mesma já dispõe de um pequeno vocabulário e de regras gramaticais, embora entenda um número maior de palavras do que aquelas que utiliza.

Porém, mais importante do que o léxico é a própria estrutura gramatical da língua, ou seja, uma criança pode chegar à escola falando “nóis vai jogar bola”, mas, provavelmente, não diga “bola jogar nóis vai”, portanto seja qual for o dialeto trazido pela criança possui uma gramática internalizada. É inconcebível o fato da escola tomar a escrita ortográfica de um determinado dialeto, embora seja considerado padrão, como base para tudo.

Na análise de muitos erros encontrados em provas e nas avaliações feitas na alfabetização, é fácil observar que, em muitos casos, a criança revela um apego às formas fonéticas da língua, em lugar de formas ortográficas, não raramente deixando o professor perplexo com a “burrice do aluno”, devido a sua incapacidade de analisar a fala com a mesma competência que a criança apresenta (CAGLIARI, 2009, p. 25)

Essa realidade, que também é nossa, precisa ser considerada pela escola, que, como já foi citado, trata o aluno como estrangeiro. O que precisa ser observado, é que ela não sabe ler e nem escrever. Esses, de acordo com Cagliari (2009, p. 25) são usos novos para ela, o que irá permitir a aplicação de diversas hipóteses sobre o novo objeto de ensino. Portanto, faz-se necessário que o professor compreenda as fases da aprendizagem do aluno, valorizando e interferindo de forma significativa em cada etapa do desenvolvimento; compreendendo “os erros” como parte do processo de aprender a escrever. É preciso considerar que:

(...) os alunos, ao aprenderem a escrever produzindo textos espontâneos, aplicam nessa tarefa um trabalho de reflexão muito grande e se apegam a regras que revelam usos possíveis do sistema de escrita do português. Essas regras são tiradas dos usos ortográficos que o próprio sistema de escrita tem ou de realidades fonéticas, num esforço da criança para aplicar uma relação entre letra som, que nem é unívoca nem previsível, mas que também não é aleatória. Esse conjunto de possibilidades de uso se circunscreve aos usos da língua e aos fatos da produção da fala. (CAGLIARI, 2009, p. 120)

Somos provenientes de uma escola multifacetada, na qual há valorização de posição social, que ainda leva em consideração a “ideologia do dom” citada por Soares (2017, p. 17), que traz a ideia de que as diferenças sociais teriam sua origem em diferenças de aptidão de inteligência: a posição do indivíduo na hierarquia social estaria determinada por suas características pessoais. Contudo, prega que a função da escola, seria de oferecer oportunidades iguais para alunos diferentes.

Soares (2017, p. 17) acredita que as implicações para o fracasso na/da escola gira em torno de três teorias básicas. A primeira explicação já foi dada anteriormente, que é a ideologia do Dom, acreditando que o fato de ser mais ou menos inteligente já proveniente do próprio aluno, e que a escola nada poderá fazer para mudar essa situação. Essa ideologia cai por terra, quando a maioria dos alunos retidos na escola é proveniente de classes populares.

A segunda explicação dada pela autora, diz respeito à ideologia da deficiência cultural, esta teoria, traz a ideia de que “as diferenças sociais teriam sua origem em diferenças de aptidão, de inteligência: a posição dos indivíduos na hierarquia social estaria determinada por suas características pessoais”. De fato, não é isso que acontece, pois as desigualdades sociais nada tem a ver com características pessoais, mas sim, econômicas.

A terceira explicação refere-se à ideologia das diferenças culturais. Com isso a Soares (2017, p. 23) diz que: “negar a existência de cultura em determinado grupo, é negar a existência do próprio grupo”. A escola então fracassa quando renega que cada grupo social tem sua cultura, cada grupo tem seu estilo próprio de vida, ou seja, cada grupo tem suas características culturais próprias, com certeza, diferentes das características culturais de uma classe social privilegiada. Certamente, é a cultura da classe dominante que a escola tenta refletir e transformar em única cultura legítima.

Nesses postulados, é possível perceber que a escola atribui o fracasso do aluno, ao próprio, e nunca a sua forma de agir diante de situações diferentes com pessoas diferentes. Soares (2017, p. 25) nos remete ao papel da linguagem frente às diversas explicações para o fracasso escolar no contexto das diferentes ideologias. É a associação entre a ideologia da “deficiência cultural” a uma possível “deficiência linguística”, que segundo a escola, explicaria o fracasso escolar das camadas ditas “populares”.

Já a ideologia das “diferenças culturais” se centra nos estudos de Sociolinguística sobre a linguagem das camadas populares. Esses estudos mostram que a linguagem das camadas populares é diferente das camadas sociais mais prestigiadas. Contudo, a Sociolinguística mostra as diferenças entre essas linguagens; mas, em nenhum momento considera uma menos importante em detrimento a outra e, a escola prega sempre a igualdade, o respeito às diferenças.

Isso pode até acontecer apenas em discurso, pois a realidade se revela de forma bem diferente e assustadora. Será que aquele aluno que tem um dialeto diferente daquele exigido pela escola, tem as mesmas oportunidades que aqueles que dominam a norma padrão? Entre os muros da escola a realidade é outra e, o que há na verdade é uma escola que não respeita a diversidade linguística, uma escola intolerante em vários aspectos.

Nessa perspectiva, voltando-se para o ensino de línguas, considerando como um dom o ato da fala, o falar “certo” e o falar “errado”. É exatamente assim que a escola reage diante de um aluno que não domina a norma culta de uma língua, levando a falantes nativos a acreditarem que não sabem falar a própria língua, simplesmente porque não conseguem adequar sua fala as normas exigidas pela escola, confere Soares (2017, p. 14) “Não há escola pra todos, e a escola que existe é antes contra o povo que para o povo”, pois esta, ao invés de acolher, afasta os alunos menos favorecidos, retendo-os logo nos primeiros anos de acesso a esta.

Segundo Cagliari (2009, p. 31), “os dialetos de uma língua são como que línguas específicas, com sua gramática e usos próprios, todavia muito semelhantes entre si.” Pelo simples fato de ter essas especificidades, não é correto considerar como “errado” a fala de uma pessoa que usa um dialeto diferente, pois como afirma Cagliari (2009, p. 31) “o uso linguístico dialetal não é por si errado, é apenas diferente do uso de outro dialeto.”

A linguagem gira em torno de três aspectos, ou três concepções de acordo com Geraldini (2012, p. 41). O que podemos perceber é que há ainda uma forte tendência de ensinar seguindo a segunda concepção da linguagem que é quando esta usa a língua apenas como instrumento de comunicação, isto é, aplica a teoria da comunicação, que segundo Cagliari (2009, p. 35): “não é uma teoria sobre a linguagem, mas sobre um aspecto dela, que é a função comunicativa, a qual, por sinal, nem sequer representa a função principal da linguagem”.

Por conseguinte, ao ensinar por essa concepção, nós estaremos impossibilitando o aluno de agir e interagir por meio da linguagem, podendo dessa forma limitar o aprendizado do aluno que, ao se deparar simplesmente com regras e normas a serem seguidas, acaba por desistir ou simplesmente se tornar mais aluno na lista dos que repetem de ano, por não conseguirem se adequar a regras padrões.

Com isso, no momento em que deveríamos ser acolhedores, acabamos por abandonar e desprezar o aluno menos favorecido linguisticamente, este mesmo aluno que de certa forma lutou para que a escola fosse democrática em sua forma de ensinar. Como bem diz Soares (2017, p. 14), “A escola pública não é, como erroneamente se pretende que seja, uma doação do Estado ao povo, ao contrário, ela é uma progressiva e lenta conquista das camadas populares, em sua luta pela democratização do saber, por meio da democratização da escola”.

Percebemos que o que há na verdade é uma falsa ideologia de que a escola ensina diferente para pessoas diferentes, o que acontece de fato é que a escola ensina igual para pessoas diferentes. Isso pode ser observado em meu *locus* de pesquisa, ao passo que, alguns professores fazem seu plano de aula sem dinamismo e inflexível com o objetivo de atender uma turma mista, de linguagens e classes sociais diferentes. O que falta, na verdade, é conhecermos as teorias que norteiam o ensino das práticas de linguagem, para então, agirmos sobre nossa prática. Para corroborar com este pensamento temos uma citação de Cagliari (2009, p. 36) apontando que: “A incompetência dos alunos nada mais é do que a incompetência da escola.” Como poderia ter sucesso no processo de ensino uma escola que não valoriza a diferença dos seus alunos? Uma escola que prega que quem não domina a língua padrão não é bem visto pela sociedade e, portanto, não consegue interagir com esta.

No decorrer deste capítulo fizemos um breve relato sobre a história da linguística e os caminhos percorridos para que se chegasse ao seu objeto de estudo. Em seguida foi feita umas críticas à escola e sua forma de ensinar Língua Portuguesa. Ao analisar esta forma de ensinar, retomamos um pensamento de Antunes (2003, p. 40) quando ela diz que tem um certo receio em oferecer mais referenciais teóricos aos professores, pois estes parecem ser descrentes de teorias. Com isso Antunes nos remete a uma questão bastante importante e real: os professores de Língua Portuguesa não conhecem as teorias que norteiam o seu ensino.

Infelizmente, essa é uma realidade que nos cerca, já que, o que vale é a prática. Mas será se essa prática de ensinar regras e mais regras tem funcionado? Acreditamos que não, senão, não haveria tantas discussões, tantos cursos com o intuito de melhorar a qualidade no ensino de Língua Portuguesa e, o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) é um forte exemplo disso. Qual seria então, a forma mais coerente de ensinar, que ofereça mais condições de produção, leitura e escrita?

Antes de iniciar este tema, é importante analisar como a escola estar trabalhando o ensino de Língua Portuguesa, que de certa forma, tem apresentado sinais de mudanças no que diz respeito ao ensino, que era puro e unicamente voltado para o ensino de gramática centrada em palavras e frases.

Para realizar esse método de ensino, por meio da gramática, usamos na escola frases soltas, desconexas e descontextualizadas, perdendo assim a essência do ensino e de uma compreensão mais ampla da linguagem. Talvez isso aconteça porque falta uma boa formação inicial e, acompanhar novas propostas de ensino em uma formação continuada para os professores. Essa falta de formação, informação e conhecimento resulta no insucesso escolar,

que mais tarde, como dito anteriormente, leva ao insucesso do aluno, que se sente frustrado por achar que não conhece sua língua materna.

Por conseguinte, acreditamos que o ensino de língua materna hoje vem sofrendo grandes mudanças, pelo menos no que diz respeito às teorias, as informações e formações acontecem com mais frequência. Porém, tais mudanças são vistas só mesmo na teoria, pois na prática o que observamos é um ensino voltada para a língua padrão no qual valoriza apenas a gramática meramente ilustrativa, sem de fato trabalhar as funções de comunicação da língua; o texto é usado simplesmente como um pretexto ou passatempo nas aulas de língua materna.

Assim, são muitos os problemas que, atrapalham e empobrecem o ensino de língua materna, que acaba por excluir os falantes nativos, por não valorizar suas diferenças dialetais e culturais. Nesse sentido, este trabalho tem seu princípio baseado na linguística, haja vista que esta é a ciência que visa a estudar e descrever as línguas. Voltada para as características universais da linguagem humana, este ramo busca explicações para eventos comunicativos, dando maior importância à língua falada e escrita dos diferentes grupos sociais.

Consideramos que nós, professores de língua materna, devemos estar preparados para enfrentar esses problemas recorrentes, não só com relação ao reconhecimento da importância da língua ser viva e está em constante transformação, como também de levarmos nosso aluno às mudanças que já ocorreram na própria história da língua. As mudanças ocorridas não são sentidas na hora em que acontecem e, na maioria das vezes, os falantes nem consciência têm de tais mudanças, pois elas são históricas, e, são essas mudanças que levarão o aprendiz a se reconhecer com falante de uma língua materna, sem sofrer preconceito, pois se há variação, ocorreu mudança na estrutura da língua.

Desse modo, entendemos que o ensino de Língua Portuguesa deve seguir os parâmetros da terceira concepção da linguagem, que é a língua como lugar de interação, e não como lugar de repetição, de instrumentalização, de simples comparação. Para tal, basearemos nossas discussões em autores que defendem esse ponto vista.

A concepção sociointeracionista posiciona o indivíduo em uma dada instância social, levando em consideração que, a partir do seu contexto social, acontece a aquisição da linguagem tanto oral quanto escrita. A partir dessa concepção, compreendemos que os sujeitos agem e interagem dentro da realidade da língua que utiliza.

Assim, o ensino de língua materna foi contemplado com essa concepção, haja vista que, quando compreendemos a realidade do aluno, podemos atuar diretamente em suas necessidades, possibilitando que as capacidades de comunicação sejam ampliadas. Uma das possibilidades de ampliar essa comunicação é ensinar a língua materna a partir dos gêneros

discursivos, pois só assim, o aluno perceberá a língua em seu uso real, adequando-a as diversas situações comunicativas.

Veremos na sequência as contribuições que a sociolinguística trouxe para o ensino de língua materna.

1.2 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A sociolinguística, por intermédio de seu precursor, Willian Labov (1972), teve grande contribuição para o ensino de línguas, suas pesquisas fundamentadas nesta área mostram que é possível desenvolver práticas de linguagem que tenham algum significado e alguma importância, no sentido de incluir alunos descendentes das classes sociais menos favorecidas, fazendo com esses alunos deixem de se sentir estrangeiros em relação à língua utilizada pela escola e, com isso, consigam participar de forma satisfatória das práticas sociais que demandam conhecimentos linguísticos diversos, pois a língua é heterogênea, assim como a sociedade.

Para corroborar com este pensamento, Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) diz que: “No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas, não são seriamente levadas em conta. A sociedade é norteada para ensinar a língua da cultura dominante, tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”.

Desta forma, a escola torna o ambiente que deveria ser de inclusão, de aprendizagem, em um ambiente excludente, onde quem não domina a língua padrão não tem as mesmas oportunidades, ou até mesmo, nenhuma oportunidade de progredir profissionalmente, haja vista que o aprendiz, por sofrer discriminação, acaba por abandonar a escola. Com nosso projeto, pretendemos incluir esse aluno na comunidade escolar, mostrando que a escola é somente uma extensão da sua realidade social e cultural, apresentando a ele, a língua como a conhece e suas variações.

Percebemos, que a escola tende a representar apenas a classe dominante, pois ao contrário dos alunos provindos das classes mais prestigiadas, cuja variedade de língua é também a variante de prestígio, a mesma que é reproduzida pela escola, a maioria dos alunos das classes menos favorecidas, são bastante prejudicados, pois, além de ter que, praticamente, aprender uma nova língua, língua essa determinada pela alta sociedade, não tem sua variedade de língua valorizada, reconhecida e muito menos colocada como objeto de estudo na sala de aula, ela é simplesmente banida pela escola. Enquanto professores, devemos evitar tal atitude excludente e tornar as aulas de língua materna, mais prazerosas, um ambiente de múltiplas aprendizagens.

Como falamos anteriormente, e observamos frequentemente em nossas escolas é que, muitas vezes, os alunos usuários das variedades populares são discriminados em função da sua maneira de falar, haja vista que a sociedade na qual esses alunos estão inseridos também sofre discriminação em detrimento da chamada “alta sociedade”.

Nesse sentido, o estudo da sociolinguística possivelmente veio para amenizar essas diferenças, já que, na visão de Alkmin (2012, p. 33), o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.

Assim, a escola deveria apropriar-se dos estudos da sociolinguística para então trabalhar o ensino de línguas de forma ampla, abrangendo não só a língua padrão como também os dialetos, as variantes determinadas pela sociedade em que essa escola esteja inserida. Dessa forma, ao invés de afastar os alunos, certamente os atrairia, respeitando sua diversidade e valorizando sua cultura languageira.

Uma vez que a escola aborde a questão das diferenças, ela estará atendendo aos requisitos da sociolinguística, pois Alkmin diz que:

Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente, que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza, não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIN, 2012, p. 33)

Então valorizar as diferenças e a diversidade linguística no ensino de línguas é extremamente necessário e importante, pois além de conhecer a língua padrão, ou seja, a língua reconhecida pela sociedade, o aluno também aprenderá a valorizar sua própria variação, pois se há mudança linguística, em algum momento no passado ocorreu o fenômeno da variação. Assim essas variações, segundo Bright (1966, apud ALKMIN) podem estar relacionadas a:

1. Identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
2. Identidade social do receptor ou ouvinte – relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da baby talk (fala utilizada por adultos para se referirem aos bebês);
3. O contexto social - relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existentes na grande maioria das línguas;
4. O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas. (BRIGHT, 1966, apud ALKMIN 2012, p. 31)

Observa-se que, essas variações têm uma origem, não é o aluno que cria, que inventa, ele simplesmente reproduz o que aprende e sobretudo vivencia em seu contexto social, haja vista que todas as línguas do mundo são progressões históricas, por isso a sociolinguística, não só observa essas variações, como também as compara com as estruturas sociais existente dentro de uma mesma comunidade.

É importante ressaltar que, assim como não se deve negar a existência de variações linguísticas, também não se deve negar a existência de uma língua padrão institucionalizada, pois segundo Bortoni-Ricardo:

Se a padronização é impositiva, não deixa de ser também necessária. Ela está na base de todo estado moderno, independente de regime político, na formação do seu aparato institucional burocrático, bem como no desenvolvimento do acervo tecnológico e científico. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14-15)

Nesse sentido, é papel do professor, reconhecer a existência das variações linguísticas, e, sobretudo, deixar o aluno consciente de que há muitas maneiras de dizer a mesma coisa, o que vai determinar qual variação de língua utilizar será o propósito comunicacional do falante, a esfera social a qual esse falante pretende direcionar a sua fala, assim a escola não pode mesmo ignorar as variantes linguísticas, assim como não pode deixar a deriva a estrutura padrão da língua, devendo esta, ser associada ao contexto de uso da fala e não a classe social.

Logo, temos assim, uma forma de ensinar que visa acolher o aluno, respeitando suas diferenças linguísticas e sociais, mas, sobretudo, possibilitando a este a oportunidade de conhecer outra forma de explorar sua língua materna. A partir desse caminho percorrido de aceitação pela escola dos diferentes dialetos, o ensino deve estar voltado para inclusão. Retomo aqui a pergunta: Qual seria a maneira mais adequada de ensinar Português para quem sabe falar Português?

Vários estudos foram feitos por autores, dentre eles Dolz e Scheneuwly, que se preocupam em contribuir para mudar a postura do professor frente ao ensino de Língua Portuguesa, com propostas de trabalhar o ensino de leitura e a produção textual. Será com base no ponto de vista destes autores que seguirei com este estudo.

Sabemos que o aprendizado não está atrelado somente ao contexto escolar, assim Dolz e Scheneuwly (2010, p. 81) afirmam que é possível ensinar a escrever textos também em ambientes extraescolares, ao passo que, para que tal atividade surta efeitos positivos é necessário compreender o real sentido de ensinar ofertando aos alunos oportunidades diversas de leitura e escrita, ou seja, não se pode ficar preso somente ao livro didático, mas sim buscar exercícios variados para complementar e, sobretudo preencher as possíveis lacunas na produção

textual, pois o livro didático, embora atenda a proposta curricular da Língua Portuguesa, não deve ser o único recurso empregado pelo professor.

Dolz *et al* em sua obra “Produção escrita e dificuldades de aprendizagem”, iniciam o capítulo I enfatizando a importância da produção escrita para que o aluno assuma o papel de cidadão pleno. Assim segundo os autores: “Aprender a produzir uma diversidade de textos, respeitando as convenções da língua e da comunicação, é uma condição para a integração na vida social e profissional” Dolz *et al* (2010, p. 13).

Entendemos que os professores que têm seu trabalho voltado para o ensino da produção textual estarão contribuindo para que a escola cumpra sua função social, haja vista que o termo produção textual é usado para representar às situações de interação e as operações que intervêm na atividade da escrita. Assim a escrita é considerada uma forma de comunicação, de expressão e de conhecimento. Para Dolz *et al* (2010, p. 14) : “produzir e compreender uma diversidade de textos orais e escritos é considerado como objetivo central do ensino de línguas”

Dessa forma, “escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro, permitir a leitura. Esta, por sua vez, é uma interpretação da escrita, que consiste em traduzir símbolos escritos em fala”, assim diz Cagliari (2009, p. 88), compreendemos, portanto, que praticar a leitura, significa desenvolver também a escrita; leitura vai, escrita vem.

Por conseguinte, a diversidade textual é considerada por Dolz *et al* (2010, p. 15) como fundamental para desenvolver a habilidade da escrita, sendo que ao produzir e compreender textos variados, tanto nas modalidades escritas quanto orais, o objetivo central da língua estará sendo executado.

A compreensão de textos variados nos remete ao ensino de gêneros, haja vista que nossa vida diária, a interação social ocorre por meio de gêneros textuais específicos, que o usuário utiliza. Estes se encontram disponíveis em um acervo de textos que fora criado no decorrer da história da humanidade, por isso Bakhtin (1992, p. 279) diz que gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana.

Nesse sentido, levamos em consideração a capacidade de comunicação que o aluno já adquiriu, bem como a identificação de possíveis problemas de escrita que porventura o aprendiz vier a apresentar, como condições essenciais para a adaptação do ensino as suas necessidades, ou seja, o ponto de partida para um trabalho com produção textual é sempre o aluno, sua capacidade de comunicação e o problema que emperra a escrita.

Ao utilizar a escrita o aluno representa seus pensamentos, sentimentos, emoções e ideias desenvolvendo seu próprio estilo, portanto produzir texto é revelar uma imagem de si, a partir

dessa imagem revelada uma análise minuciosa do professor servirá de intervenção para que o aluno possa ampliar sua capacidade de escrita. Assim, o professor deverá deixar claro aos alunos/aprendizes que, ao produzir um texto, os componentes gramaticais, lexicais e ortográficos também devem ser observados. Dessa forma os alunos tomam consciência das características dos comportamentos languageiros.

Com isso, observamos em sala de aula que não somente o professor de línguas tem a obrigação e a necessidade de trabalhar a escrita, pois essa deve ser transversal e perpassar por todas as disciplinas, pois a mesma desempenha um papel fundamental na aprendizagem das disciplinas escolares. Essa integração da escrita com as várias áreas de conhecimento contribuirá de uma forma ou de outra para uma melhor qualidade do ensino.

É importante ressaltar que o trabalho com a escrita é complexo, o aluno não aprende a partir de um programa predeterminado pronto e acabado, que vai do simples ao complexo, mas no contexto de um processo de construção em situações complexas de comunicação, pois não se aprende a escrita de forma ampla, e sim em função da proposição textual e das situações de comunicação em que se pretende expor esses textos.

Assim, a escrita tem uma dimensão a ser seguida, que são os componentes tanto da escrita quanto do texto a escrever, são eles: fenômeno psicológico que envolve o cognitivo, afetivo e sensório-motor, o fenômeno linguareiro, que envolve os componentes textual, pragmático, sintático, lexical, ortográfico e gráfico e, por fim, vem o fenômeno social que envolve as dimensões interacional e cultural. Com isso, observa-se que o trabalho com produção textual é complexo.

Como dito anteriormente, todo texto deve ser criado em função de uma situação comunicacional, então os Dolz *et al* (2010, p. 25) abordam as cinco operações mais importantes referentes a produção textual, sendo que cada uma delas se referem a uma situação de comunicação que guia a escolha de uma base de orientação para a produção de um gênero textual de referência.

Como primeira operação é destacada a contextualização, que consiste em interpretar a situação de comunicação de modo a produzir um texto coerente, ou seja, um texto que tenha sentido e que seja pertinente à situação. Como segunda operação, é destacado o desenvolvimento do conteúdo temático em função do gênero, pois cada gênero exige um tipo de conteúdo em sua construção e gênero apresenta uma organização interna diferente. A terceira operação refere-se à planificação em partes, pois, um texto é uma sequência que apresenta uma organização.

Os sinais de pontuação, os parágrafos, e os organizadores textuais são as marcas linguísticas características da quarta operação, servindo para marcar a segmentação e a conexão entre as partes. A quinta e última operação citada pelos autores se refere à releitura, revisão e reescritura do texto, isso significa dizer que o produtor vai retornar ao seu texto com visando solucionar os problemas elencados, com o intuito de solucioná-los.

Ainda na obra de Dolz *et al* (2010), *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*, em seu segundo capítulo, objetiva tratar dos obstáculos, dificuldades e erros de escrita, pois o erro leva a perfeição, senão a perfeição, mas pelo menos uma produção final bem elaborada. Assim os autores dizem que desenvolver o saber-escrever implica uma transformação dos conhecimentos e das capacidades de linguagem do aprendiz, então eles veem os obstáculos e as dificuldades como intrínsecas a aprendizagem.

Em virtude disso, é necessário conhecer o alicerce das dificuldades, de onde provêm essas dificuldades de escritas para bem organizar as dificuldades de ensino, são elas: motivacionais, enunciativas, procedimentais, textuais, linguísticas, ortográficas e sensório-motoras. Ao conhecer a fonte das dificuldades há uma facilidade de intervenção por parte do professor exatamente nesses pontos de dificuldades, podendo oferecer uma ajuda de modo mais eficaz.

Essa intervenção requer bastante cuidado, haja vista que os erros dos alunos não podem ser repreendidos e muito menos citados como tais, pois os mesmos fazem parte dos processos de aprendizagem e nos informam sobre o estado de seus conhecimentos, facilitando um diagnóstico sobre em que ponto o aluno está indicado a direção do que deve ser feito, para que o aluno possa melhorar e aprimorar sua produção textual, portanto o erro é considerado por Dolz *et al* (2010, p. 32) como uma passagem obrigatória que permite a apropriação das convenções da escrita.

Sendo a proposta de Dolz *et al* (2010, p. 39), o trabalho com a produção, escrita e reescrita de texto, nesta mesma obra eles propõem que este trabalho deve estar ancorados nos gêneros textuais.

Segundo Dolz *et al* (2010, p. 40), com os gêneros textuais, contribuimos para construir referências culturais, não apenas em relação aos textos do patrimônio cultural, mas também ao conjunto da herança social inscritos nas redes de intertextualidade. Dessa forma, gênero também perpassa pelo contexto cultural, ao passo que um determinado gênero, em determinada cultura tem uma funcionalidade, já em outras há necessidade de aprimoramentos de tais gêneros, como exemplo, temos a carta, que fora muito usada anteriormente e atualmente temos o e-mail, que é seu sucessor.

Assim, o gênero pode ser considerado como um potencializador no processo de ensino da produção escrita, pois, o gênero, como instrumento de aprendizagem, permite ao aprendiz ter acesso a determinadas significações que se interiorizadas, contribuem para o desenvolvimento de suas capacidades linguageiras.

Nessa perspectiva, Dolz *et al* (2010, p. 45) propõem um trabalho com agrupamento dos gêneros, centrado nas características comuns de cada gênero, ele permite economizar trabalho com alguns componentes no decorrer do ensino, facilitando o trabalho tanto do professor quanto à compreensão do aprendiz. Outra vantagem apresentada pelos autores, com relação ao agrupamento dos gêneros, são as possibilidades de trabalho com práticas sociais, uma vez que a análise do uso dos gêneros se constitui como uma referência para avaliar a eficácia comunicativa dos gêneros. A terceira vantagem diz respeito aos aspectos associados às representações “genéricas” coletivas a veiculadas pelo uso do gênero, haja vista que os gêneros são nomeados, identificados e categorizados pelos seus usos.

Após percorrer o caminho desde a importância da produção escrita até a necessidade de trabalhar essa escrita ancorada nos gêneros textuais, como potencializador desse trabalho, Dolz *et al* (2010, p. 52) trazem os procedimentos de análises dessas produções textuais, pois de nada adiantaria produzir um texto, se não for feita as análises para posteriores avanços. Esses elementos que fundamentam o procedimento de análise dos textos dos aprendizes são: a progressão curricular, a reconstrução da consigna e a tabela de avaliação.

A progressão curricular consiste no fato de que nenhum trabalho com gênero jamais é feito de maneira definitiva, pois, apresenta continuidade e rupturas durante as etapas de realização. Isso significa dizer que um gênero não deve ser limitado a uma única série, ele deve ser retomado nas séries seguintes quantas vezes fossem necessárias, incorporando características mais complexas, pertinentes à série em questão.

A reconstrução da consigna está voltada para reconstrução da situação de aprendizagem, se o aluno não compreendeu a situação, é necessário reconstruí-la quantas vezes for preciso para que o aprendiz compreenda e consiga realizar atividade proposta. A consigna representa o modo que será utilizado para apresentar o gênero textual mobilizado.

A tabela de avaliação consiste na revisão do texto, sendo essa o último procedimento da análise textual, devendo seguir os seguintes itens: representação geral do texto, conteúdos temáticos, adaptação a situação de comunicação, a planificação e a textualização. Esse procedimento consiste em agrupar os diferentes erros encontrados em um mesmo texto de acordo com as dimensões mencionadas anteriormente.

Diante do exposto, compreendemos bem a importância dos trabalhos de produção escrita via gêneros textuais, pois só por intermédio dos mesmos, a produção textual ganhará sentido, partirá da teoria para a prática à medida que envolverá os alunos nas práticas sociais e nas situações comunicacionais pertinentes a cada texto produzido, preparando assim o aprendiz para resolver problemas de comunicação outrora dificultados pela falta de conhecimento.

Vejam os a seguir algumas concepções de leitura e como acontece a formação do leitor. Tal discussão é relevante para o trabalho porque nos permite conhecer o perfil do nosso aluno enquanto futuro leitor e, sobretudo, como poderemos atuar diretamente na construção desse perfil.

1.3 CONCEPÇÕES DE LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITOR

A escrita como forma de interação é uma atividade que somente exerce essa função quando realizada entre duas ou mais pessoas, levando em consideração que quando escrevemos alguma coisa, estamos pensando em alguém, em quem vai receber esta informação. Antunes (2003, p. 44), afirma que “a escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas”.

Logo, a escrita tem uma interdependência da leitura, haja vista que só escrevemos porque pensamos em quem vai ler, pretendemos que haja um encontro uma parceria com o leitor. Esta é, portanto, a expressão de nossos pensamentos, ideia e informações que de alguma forma queremos dividir com alguém para que de fato possamos alcançar essa interação. No intuito de reafirmar tal pensamento, vejamos uma citação:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém. (...) a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor, a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN 1995, p. 113)

Dessa forma, a palavra se concretiza na escrita, possibilitando uma proximidade entre o autor e o leitor. Com isso, ao produzir um texto, devemos ter em mente o nosso interlocutor, pois escrever sem saber para quem estamos escrevendo, pode ser uma tarefa ineficaz, haja vista que a referência do outro é ponto crucial para atrair o leitor ao texto. Então, se temos a pretensão de escrever uma receita, já temos que ter em mente as características de pessoas que gostam de ler receita e, sobretudo que gostem de cozinhar, assim, podemos usar as palavras adequadas a esse tipo de texto.

À medida que aumenta nosso repertório de conteúdo, aumenta também nossa capacidade de produzir textos, por isso dizer que a preparação maior para que se adquira a habilidade de escrita é encher nossa mente de ideias, essa reposição ou aquisição de ideias é adquirida por meio da leitura, não uma leitura unilateral, mas sim uma leitura de variados textos. Nesse sentido, concordamos com Cagliari (2009, p. 130) ao dizer que “(...) é muito mais importante saber ler do que saber escrever (...)”, pois é por intermédio desta que conseguiremos chegar a uma escrita eficaz.

A escola seria então o lugar que possibilitaria esse primeiro contato com a escrita, pois não basta querer escrever, é preciso saber o que escrever, ter ideias, pensamentos e informações que possam atrair a atenção do possível leitor. “Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do ‘não ter o que dizer’” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Fica claro, que se não temos o que dizer, certamente não escreveremos nada, pois o repertório para que uma escrita de fato aconteça é necessário. Esse repertório é adquirido com o acesso a diversos tipos de textos, a diversas informações, a diversificadas situações sociais que possibilitem o contato com a leitura e a escrita. São nesses momentos que percebemos o fracasso escolar, pois limitam o acesso do aluno a uma gama de texto e acreditam que o simples acesso às regras gramaticais seja suficiente para que o aluno desenvolva habilidades de escrita.

A escrita nada mais é do que uma tendência que ajuda a compreender a língua enquanto atuação social, pois como lembra Cagliari (2009, p. 26): “A linguagem existe porque se uniu um pensamento a uma forma de expressão, um significado a um significante como dizem os linguistas”. Esse pensamento seria então o repertório já vinculado a nossa mente e a forma de expressão seria a escrita propriamente dita.

Diante do exposto, percebemos que a escrita é uma modalidade de uso da língua, por assim ser, ela também existe para cumprir funções comunicativas. Ao observar a relação de comunicação dentro de um ambiente formal, como uma prefeitura em relação às suas secretarias, por exemplo, todo tipo de comunicação que há entre estas, ocorre de forma escrita, seja por meio de memorando, ofício ou qualquer outro documento. Assim, como já ressaltou Antunes (2003, p. 47): “(...) a escrita na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes”.

A partir destes postulados, podemos dizer que a escrita assume aspectos diferentes da fala, ambas são diferentes tanto em sua estrutura, como também quanto ao uso. Considerando-se que a escrita tem um uso mais formal, requerendo habilidades mais específicas e previamente estabelecidas, por outro lado a fala pode ser considerada informal por ser mais espontânea,

podendo também assumir um aspecto formal dependendo do ambiente em que será utilizada. Se formos fazer um discurso para um grupo de professores nossa fala assume características diferentes daquela fala utilizada em uma mesa de bar por exemplo.

Essas habilidades citadas anteriormente nada têm a ver com o ensino de gramática, Cagliari já dizia que:

Para começar a escrever, as crianças não precisam estudar a gramática, pois já dominam a língua portuguesa em sua modalidade oral. A dificuldade está simplesmente no fato de as crianças não conhecerem a forma ortográfica das palavras após seus primeiros contatos com o alfabeto. (CAGLIARI, 2009, p. 106)

Outro aspecto que não menos relevantes que os mencionados anteriormente é o citado por Antunes (2003, p. 51), quando lembra que a fala corresponde a uma interação verbal a qual necessita da co-presença do outro, dessa forma o discurso vai sendo produzido coletivamente a medida que vai executando o ato de falar. Por outro lado, tem-se a escrita que também corresponde a uma modalidade de interação verbal, porém sua recepção não é tão imediata quanto a fala, esta tem uma recepção adiada, pois os sujeitos atuantes da interação não ocupam o mesmo lugar no espaço. Além disso, há um espaço de tempo entre o momento de produção e o ato da leitura. Ler é um ato linguístico diferente da produção de fala sobre um assunto qualquer (CAGLIARI, 2009).

Assim, a escrita requer planejamentos, como mostra Quadro 1 apresentado por Antunes (2003, p. 57):

Quadro 1: Etapas distintas e intercomplementares implicadas na atividade da escrita.

1 - PLANEJAR	2 – ESCREVER	3 - REESCREVER
É a etapa para o sujeito:	É a etapa para o sujeito:	É a etapa para o sujeito
Ampliar repertório;	Pôr no papel o que foi planejado;	Rever o que foi escrito;
Delimitar o tema e escolher o ponto de vista a ser tratado;	Realizar a tarefa motora de escrever;	Confirmar se os objetivos foram cumpridos;
Eleger o objetivo, a finalidade com que vai escrever;	Cuidar para que os itens planejados sejam todos cumpridos;	Avaliar a continuidade temática;
Escolher os critérios de ordenação das ideias, das informações;	Produzir sequência ordenada de ideias, informações;	Observar a concatenação entre períodos e parágrafos; ou entre os blocos superparagráficos;
Prever as condições dos possíveis leitores;	Produzir um texto diante de imagens dos leitores;	Avaliar a clareza do que foi comunicado; avaliar a adequação do texto às condições de produção;
Considerar a situação em que vai circular;	Escrever considerando a informação, o suporte;	Rever a fidelidade de sua formulação linguística às normas da sintaxe e da semântica, conforme prevê a gramática da estrutura da língua;
Decidir quanto às estratégias textuais que podem deixar o texto adequado à situação;	Mobilizar estratégias discursivas;	Rever aspectos da superfície do texto, tais como a pontuação, a ortografia e a divisão do texto em parágrafos;
Estar seguro quanto ao que pretende dizer a seu parceiro; enfim, estar seguro quanto ao núcleo de suas ideias e de suas informações.	Orientar-se pelo projeto.	Rever a pertinência do que foi produzido frente aos objetivos.

Fonte: Antunes (2003, p. 57).

Como bem representa o quadro, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever, esse por si só, não é suficiente, é necessária uma etapa anterior e posterior a este. Cada uma dessas etapas tem sua importância para que se produzam textos adequados e relevantes. Contudo, a condição final do texto vai depender de como se respeitou cada uma destas funções.

Dessa maneira, nós, enquanto professores de Português, devemos adotar determinadas práticas que levem o aluno a produzir um texto sem se prender única e exclusivamente ao ensino

tradicional, voltado para a língua apenas como expressão do pensamento, e sim possa usar a língua com lugar de ação e interação, mediando sua relação com a sociedade que o rodeia, tendo em vista os objetivos do dizer e as imagens dos interlocutores.

Muito falamos sobre a escrita e sua relação com a leitura, aprofundemo-nos agora no ato de ler. Ler por quê? Para quem? Antunes (2003, p. 66), diz que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”. Com isso, percebemos que a escrita é fundada na leitura.

O leitor, portanto, assume papel importante no momento desta interação, ao passo que este é responsável por interpretar e compreender as intenções do texto, expressas pelo autor por meio dos elementos gráficos, capazes de levar o leitor a elaborar suas próprias interpretações.

A leitura implica vários fatores, para conseguirmos ler um texto, necessitamos de algumas informações que vão além do ensino de gramática, alguns conhecimentos prévios que se entendem para além das palavras expostas no texto, como exemplo, citarei um caso recente que para compreendê-lo, precisamos conhecer a origem dos fatos. O texto é o seguinte:

CUIDADO COM O GORDINHO DA SAVEIRO!

Ao ler uma frase dessas sem conhecer o contexto para sua produção, certamente a compreensão estará comprometida. Com isso quem não conhece a história da Fabíola, de Belo Horizonte, que disse ao marido que iria a manicure, e na verdade estava em um motel com o melhor amigo do marido, gordinho e tinha uma Saveiro, poderia encontrar dificuldade para compreender a intenção do autor, ou até mesmo, não compreender de forma alguma. No período do acontecimento foram criadas muitas outras frases. Veja algumas delas.

FOI FAZER A UNHA NÉ FABÍOLA?
NÃO DEIXE SUA ESPOSA IR Á
MANICURE SOZINHA!
QUER DIZER QUE VOCÊ FOI Á
MANICURE?

Assim, A interpretação de um texto depende de outros conhecimentos além do conhecimento da língua, (ANTUNES, 2003). Ao usar estas frases, quem as escreveu teve uma

intencionalidade por trás de sua criação, estas despertam um ar de suspeitas, de dúvida ou até mesmo de sarcasmo, porém só vai perceber esta intencionalidade o leitor ou o ouvinte que estiver com conhecimento da história, pois, “a leitura depende não apenas do contexto linguístico do texto, mas também do contexto extralinguístico de sua produção e circulação”. (ANTUNES, 2003, p. 77)

Por isso dizer que o ato de ler é decorrente do conjunto de conhecimentos e informações que devem estar disponível no momento histórico em que a leitura se realiza, o qual constitui uma determinada forma de ver o mundo. Assim, conheceremos as concepções de leitura a partir dos estudos de (KOCH 2015, p. 09).

Segundo a autora, há três concepções de leitura, que vai se modificando e se redefinindo de acordo com as concepções de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se assume. A primeira concepção de leitura tem como foco no autor. Nesta concepção a língua é vista como representação do pensamento, esta concepção de língua, corresponde à de sujeito psicológico, individual dono de sua vontade e de suas ações, o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento do autor, nada mais cabendo ao leitor senão “captar” essa representação mental, tornando-se passivo frente as intenções do produtor.

Partindo desses postulados, a leitura é concebida como atividade de captação de ideias do autor, sem levar em conta as experiências e o conhecimento do leitor. Assim, o sentido do texto está centrado única e exclusivamente nas intenções do autor, deixando ao leitor somente a possibilidade de captar essas intenções.

Na segunda concepção, o foco da leitura está centrado no texto, cuja concepção enquanto estrutura, corresponde a de sujeito determinado, “assujeitado” pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não consciência. Com isso, a língua é utilizado como mero instrumento de comunicação e o sujeito como (pre)determinado pelo sistema. O texto é visto como um simples produto de codificação de um emissor com intuito de ser decodificado pelo leitor, sendo necessário a este o simples conhecimento do código utilizado. Isto significa dizer que a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, uma vez que toda informação que este precisa está dito no texto.

Na terceira concepção, o foco da leitura está centrado na interação autor-texto-leitor. Nessa concepção a língua é vista como lugar de interação, assim, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto. Por conseguinte a leitura, vista por esta concepção, é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza evidentemente com base nos elementos linguístico, que

requer do receptor um vasto conjunto de saberes presentes no interior da comunicação, possibilitando a este, detectar tanto as informações implícitas quanto as explícitas no texto.

Dessa maneira, compreendemos que as concepções de leitura estão diretamente ligadas às concepções de linguagens abordadas por Koch (2010) e Cagliari (2009) e, com isso, o objetivo que pretendemos alcançar por intermédio da leitura está associado a qual concepção pretendemos adotar. Contudo, ao percorrer pelos conceitos destas, podemos recomendar como concepção mais adequada a ser adotada para o ensino de leitura nas aulas de linguagens é a terceira concepção, que tem seu foco voltado para a interação entre o autor, o texto e o leitor. Tendo em vista que esta concepção envolve vários tipos de conhecimentos a serem executados no momento da leitura, passemos agora, ainda sob a ótica de Koch (2015, p. 40), a conhecer um pouco mais sobre esses conhecimentos. Assim, ela afirma que para que haja o processamento textual, recorreremos a três grandes sistemas de conhecimento.

O primeiro sistema de conhecimento citado pela autora refere-se ao conhecimento linguístico, o qual abrange o conhecimento gramatical e lexical. Este conhecimento nos permite compreender a organização do material linguístico na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual, a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados (KOCH, 2015, p. 40). Este é o conhecimento que nos permite identificar o elemento relevante à compreensão do texto.

O segundo conhecimento, tem relação com o conhecimento enciclopédico ou de mundo, que refere aos conhecimentos adquiridos no decorrer da nossa vivência em grupo, sobre o mundo que nos rodeia e que nos ajuda a produzir sentidos e, sobretudo a dar sentido a determinados enunciados. Foi deste tipo de conhecimento que o leitor, ao compreender as frases citadas anteriormente, no caso da Fabíola, precisou fazer uso.

O terceiro e último conhecimento diz respeito ao conhecimento interacional, que refere às formas de interação por meio da linguagem. Esse conhecimento, engloba outros conhecimentos. O primeiro deles é o ilocucional, este nos permite conhecer os objetivos pretendidos pelo produtor do texto em dada situação de interação, podemos voltar ao exemplo do gordinho da Saveiro, pois quem escreveu aqueles *memes*, pretende que o leitor consiga estabelecer associação.

O segundo conhecimento é o comunicacional, referindo-se a quantidade de informação necessária para que o parceiro possa reconstruir o objetivo da produção textual, seleção da variante linguística necessária a cada situação de interação e a adequação do gênero textual á situação comunicativa. Isso significa dizer que o receptor precisa adequar-se a uma dada

situação de comunicação, para que seja capaz de compreender corretamente o que foi proposto pelo autor.

O terceiro é o conhecimento metacognitivo, que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro, dos objetivos com que é produzido. Assim, o autor poderá lançar mão de expressões que se constituem e comentários dentro do próprio texto, ou até mesmo de palavras realçadas para facilitar a compreensão do leitor.

O quarto está relacionado ao conhecimento superestrutural ou conhecimentos sobre gêneros textuais, que permite a identificação de textos como exemplar adequado aos diversos eventos da vida social, sendo capaz de distinguir vários tipos de textos, ao acionar esse conhecimento, o leitor será capaz de diferenciar uma recita de um poema por exemplo.

Ao investigar essas concepções, apesar das recomendações aqui postadas, o que percebemos é um ensino ancorado em poucas atividades que exigem leitura, e, quando assim acontece, o que se tem é uma leitura atrelada tanto a primeira quanto a segunda concepção de linguagem. Este tipo de ensino, não consegue cumprir a função social da escola, que é formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de agir e interagir com o mundo, pois não permite que o aluno acione os conhecimentos necessários para que se alcance uma boa leitura. Ao manter a leitura fora do âmbito de suas atividades, a escola deixa de fazer parte da vida do aluno, sendo a leitura, extensão da escola na vida das pessoas (CAGLIARI, 2009).

Conseqüentemente, quanto mais leitura nós tivermos, melhor será nossa possibilidade de compreensão de textos diversos, e maior também será nosso repertório de informações, atendendo assim, ao primeiro plano da leitura que visa à ampliação dos repertórios de informação do leitor, possibilitando a este a incorporação de novas ideias e novos conceitos.

Antunes (2003, p. 71-75) trata ainda, de um segundo e terceiro planos da leitura. No segundo plano, ela diz que a leitura pode existir apenas para experiência gratuita do prazer de ler, ou seja, ler, pelo simples prazer em fazê-lo. Já num terceiro plano, a leitura permite que se compreenda o que é típico da escrita, principalmente, o que é típico da escrita formal dos textos da comunicação pública.

No primeiro plano, a leitura está voltada para textos escolares, pois por meio da leitura de textos de outras disciplinas, oferece uma grande possibilidade de aumentarmos nosso repertório de informações, no segundo plano está destinado aos textos literários, no qual o leitor é livre para admirar, para criar imagens que sustentem sua percepção sobre o texto, e, no terceiro plano, ela está voltada para textos oficiais, pois é por meio da leitura que adquirimos o vocabulário específico para elaborarmos certos gêneros de textos (ANTUNES, 2003, p. 70).

Nesse sentido, e seguindo os planos da língua, em especial o segundo plano o que acontece na escola é que, ao mostrar um texto literário ao aluno, o que costuma acontecer é apenas seguir as propostas do livro didático. Um exemplo disso é uma atividade de leitura de um livro didático, destinado ao oitavo ano, que constava como reflexão para o ensino de leitura na prova do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) de 2014:

Somos todos poetas

Assisto em mim a um desdobrar de **planos**.
As **mãos** vêem, os olhos ouvem, o **cérebro** se move,
A luz desce das origens através dos tempos
E caminha desde já Na frente dos meus sucessores.
Companheiro,
Eu sou tu, sou membro do teu **corpo** e adubo da tua **alma**.
Sou todos e sou um,
Sou responsável pela lepra do leproso e pela órbita vazia do cego,
Pelos **gritos** isolados que não entraram no coro. Sou responsável
pelas **auroras** que não se levantam
E pela angústia que cresce dia a dia.

MENDES, Murilo. Somos todos poetas. In: _____. **Poesia e prosa completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 299.

Baseado neste poema, a proposta de atividade que segue é a seguinte:

- 1) Classifique as palavras destacadas no texto.
- 2) De quantos versos e estrofes é formado o poema?
- 3) Crie, em grupo, um desenho representativo do poema.

Fonte: http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/posgraduacao/profletras/201401/provas/caderno_de_provas.pdf

Com isso, observamos que, ao propor aos alunos uma atividade de leitura com estes aspectos, o professor não está contribuindo para a formação do leitor, tendo em vista que o texto é usado somente como pretexto para trabalhar conteúdos gramaticais. Isso limita o aluno, pois o mesmo não está tendo a oportunidade de concordar, discordar, assimilar umas ideias, rejeitar outras, enfim, de ter uma interação com o texto. Esses roteiros de interpretação de textos servem única e exclusivamente como meio para a professora dar a nota para aluno. Cagliari (2009, p. 157) e, quando o aluno não consegue responder a essas perguntas ele é considerado “burro”, pois não consegue compreender uma simples tarefa de interpretação de texto.

Ora, seria esse então esse o papel da leitura? Ler apenas para compreender as regras gramaticais de uma língua? É claro que não. Em vista disso, devemos ter em mente que a leitura é o porquê da escrita, à medida que escrevemos algo, esse algo é para ser lido. Não só lido como compreendido, a leitura é uma conversa “ao pé do ouvido” entre escritor e leitor. Portanto, ler não significa ter que responder a um questionário depois, há leitura que devem ser lidas pelo simples prazer de ler, assim, como às vezes assistimos a um filme, ou ouvimos uma música pelo simples prazer de fazê-lo.

A preparação prévia para a leitura em qualquer situação de ensino é essencial, isso pode evitar que o aluno faça uma leitura errada do texto. Esse aquecimento, que inglês chamamos *warm up*¹, pode ser feito por meio de inferências, falando sobre o assunto que vai tratar o texto, fazendo com que o aluno levante hipóteses e descobrindo assim, o conhecimento prévio que este tem sobre o texto a ser trabalhado. Outra forma de trabalhar o aquecimento é por meio do título, levando o aluno a supor qual será o tema tratado no texto. Enfim, essa pré-leitura pode facilitar a compreensão do texto e tornar a leitura mais prazerosa. Assim, Freitas (2012, p. 68) diz que “mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, de leitor principal em leitor ativo”.

A compreensão de um texto envolve muitas habilidades que ultrapassam a capacidade de simplesmente reconhecer códigos, codificar e decodificar palavras e atribuir a estas, significados. O ato da leitura ultrapassa todos esses limites, chegando ao limite da interação, levando o aluno a construir seu próprio conhecimento.

Com isto, temos a necessidade de repensar o foco atual da escola, que está voltado para a leitura como atividade mecânica e de responsabilidade individual, para assumir a leitura como atividade em alunos e professores se tornem sujeitos ativos e colaborativos, capazes de interagir com o autor do texto.

Por conseguinte, o trabalho pedagógico com a leitura visa possibilitar ao aluno o contato com diversos tipos de texto, sejam eles orais ou escritos, ampliando seu repertório de informações e viabilizando a adequação às diversas práticas sociais, a situações rotineiras, bem como possibilitando maiores oportunidades de interagir no meio em que vive.

¹ Originário da Língua Inglesa e significa aquecimento.

CAPÍTULO II – LETRAMENTO E GÊNERO DO DISCURSO: NOVOS HORIZONTES NO CONTEXTO EDUCACIONAL

De acordo com os índices das avaliações externas que visam verificar a qualidade do ensino, mostram resultados nada satisfatórios, estes podem ser verificados no site do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB 2015).

É notório que a cada ano aumenta o número de aluno que adentra o espaço escolar nos mais variados tipos de ensino que vão desde o regular até o ensino a distância. Mas o que pode ser observado desse aumento no número de alunos é que diminuiu o índice de analfabetismo no Brasil. Então, quando passamos a analisar os níveis de alfabetização desses dos alunos que acreditam estar alfabetizados, no entanto, percebemos que eles não conseguem interpretar um texto.

O que está acontecendo com a escola que não consegue preparar o sujeito para resolver problemas e situações no contexto social?

Em virtude dessa situação, o objetivo deste capítulo é fazer um estudo bibliográfico sobre letramento e alfabetização em uma vertente sociocultural e sócio histórica, com intuito de verificar os conceitos e características de cada um desses elementos e associá-los ao contexto educacional.

Após discutir e definir os conceitos de letramentos e alfabetização, foi feita uma pesquisa-ação com os alunos do 9º ano da Escola Municipal de Ensino fundamental José Luiz Cláudio, localizada no município de São Domingos do Araguaia, no período entre 15 a 19 de Maio de 2017, com a finalidade de conhecer as práticas de letramento vivenciadas diariamente por esses alunos, e com isso comprovar a importância de associar os conhecimentos escolares/acadêmicos com as mais diversas formas de interação do sujeito com a escrita.

Assim, a presente pesquisa visa ratificar a importância de associar os conhecimentos acadêmicos com os sociais, possibilitando ao aluno a oportunidade de mostrar a bagagem cultura e histórica que este possui.

O resultado desta pesquisa será mostrado mais a frente.

2.1 DEFINIÇÕES DE LETRAMENTO

Falar de letramento implica um vasto conhecimento tanto no contexto social, cultural quanto no próprio conhecimento de língua e o ensino da mesma. Então antes de aprofundar o estudo sobre letramento é de fundamental importância que conheçamos sua origem.

O termo *letramento* foi inicialmente usado por Mary Kato (1986), e logo depois passou a ser usado por vários autores, a saber, Ângela Kleiman (1995), Brian Street, Magda Soares (1998), Roxane Rojo (1998), dentre outros. Desse modo observamos um número crescente de trabalhos que investigam o letramento.

Segundo Soares (2016, p. 18): “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita.”

Com isso entendemos que qualquer pessoa que tenha domínio da escrita pode ser considerada letrada. Porém, no decorrer da leitura do livro de Soares (2016), percebemos que houve mudança neste conceito diferenciando letramento de alfabetização, pois:

(...) surge uma nova realidade social onde não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo **letramento**. (SOARES, 2016, p. 20)

Para corroborar com esse conceito de letramento, Rojo (2009, p. 98) diz que: “é possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades de práticas de letramento, sendo assim letrados de uma certa maneira”.

Para Kleiman, letramento é:

(...) uma das vertentes de pesquisa que melhor concretiza a união de interesse teórico, a busca de descrições e explicações sobre um fenômeno, com o interesse social, ou aplicado, a formulação de perguntas cuja resposta possa promover a transformação de uma realidade tão preocupante como o é a crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita. (KLEIMAN, 1995, p. 15)

Dessa forma, observamos que qualquer pessoa que consiga se envolver em determinadas práticas sociais está fazendo uso de algum tipo de letramento como, exemplo, podemos citar uma pessoa que vai ao supermercado comprar um arroz que usa diariamente em sua casa, essa pessoa pode não saber ler, mas com certeza identificará o seu arroz dentre os demais existentes na prateleira.

Neste contexto, Rojo vê a necessidade de separar alfabetismo de letramento, pois para ela:

Alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica. Já letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais,

recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98)

Assim, partindo da citação de Rojo, depreendemos que o alfabetismo não busca compreender as diversas formas de comunicações usadas no contexto social, associando assim o alfabetizado somente às competências valorizadas pela escola, deixando de lado o conhecimento que aluno adquiriu no ambiente familiar. Já o letramento é visto pela autora como algo mais completo, que compreende desde os conhecimentos adquiridos no contexto social como educacional.

Nesse sentido, Soares retoma a diferença entre alfabetizado e letrado dizendo que:

Alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado. O indivíduo letrado que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2016, p. 39)

Então, Alfabetizar seria tornar o sujeito consciente da existência de um alfabeto, que compõe por escrito, e com esses sinais, a expressão da língua falada e, portanto, garante o repasse de informação e comunicação. Já letrar seria introduzir o sujeito num rol de conhecimento em diversas áreas, é tornar o sujeito sabedor da existência e da usabilidade consciente de determinado letramento. O que nem sempre ocorre com o alfabetizado, que pode conhecer o alfabeto, mas não saber usar, tendo dificuldade, por exemplo, em interpretação textual.

Com o passar do tempo, diminuiu o número de pessoas que deixaram de ser analfabeta e passaram a fazer uso da leitura e da escrita. Observa-se tal afirmação pelo fato de que cada vez mais e mais pessoas adentram a escola em todos os níveis de ensino, conseguem ler um texto, escrever frases, mas, não conseguem atender as demandas da sociedade, não conseguem por exemplo fazer um ofício solicitando suas notas na secretária da escola.

Tais acontecimentos evidenciam um novo fenômeno, que segundo Soares se deve ao fato de que:

Não basta apenas saber ler e escrever. As pessoas de alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para se envolver com as práticas sociais de escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para preencher um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato e trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio. (SOARES, 2016, p. 45)

Para Soares (2016, p. 46), esse fenômeno só ganha visibilidade quando foi minimamente resolvido e superado o problema do analfabetismo e que, com a chegada do desenvolvimento social, cultural e político, chegaram também novas e variadas práticas de leitura, com as quais os indivíduos passaram a conviver mais e mais, para então atender às necessidades da sociedade moderna. Para a autora, há condições para que o indivíduo se torne letrado, não bastando apenas ter acesso a diversos textos e contextos, mas sim interagir com esses textos e contextos.

Como primeira condição, a autora fala da necessidade de haver escolarização real e efetiva da população, pois só se aspirou algo além da leitura e da escrita, quando aumentou o acesso à escola. Já a segunda condição exposta pela autora se deve ao fato de que falta acesso à leitura e à escrita, alfabetizam-se crianças e adultos, mas não lhes são dadas condições para praticar tal atividade.

Para explicar as diversas definições de letramento no intuito de chegar a uma única definição, Soares (2016, p. 67) vê a necessidade de explicar esse fenômeno em duas dimensões, a saber, dimensão individual e social, e tenta mostrar a natureza complexa e heterogênea dessas dimensões. A dimensão individual do letramento é definida por Soares como focado simplesmente na leitura e escrita:

A leitura, do ponto de vista da dimensão individual de letramento, é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. A escrita é também um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, mas habilidades fundamentalmente diferentes daquelas exigidas pela leitura. As habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significados de forma adequada a um leitor potencial. (SOARES, 2016, p.68-70)

A dimensão social do letramento é definida por Soares como uma prática social:

É o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 2016, p. 72)

Dadas as definições de dimensões individual e social do letramento, acreditamos que a dimensão social tende a contemplar as habilidades exigidas em nossa sociedade, haja vista que convivemos em comunidade e que precisamos interagir com os integrantes dessas comunidades.

Street (2014, p. 35) afirma que: “a aquisição de habilidades letradas não é uma necessidade prioritária no nível individual, desde que elas estejam disponíveis no nível da

comunidade.” Com isso é notório que as habilidades individuais e particulares também são importantes desde que sejam usadas e necessárias em um nível social.

No decorrer da busca de uma definição que atenda ao fenômeno do letramento, eis que surgem, então, letramentos. Com isso, Street (2014, p. 37) acredita que não se deve usar a palavra “analfabeto”, pois seria um termo pejorativo tanto no contexto social quanto cultural. Nesse sentido, o autor mostra a teoria da grande divisão, que assim como as dimensões de letramento citadas por Soares (2016, p. 67), a teoria da “grande divisão” também tem um plano individual e um plano social. Segundo essa teoria os iletrados são fundamentalmente diferentes dos letrados. No plano individual, características como raciocínio, capacidades cognitivas, facilidade com lógica, abstração e operações mentais superiores estariam diretamente ligadas ao letramento. O problema é que para a teoria da “grande divisão”, os iletrados não possuem nenhuma dessas habilidades. Para Street (2014, p. 38) e baseado no plano individual do letramento: “parece óbvio, então, que é preciso tornar letrados os “iletrados”, a fim de lhes dar todas essas características e “libertá-los” da opressão e da “ignorância” associadas a sua falta de habilidades letradas”.

Já a teoria da “grande divisão” no plano social

Postula que existe uma grande diferença tanto de tipo quanto de grau entre sociedades maciçamente alfabetizadas e aquelas com apenas uma elite ou uma minoria letrada. De igual modo supõe-se que grupos sociais carentes de letramento, mas que vivem num país majoritariamente letrado, terão desvantagens e ficarão “atrasados” e que seu “analfabetismo” é uma causa principal disto. (STREET, 2014, p. 38)

Segundo Street (2014, p.40), a predominância desta teoria introduz uma discussão ainda maior acerca do letramento, pois causa uma associação equivocada entre as habilidades de leituras e escrita com incapacidade mental. Julga-se então que quem não sabe ler e nem escrever é considerado “ignorante”.

Observamos que esta teoria não está em consonância com as definições de letramentos supracitadas, já que esta faz uma distinção entre “iletrado” e letrado, considerando o iletrado uma pessoa incapaz de agir e interagir tanto no plano individual quanto social.

Street (2014, p. 40) fala de novas abordagens sobre o letramento que rejeitam a teoria da “grande divisão”, pois para ele: “o letramento varia com o contexto social. É difícil fixar um único critério objetivo para uma habilidade amplamente representada como a chave para o progresso individual e mental”. E cita uma teoria atual:

A teoria atual, portanto, nos diz que o letramento em si mesmo não promove o avanço cognitivo, a mobilidade social ou o progresso: práticas letradas específicas ao

contexto político ideológico e suas consequências variam conforme a situação. Isso não nos leva a abandonar os esforços por difundir e desenvolver os usos e significados do letramento: de fato, nos força a questionar se o atual quadro teórico em que tais atividades são conduzidas é o mais proveitoso. (STREET, 2016, p. 41)

É possível inferir dos pensamentos de Street (2016) que políticas públicas voltadas para uma melhor qualidade de ensino, que prepare o aluno para atender às demandas da sociedade, que saiba usar o texto em contexto e não como pretexto, que saiba solucionar problemas diários, que abram as portas da escola, não só para o aluno, como também para a vida do aluno, para a bagagem que esse aluno traz, para a sua experiência social bem como cultural, precisam ser mais bem planejadas, melhor programadas e, sobretudo, aplicadas dentro do contexto educacional e valorizando o social e cultural.

A concepção da escrita dos estudos de letramento postula que as pessoas e os grupos sociais são heterogêneos e que as diversas atividades entre as pessoas acontecem de diversos modos. Assim sendo, é viável que se possibilite princípios gerais para a organização do currículo, mas as atividades para seu desenvolvimento, na interação entre os atores envolvidos no processo envolvam fatores de ordem social e pessoal, acredita-se que assim serão obtidos resultados fascinantes no que concernem as diversas formas de letramento.

Para corroborar com esse pensamento, Kleiman (1995, p. 16) diz que “os estudos já não mais pressupunham efeitos universais do letramento, mas pressupunham que os efeitos estariam correlacionados às práticas sociais e culturais dos diversos grupos que usavam a escrita”. Assim sendo, não há como dissociar ensino de língua das práticas vivenciadas por nossos alunos.

Assim, as práticas não escolares de letramento são relevantes para o ensino da escrita no contexto dos projetos de letramento, mas também a investigação de práticas locais, igualmente não escolares tem sua relevância. Logo, por meio desta é possível entender a problemática de ensino da língua escrita em geral da população brasileira e, em particular, daqueles alunos que provêm de famílias com pouca ou nenhuma escolaridade, assim como, de classe social mais pobre que são discriminados dentro da escola por não ter domínio do uso padrão da língua, tanto na escrita quanto na oralidade.

O termo letramento passou a ser usado no plural, porque, como já foi observado, não há um único tipo de letramento e sim várias formas de fazer uso da leitura e da escrita, que também podem ser chamadas de gêneros do discurso. Então, a forma mais adequada de inserir o indivíduo em um contexto social, em diversas práticas de letramento é mostrar-lhe os diversos modos de interagir em sociedade, tanto dentro quanto fora da escola a partir da língua escrita e falada

Contudo, a prática social é possível quando sabemos como agir discursivamente numa situação, ou seja, quando sabemos qual gênero do discurso usar; por isso, é natural que essas representações ou modelos que viabilizam a comunicação na prática social – os gêneros – sejam unidades importantes no planejamento. Isso não significa, entretanto, que a atividade da aula deva ser organizada em função de qual gênero ensinar, mas sim na função de qual utilidade terá o gênero que irei ensinar hoje.

Com isso, abordagem de letramento defendida neste trabalho é abordagem sócio-histórica e sociocultural defendida principalmente por Street(2014) e Kleiman (1995), que dão relevância a história de vida do indivíduo bem como sua cultura, e sobretudo postulam uma ampla visão de letramento que considera qualquer indivíduo que consiga interagir em sociedade como letrado, não marginalizando nenhum tipo de letramento.

Ao ver semelhança entre os diversos tipos de letramentos com os gêneros do discurso vemos a seguir uma seção que vai tratar dos gêneros do discurso.

2.2 GÊNEROS DO DISCURSO

Ao analisar a crescente mudança que se tem esperado no ensino da Língua Portuguesa, observa-se que muitos são os estudiosos que contribuem para uma reflexão a cerca dessa mudança. Esses mesmos estudiosos oferecem propostas que, se analisadas e postas em práticas, podem melhorar os baixos índices apresentados pelos programas que medem a qualidade do ensino da referida língua.

Para tanto, este trabalho tem sua sustentação nas bases teóricas que se ancoram em proposta de ensino da produção e leitura de textos baseados em gêneros. Nessa perspectiva, o ensino da língua, baseado no conceito de gênero, está pautado num conceito de língua como interação, pois compreende a escrita como prática social e reconhece que o texto realiza um propósito particular em uma situação específica, sendo que, os mesmos oferecem mais possibilidades de ampliar a compreensão de recepção de produção de texto, tendo em vista que cada gênero se enquadra em uma esfera social. Essa perspectiva está alicerçada nos PCN ao dizer que:

Organizar situações de aprendizagens, nesta perspectiva, supõe: planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se a sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontece e se circunstanciam,

assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade, o ensino. (PCN, 1998, p. 20)

Dado o exposto, a linguagem é vista como forma de interação, onde o sujeito, por meio de ações realizadas, age e atua sobre o interlocutor, facilitando assim a compreensão da comunicação. É importante ressaltar que essa maneira de conceber a linguagem está centrada no diálogo, que ocorre por meio da interação verbal, realizada pela enunciação entre os sujeitos. Nesse sentido, um dos principais teóricos contemporâneos sobre estudos de gêneros, relata que:

Na realidade, o ato da fala ou, mais exatamente seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma, ser considerado individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social. (BAKHTIN 1999, p. 109)

Ao fazer relação entre língua e sociedade Bakhtin afirma que em cada uma das esferas sociais, ou domínios discursivos, existem “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os quais ele denomina de gêneros do discurso. Assim: “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2003, p. 277)

Ainda segundo Bakhtin, um enunciado é composto por três elementos básicos, a saber: o conteúdo, a construção composicional e o estilo, só assim a língua poderá ser tornada discurso, através da enunciação. O conteúdo refere-se ao assunto de que vai tratar o enunciado em questão, a composição refere-se ao modo de estruturar o texto e por fim o estilo faz referência ao vocabulário utilizado, podendo este ser mais, ou menos formal, isso vai depender da esfera em que estiver sendo construído o gênero.

Além disso, um discurso está relacionado há vários fatores: o escritor, o interlocutor, a esfera social e também o contexto histórico-social. A convivência social e as ações diárias permitem ao usuário de uma determinada língua, em questão aqui a Língua Portuguesa, a aquisição de formas básicas, que lhes possibilitam a comunicação com seu grupo e a adaptação às diversas práticas sociais. Para corroborar com este pensamento, lê-se:

as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é obvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala as formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao

todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciara suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN 2003, p.302):

Ao afirmar que os “gêneros do discurso organizam nossa fala”, Bakhtin introduz a ideia de que cada usuário da língua consegue pelo contexto social saber qual gênero é o mais adequado a um determinado momento de comunicação. Essa capacidade de saber se adequar às diversas situações comunicacionais é adquirida ao longo de nossa existência.

A esse fenômeno, Koch chama de competência metagenérica, a saber:

é essa competência que nos propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas de que participamos, por isso não contamos piadas em velório, nem cantamos hino do nosso time de futebol em uma conferência acadêmica, nem fazemos preleções em mesa de bar. (KOCH, 2012, p. 54)

O trabalho com gêneros é, pois uma proposta metodológica não muito inovadora mais que, associada à escrita, poderá contribuir na tarefa de aprendizagem da leitura e da escrita, além de compreender o que está expresso nos PCN, quando versam que formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que ler, que possa aprender a ler também o que está escrito, ou seja, fazer inferências sobre o texto. A leitura com foco na interação autor-texto-leitor é:

Uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2015, p. 11)

Por todos esses aspectos, somos levadas a acreditar que é no ato da leitura e na interação com o texto que o leitor vai construir o sentido para o que está escrito no texto, levando em consideração não somente as informações expostas claramente, mas como também as que se encontram subentendidas no texto.

2.3 GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Para compreender os gêneros é necessário fazer um estudo bibliográfico sobre seus aspectos tanto sociais quanto educacionais, pois eles estão presentes em qualquer ato da fala e existem independentes de termos ou não noção de sua utilização, de sua estrutura e, sobretudo

de sua finalidade. Assim Bakhtin (1997, p. 301) diz que: para falar utiliza-nos sempre do gênero do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Dessa forma, a fala é adaptada aos gêneros sem se quer suspeitar da sua existência.

Uma vez que há a necessidade da utilização dos gêneros mesmo sem haver a intenção de seu uso, Bakhtin (op.cit) afirma que: esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. Desse modo, não é preciso ter um conhecimento científico para fazer uso dos gêneros do discurso.

Todavia, ainda sobre a ótica Bakhtiniana:

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso, e não só pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar cotidiana. (BAKHTIN, 2007, p. 285)

Quando se fala em gêneros é importante ressaltar que este, tem duas categorias que o subdividem: primários e secundários. O primário parte mais da oralidade já os secundários têm sua validade maior na escrita. Assim, segundo Dolz e Scheneuwly, (2010, p. 30) o gênero secundário é sempre criado com base em um primário, é importante ressaltar que o secundário não anula o primário, este apenas o reorganiza, partindo do oral (espontâneo) para o escrito (complexo).

Inegavelmente os gêneros surgem baseados nas diversas formas de comunicação, e Bakhtin, ao classifica-los em gêneros primários e secundários, diz que os primários são mais simples e os secundários mais complexos, determinados pela circunstância cultural. Ainda, segundo Bakhtin (2007, p. 281) “os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários de todas as espécies, que se constituem em circunstâncias de uma comunicação verbal mais espontânea a primeira vem de uma instância cultural mais simples e os segundo de uma instância cultural mais evoluída”.

Assim, de acordo com Marchuschi (2007, p. 20), os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, por isso eles podem ser trabalhados em sala, já que a escola é o reflexo da comunidade/sociedade em que está situada e os gêneros também refletem tal sociedade.

Sendo caracterizados como reflexo de uma sociedade, os gêneros sofrem transmutações lado a lado com tal sociedade, pois, à medida que a sociedade sofre mudanças,

sofre evoluções. Tais mudanças e tais evoluções também se aplicam aos gêneros. Como um forte exemplo de mudança ocorrido na sociedade que geram novos gêneros, temos aí o advento das tecnologias que fizeram aflorar e apresentar para a sociedade um novo gênero que é o e-mail, este nada mais é que uma evolução da nossa velha e conhecida carta.

Assim, tantos os novos gêneros quanto os velhos têm sua parcela de contribuição para o ensino de línguas, já que o objetivo é facilitar a comunicação. Assim, para Marchuschi (2007, p. 21), os gêneros são definidos por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, mas que no entanto, não podem ser desprezados os aspectos formais. Embora o mais importante seja a função comunicativa do gênero, sua forma também o caracteriza e o identifica.

Em suma, o que é visto como antigo instrumento passa a ter novo uso, revestindo-se de novas significações, ao mesmo tempo em que se constroem outros instrumentos para essa nova função, outros instrumentos linguísticos que diferenciam ainda mais essa função de mudança de perspectiva textual.

Dessa forma, coaduno com o pensamento de Bakhtin (1997, p. 302) quando diz que: Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos que construir cada um de nossos enunciados, a comunicação seria quase impossível. Assim, podemos dizer que os gêneros primários, aqueles que usamos mesmo antes de frequentar as escolas, são mediadores para a criação dos gêneros secundários, aqueles que usamos partindo de uma orientação mais sistemática.

Assim sendo, trabalhar a língua e seus aspectos discursivos e enunciativos senão a partir dos gêneros é praticamente impossível, pois Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) defendem que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por meio de um gênero, assim como é impossível se comunicar senão por meio de um texto, pois, ao utilizar a língua o falante está executando uma atividade social.

Desse modo, ao interagir com uma determinada esfera social, é preciso adaptar a fala aquela dada esfera e, por esse motivo a escola não pode ficar à deriva com relação ao ensino dos diversos gêneros textuais. Esses, devem ser base de ensino de textos, com o intuito de levar o aprendiz a interagir nas diversas situações de comunicação. Segundo Bakhtin (1997, p. 303), “são muitas as pessoas que dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem na prática, as formas do gênero de uma dada esfera”.

A inexperiência recorrente da falta de acesso a textos variados que circulam nas mais diversas esferas sociais leva o aprendiz a sentir-se estrangeiro nas situações de comunicação de

sua língua materna. Embora domine perfeitamente a língua, este sente-se inseguro em determinados contextos, para Bakhtin (1997) isso se deve ao fato de o aprendiz não ter experiência e de não dominar o repertório de gênero da esfera social.

Porém ao usar a língua, o aprendiz está mobilizando várias ações de linguagens, tais ações devem ser estruturadas e organizadas para que, de fato, o aprendiz compreenda o funcionamento de um determinado gênero dentro da sociedade, em que setor esse gênero pode circular, quando deve ser utilizado e etc. assim, é possível assegurar que não é uma tarefa fácil identificar um gênero, haja vista que alguns são definidos pelo seu propósito comunicacional, outros por sua forma e há ainda aqueles que serão o próprio meio de veiculação em que circulam que definirá sua forma.

Logo, é imprescindível que estejamos preparados, pois, como professores, sabemos que os livros didáticos estão fundamentados na proposta de trabalho com os gêneros, às vezes, são os professores que acabam por confundir gêneros textuais com tipos de textos. Então o que seria feito a seguir é a definição entre esses dois termos.

2.4 GÊNEROS DO DISCURSO E TIPOS DE TEXTOS

Na visão de Marchuschi (2007, p. 22), a distinção entre gêneros do discurso e tipos textuais é fundamental em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. Assim, ele caracteriza o tipo textual como uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) já quanto ao gênero textual ele diz que são os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composição características.

Com isso, conhecer a sequência tipológica de um texto é importante, mas saber sua funcionalidade seu propósito comunicativo é ainda mais importante, pois para (Bronckart 1999 apud MARCHUSCHI 2007, p. 29), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que permite dizer que ao se comunicar usando adequadamente o gênero, o aprendiz demonstra ter domínio da língua, haja vista que gênero é propósito e não forma.

Ensinar Português só faz sentido com base em textos orais e escritos, buscando uma interação entre leitura, produção textual e análise linguística. Desse modo, para que a escola enfatize o texto como unidade de ensino, antes de tudo, é necessário que o professor repense o

conceito de texto, pois normalmente o texto é usado simplesmente como pretexto para trabalhar gramática e não como propósito comunicativo.

Ao contrário disso, o texto como unidade de ensino requer um trabalho que envolva as três práticas de linguagem apresentadas nos PCN: práticas de leitura de textos orais e escritos, práticas de produção de textos orais e escritos, prática de análise linguística.

O texto só existe situado social, cultural e historicamente. Santos et al (2012, p. 25). Dito isto, os autores compartilham da ideia de que o texto sem um propósito comunicativo, deixa de ser um texto e passa a ser um emaranhado de listas que não oferecem nenhum tipo de aprendizado do aluno.

E esse, por sua vez, não é o propósito dos textos, os mesmos devem ser utilizados com o propósito de intermediar a interação entre o falante e o contexto de comunicação. Assim, Bakhtin (1997, p. 279) diz que todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Assim os gêneros textuais nada mais são que a materialização da língua em forma de textos.

Dessa forma, como são múltiplas as possibilidades de interação, múltiplos também são os gêneros que permitem essa interação. Essa ideia retoma o pensamento de Bakhtin (1997, p. 280) quando diz que “A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”.

Todas essas teorias acerca dos gêneros nos remetem a ideia de que o ensino com os gêneros devem realmente ser prioridades no ensino de línguas, pois é pelo gêneros que o aluno será capaz de agir e interagir com o mundo, será ativo na construção de seu conhecimento, praticando assim a enunciação, que significa colocar o texto em ação, de forma eficaz, compreendendo o real sentido do texto, pois, para Bakhtin (1997, p. 283) “o enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente de uma problemática”. Em virtude de tal afirmação, acreditamos que o enunciado é criado partindo de um problema que o usuário da língua tem que resolver, e a resolução deste problema só será possível por meio deste mesmo enunciado, que por sua vez, deve ser bem estruturado, bem formulado para que a comunicação de fato aconteça, lembrando que, só há comunicação se houver compreensão das partes envolvidas neste processo e só há comunicação por meio dos gêneros do discurso.

Mediante o exposto, Bakhtin (2007) afirma que cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade as quais correspondem a determinados estilos. Assim, não basta o indivíduo simplesmente comunicar-se, ele deve não só comunicar-se de forma correta, usando o estilo linguístico funcional daquele gênero, como também daquela esfera social. Assim pode se afirmar que uma pessoa jamais usará um atestado para discursar em um palanque

por exemplo. Então para cada situação de comunicação há um gênero que atende aquela situação.

Para Dolz, Gagnon & Decândio (2010, p. 14), produzir e compreender uma diversidade de textos orais e escritos é considerado como objeto central do ensino de línguas. Diante disso, retomamos o pensamento de que a escola deve ensinar baseando-se nos gêneros textuais para preparar o aprendiz para a vida, para o cotidiano, para a vivência em práticas diferentes daquelas que fazem parte de sua rotina.

Do mesmo modo, é partindo do histórico de vida do aprendiz que o professor vai desenvolver seu trabalho, com base na análise histórico-cultural, que lhe serão agregados novos conhecimentos. Pois, para Dolz et al (IBID p. 15): “a análise das capacidades linguageiras dos aprendizes e a identificação de seus problemas de escrita são condições para se adaptar o ensino a suas necessidades”.

Em outras palavras, o gênero utilizado como mediador do processo de aprendizagem, favorece ao aprendiz um caminho mais curto de acesso a determinadas situações que, se bem trabalhadas e adquiridas, pode contribuir para o desenvolvimento de suas capacidades de comunicação, ou seja, pode aumentar seu repertório de textos.

Para corroborar com este pensamento Dolz et al (2010, p. 18) relatam que:

O aluno não aprende a partir de um programa predeterminado que vai do simples ao complexo, mas no contexto de um processo de construção em situações complexas de comunicação.

Não se aprende a escrita em geral, mas em função dos textos a serem produzidos e das situações de comunicação em que são postos em funcionamento. (DOLZ *et al*, 2010, p. 18)

Seguindo o pressuposto de que, o objeto de ensino de línguas é o texto e, este por sua vez, deve ser classificado em gênero, tais gêneros devem ser estudados conforme sua interação social, sua função social, a escola não deve usar o erro, que porventura o aluno vier a cometer no momento da leitura ou produção textual, como maneira de repreender o aluno, mas sim, como uma forma de melhorar o estado de conhecimento dos alunos, pois nesse momento, o professor poderá identificar em que nível o aluno está, e poderá ajudá-lo a progredir. Em suma Dolz *et al* (2010, p. 55) afirmam que compreender a situação escolar em que se encontra o aluno é fundamental para analisar sua produção.

Segundo Dolz, Gagnon & Decândio (2010, p. 40), os gêneros permitem um reagrupamento de uma imensa variedade de textos disponíveis em função de aspectos genéricos, tais como os conteúdos, a estrutura comunicativa e as configurações de unidades

linguísticas. Por conseguinte, o ensino ancorando nos gêneros textuais nos permitem ampliar o repertório de textos dos alunos e consequentemente ampliar também seu papel comunicacional.

Ainda sobre a ótica de Dolz, Gagnon & Decândio (2010, p. 40), ao optarmos por trabalhar com os gêneros textuais, contribuímos para construir referências culturais, não apenas em relação aos textos do patrimônio cultural, mas também ao conjunto da herança social inscritos nas redes de intertextualidade. Este trabalho nos permite mostrar gêneros que fizeram parte de uma determinada época e que servirão como fonte primária para construção de um novo gênero que melhor atendem a sociedade contemporânea.

Os gêneros são nomeados, identificados e categorizados pelos seus usos. Trabalhar a partir das representações sociais facilita construir o “sentido” das aprendizagens. Dolz, Gagnon & Decândio (2010 p. 47). Justificamos assim, o ensino a partir dos gêneros, pois se o aprendiz entender que é necessário dominar o maior número possível para poder adaptar-se as mais diversas situações de comunicação, certamente esse aprendiz sentirá prazer em adquirir esses novos aprendizados.

Ensinar com base no pressuposto de que a língua é viva, e que a escola é lugar de interação requer um planejamento que envolva atividades reais de comunicação. Assim, Costa-Hubes & Simioni (2014 p. 16) acreditam que: “planejar o ensino da Língua Portuguesa à luz da concepção sociointeracionista significa, entre outras coisas, compreender a língua como algo que permeia o cotidiano, articulando nossas relações com o mundo e com os outros”.

Sob essa ótica, o enfoque dado ao ensino de língua na sala de aula deve proporcionar situações de interação que por meio de práticas de aprendizagem propiciem aos alunos o uso real, portanto, social da língua que se efetiva por meio dos gêneros textuais. Logo diferentes gêneros são usados em contextos sociais distintos.

Com isso, pensar a leitura no ambiente escolar requer um trabalho que não valorize apenas o conhecimento do código linguístico, pois ler ultrapassa esse limite quando nos dispomos a trabalhar pensando na língua em sua dimensão social e dialógica. Assim sendo, é através da leitura de textos variados que o aprendiz terá mais oportunidades de ampliar sua participação na esfera social. Pois, saber recitar poema é bem diferentes de fazer um pronunciamento político por exemplo, ou até mesmo ler a homilia na missa aos domingos, já favorece uma situação de comunicação diferente ao aprendiz.

Para retomar esse pensamento, Costa-Hubes & Simioni afirmam que:

É importante que, além do domínio sobre aspectos básicos da língua, o educando saiba adequar seu uso em contextos sociais distintos e, para que o educador saiba como orientá-lo, é necessário ter uma ideia de como o aluno consegue materializar sua

linguagem, seja por meio da fala, ou por meio da escrita. (COSTA-HUBES; SIMIONI, 2014, p. 34)

Qualquer enunciado é sempre determinado pelas condições reais da situação extraverbal, isto é, antes de tudo pela situação social imediata, assim, a palavra será o produto da interação e o texto o lugar de sua materialização, pois é a situação social que determina a estrutura da enunciação.

Desse modo, estudar a língua em funcionamento, favorece uma maior aquisição por parte do aprendiz, assim ele percebe que já domina grande parte dos gêneros textuais, o que de fato vai acontecer na escola é uma transposição, uma reorganização dos gêneros vivenciados por eles.

Em virtude da grande necessidade de inserir os gêneros no contexto escolar, em especial aqui, no ensino de Língua Portuguesa, o estudo dos gêneros utilizará o modelo didático do grupo de Genebra, proposto por Dolz e Scheneuwly (2010).

Para Dolz e Scheneuwly (2010) um modelo didático trata-se de explicitar o conhecimento implícito do gênero, referindo-se aos saberes formulados, tanto no domínio da pesquisa científica, quanto pelos profissionais especialistas. Ainda sob a ótica de Dolz et al (2010) um modelo didático é a descrição provisória das principais características de um gênero textual com o objetivo de ensiná-las. Em ambas as perspectivas sobre modelo didático, percebemos a preocupação em descrever e explicar o porquê de estarem, os usando os gêneros como objeto de ensino e qual a finalidade dos Gêneros dentro da esfera social.

Assim sendo, para os autores, as propostas passam a considerar tanto as situações de produção e de circulação dos textos como a significação que nelas é forjada, convoca-se a noção de gêneros (discursivos ou textuais) como um instrumento melhor que o conceito de tipo para favorecer o ensino de leitura e de produção de textos escritos e, também, orais,

Desta maneira, eles aplicam três princípios ao trabalho didático:

- Princípio de legitimidade (referência ao saberes teóricos ou elaborados por especialistas);
- Princípio de pertinência (referência as capacidades dos alunos, as finalidades e aos objetivos da escola, aos processos de ensino-aprendizagem)
- Princípio de solidarização (tornar coerente os saberes em função dos objetivos visados) .(DOLZ e SCHENEUWLY, 2010, p.70).

Nessa perspectiva, o trabalho didático atenderá as multiplicidades dos saberes de referência que devem ser acoplados ao modelo didático. Esses princípios são primordiais, haja

vista que ocorrem de forma dependente, não devendo por este motivo serem trabalhados separadamente.

Para Dolz et al (2010) classificar os textos em seus gêneros respectivos facilita uma análise eficaz a priori, pois o gênero predetermina um horizonte de expectativa para quem vai avaliá-lo. Os agrupamentos de gêneros são feitos, levando em consideração as regularidades e transferências linguísticas de cada gênero. No entanto, cada um dos gêneros possui características diferentes, o que exige adaptações de seu ensino.

Assim, Dolz e Scheneuwly (2010) propõem uma tabela de agrupamento dos gêneros tendo em vista o desenvolvimento da expressão oral e escrita. Dessa forma, eles apresentam a seguinte tabela de agrupamento dos gêneros:

Quadro 2: Agrupamento dos Gêneros.

DOMINIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultura literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho Curriculum vitae Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)

Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos “expositivos” ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Fonte: Dolz e Scheneuwly (2010, p. 102).

O agrupamento dos gêneros, como mostrado acima, possibilita aos professores trabalhar diversos gêneros tendo em vista os domínios sociais de comunicação e as capacidades de linguagem que os mesmos possuem. Contudo, o fato de os gêneros estarem inseridos num certo agrupamento, não significa dizer que eles sejam estanques, ou seja, alguns gêneros são classificados em um determinado agrupamento pelo número de características em comum que tem em relação aos outros gêneros, mas não é possível dizer que eles pertençam a um agrupamento específico. Portanto, a notícia, segundo Dolz e Scheneuwly (2010), faz parte do relatar por representar pelo discurso, experiências vividas situadas no tempo.

O trabalho com agrupamento dos gêneros permite também a mesclagem de vários textos, pois, em vez de trabalhar somente com a análise de apenas um texto ou textos isolados, como se fossem únicos, possibilita compreender as relações existentes entre determinados grupos de textos enfatizando as características que são recorrentes entre eles.

Desse modo, os agrupamentos de gêneros propostos pelos autores suíços são uma maneira de oferecer aos professores um instrumento de trabalho fundamentado teoricamente, com o intuito de facilitar a escolha do gênero a serem trabalhados na sala de aula, bem como auxiliá-los na progressão de gêneros a ser trabalhados nas séries do ensino. Diante do exposto, podemos dizer que os modelos didáticos buscam orientar as práticas de ensino.

CAPÍTULO III – O USO DA TECNOLOGIA COMO SUPORTE PEDAGÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA A PARTIR DO GÊNERO NOTÍCIA

Na atual sociedade, conhecida como sociedade da informação e comunicação, há muitos autores, como Moran, Alava, Richit, dentre outros, que procuram explicar as vantagens e a necessidade de fazer parte desse novo cenário mundial, em especial na educação, que atende a um grupo de adolescentes que, automaticamente, já estão inseridos nesse mundo de descobertas e inovações no setor tecnológico. Assim sendo, as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos utilizarem e ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interagirem com o mundo.

Nesse sentido, Moran (2004) diz que são múltiplas as possibilidades de utilizar as novas tecnologias a favor da educação, com isso, acredita-se que o uso das Tecnologias da Informação e comunicação (TIC`s) na educação pode vir a contribuir com o prazer de aprender, garantido melhores resultados no processo de aprendizagem, pois a interação direta do indivíduo com o mundo faz com que professor e aluno possam ser construtores de seu próprio conhecimento, buscando a superação das velhas metodologias, instrumentalizados pela tecnologia inovadora como uma ferramenta imprescindível para que o meio educacional esteja em sintonia com a época em que estamos vivendo. Com isso, torna-se imprescindível a busca por meios que facilitem e tornem mais eficaz essa interação.

Para Garcia (2001), o mundo da educação não pode ignorar essa realidade tecnológica nem como objeto de estudo e, muito menos como instrumento para a formação de cidadãos que já se organizam nesta sociedade por meio de ambientes virtuais.

Alava (2002) fala da importância de usar as tecnologias como meio de oferecer ao aprendiz a oportunidade de agir sobre seus próprios conhecimentos, de interagir com o meio e de dialogar com os outros.

Dessa forma, aceitar a presença das tecnologias e conviver com elas é uma necessidade de todos os cidadãos, mas principalmente dos professores, pois os computadores estão chegando às escolas brasileiras em número cada vez maior como ferramenta de ensino de diversas disciplinas, entre às quais está presente a Língua Portuguesa.

Isso acontece sem qualquer discussão prévia, e a informatização, na educação, ocorre sem debates dos educadores sobre como, quando e para que essa nova máquina será utilizada. Como ferramenta educacional o computador pode ser considerado um fenômeno recente, visto que surgiu como tal na década de 60, após o evento da microinformática e dos

microcomputadores que hoje fazem parte do cotidiano de um número cada vez maior de escolas, a serviço tanto da administração quanto dos objetivos didático-pedagógicos.

Porém, a utilização desses computadores como ferramenta pedagógica, não é nada fácil, sendo necessário que haja uma preparação e uma fiscalização, pois o governo faz os projetos, monta os laboratórios e acredita que está contribuindo para melhorar o processo ensino-aprendizagem, ao passo que está jogando mais um problema na escola. Isso acontece porque não há uma preparação para o professor com relação ao uso do computador como ferramenta pedagógica, bem como não há uma fiscalização por parte do governo para verificar se realmente o laboratório está sendo utilizado com a finalidade para o qual foi criado.

Dessa forma, as aulas de Português deverão contribuir para atingir o maior desafio da educação: o de "transformar para formar" dentro das novas exigências de tornar o aluno capaz de se envolver em diversas práticas de comunicação, dentro e fora de comunidade linguística.

O meio mais conhecido para o acesso as mídias digitais é a Internet, que, segundo Martino (2004, p. 90) “é entendida como espaço democrático de trocas de ideias entre cidadãos”, e também lugar de interação, de troca de conhecimento, e de busca por informações. Martino (2004, p. 90) diz também que a internet: “se destaca pelas possibilidades de interação entre públicos diferentes”. Essa então é uma característica da Internet que se relaciona perfeitamente com o nosso trabalho, haja vista que, ao publicar um tema na rede, este tema ganha o mundo, chegando a lugares bem distantes, que se não fosse por meio da internet jamais seria possível alcançar públicos tão distintos.

Assim, tendo como interface as mídias digitais, é possível tornar público, um assunto que então pertencia somente a um pequeno e seleto grupo de pessoas, aumentando a possibilidade de discussão e ampliando o conhecimento acerca do tema a ser discutido, pois “a própria internet deriva dessa necessidade de descentralizar as informações e pulverizá-las em vários locais conectados” Martino (2004, p. 65) é por meio dela que ocorre a distribuição de informações.

É importante ressaltar que esses temas, ao serem lançados em rede, se tornarão públicos, portanto, vale lembrar que expor assuntos particulares ao público, especialmente em redes sociais, não é muito conveniente. Isso deve as discussões que ocorrem por meio das mídias digitais prezam pelo entendimento, como seria possível entender sobre algo particular e próprio de uma pessoa, a não ser que haja uma enquete em um fórum, por exemplo, que seja justamente voltado para assuntos da esfera particular.

O uso em educação de diferentes meios de informação como livros, revistas, histórias em quadrinhos, jornais, publicações na Internet, contato por *e-mail*, *software* de referência,

programas televisivos, rádio e celular, pressupõe compreender os elementos constituintes de suas linguagens e códigos, bem como, analisar as implicações das mediações que propicia à formação dos sujeitos e ao processo educativo.

Contudo, muitos são os problemas encontrados nas escolas no que tange à inserção das mídias no contexto educacional, além da compreensão dos elementos que compõem as mídias, Richit diz que:

(...) dentre os principais entraves identificados destacam-se as dificuldades de implementação de infraestrutura nas escolas, incluindo o acesso a internet e os movimentos de resistência em incorporar esses recursos em sala de aula. (RICHIT, 2014, p. 11)

Depreende-se então, que não é tão simples aplicar as mídias na educação, Os desafios contemporâneos requerem um repensar da educação, diversificando os recursos utilizados, oferecendo novas alternativas para os indivíduos interagirem e se expressarem. Repensar a educação envolve diversificar as formas de agir e de aprender, considerando a cultura e os meios de expressão que a permeiam. Assim sendo, o mundo contemporâneo requer uma certa digitalização de seus membros, pois se observa um certo despreparo com relação ao uso de novas tecnologias, colocando a escola em crise:

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam, ainda, a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações. (GADOTTI, 2000, p. 6).

Assim, podemos observar que ainda não alcançamos e nem estamos próximos de alcançar as metas propostas para o uma ensino de qualidade com uso das mídias e tecnologias na educação. Isso não significa dizer que não vamos continuar tentando, pois são muitos os recursos ofertados, poucas são como dito anteriormente, as condições para que isso aconteça.

No que tange à formação de professores, ainda é uma questão desafiadora, pois há muita resistência por parte de alguns professores, na questão da aceitação e inserção das mídias em sua aula, por um lado, há realmente um grupo de professores que não gostam, não acreditam e não se esforçam para levar um pouco de dinamismo e interação as suas aulas, por outro, há aqueles professores que querem, acreditam, no entanto, não tem recursos para atender as necessidades recorrentes para que se trabalhe com tecnologias em sala. Mas a realidade, é que, nós, professores, ainda não alcançamos o letramento digital, embora tenhamos a força de vontade, essa é uma barreira difícil de ser quebrada.

Essa situação é muito difícil de encarar, pois as políticas públicas voltadas para a formação de professor estão muito distantes da realidade brasileira, pois não se comprometem com o desenvolvimento pleno do professor, e não garantem a apropriação de conhecimentos diversos sobre o uso de tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem. Isso reflete diretamente na prática do professor, ocasionando o fracasso escolar no que concerne ao uso de tecnologias. Assim, Richit (2014, p.14) diz que:

(...) o professor precisa aprender a utilizar softwares diversos (processador de textos, planilhas de cálculos, etc.), utilizar e avaliar softwares educativos, incorporar as tecnologias na prática de ensino e aprendizagem, associar as tecnologias a um novo paradigma de conhecimento e aprendizagem, bem como conhecer as implicações pedagógicas, sociais, culturais e éticas desses recursos em educação. (RICHIT, 2014, p. 14)

Nesses aspectos, compreendemos que os processos de formação do professor devem interagir e se relacionar com a realidade não só do professor e da escola, como também da comunidade em que essa escola está inserida, levando o professor a reorganizar sua prática pedagógica. Assim, em uma formação continuada, devem ser levados em consideração vários aspectos, dentre eles, experiências prévias com tecnologias, a disponibilidade desse professor para participar de cursos de formação e, sobretudo, se esse professor está realmente disposto a repensar a sua prática docente.

Deste modo, seria possível atrelar a teoria à prática do professor, possibilitando novos métodos de ensinar, pois:

O acesso aos recursos atuais da tecnologia trazem novas formas de ler, escrever e, portanto, de pensar e agir. À medida que o professor nota que, com o auxílio das ferramentas digitais, pode fazer mais do que acostumado, começa a refletir sobre sua prática e o potencial dessas ferramentas, modificando seu fazer pedagógico. (COSTA; FERREIRA, 2014, p. 88)

Dessa forma, é possível observar que esse novo formato educacional tem grandes possibilidades de modificar o cenário atual, desde que haja processos formais que tenha por objetivo realmente a formação do professor para que esse possa atuar frente a essa demanda tecnológica, pois o que temos hoje são processos de formação que visam somente à propaganda e divulgação das ações governamentais, nada com interesse real em atuar diretamente sobre a prática docente.

Assim, os profissionais precisam ser capacitados para atuar de forma que atenda aos anseios da sociedade da informação. Não basta apenas conhecer e saber utilizar as mídias. É preciso passar por formação para entender a importância delas nas salas de aulas e poder

identificar que recurso utilizar para um determinado conteúdo de acordo com a realidade dos alunos. De acordo com Valente (1999, p. 11)

(...) os docentes devem ser formados adequadamente para poder desenvolver e avaliar os resultados desses projetos”. Convém lembrar que a utilização das mídias não depende somente do interesse do professor, mas os recursos também precisam estar disponíveis na escola.

Segundo Gouvêa (1999), o professor será mais importante do que nunca, pois ele precisa se apropriar dessa tecnologia e introduzi-la na sala de aula, no seu dia a dia, da mesma forma que um professor, que um dia introduziu o primeiro livro numa escola e teve de começar a lidar de modo diferente com o conhecimento – sem deixar as outras tecnologias de comunicação de lado. Continua-se a ensinar e a aprender pela palavra, pelo gesto, pela emoção, pela afetividade, pelos textos lidos e escritos, pela televisão, mas agora, também, pelo computador, pela informação em tempo real, pela tela em camadas, em janelas que vão se aprofundando às nossas vistas.

Nesse meio tecnológico, temos tecnologias independentes e as tecnologias dependentes. As tecnologias independentes são aquelas que não dependem de recursos elétricos ou eletrônicos, já as dependentes são aquelas que dependem de um ou vários recursos elétricos ou eletrônicos pra serem produzidas e/ou utilizadas Leite et al (2014, p.10). Então, para a realização deste trabalho faremos uso dos dois tipos de tecnologias.

A tecnologia independente que será utilizada é o texto, elaborado pelos alunos, deixando a critério destes, a escolha do tema, possibilitando o desenvolvimento da criatividade dos alunos e a capacidade de expressão. O recurso utilizado para a elaboração deste texto é a notícia. Para a divulgação da notícia, faremos uso de uma tecnologia dependente que é o site. Para Leite et al (2014) um site é construído por um conjunto de páginas eletrônicas, que, por sua vez, apresenta informações organizadas sob a forma de textos, imagens gráficas, vídeo e som. Vale lembrar que o nosso objetivo não é construir um site, e sim, fazer uso de algum site que oportunize a criação de um e-book, que é o objetivo deste trabalho.

Nessa perspectiva, as mídias podem favorecer a constituição de uma teia entre a escola e o cotidiano no qual o indivíduo atua, configurando novos caminhos para ele interagir e desenvolver suas constantes compreensões sobre o mundo e sobre a sua cultura. Diante destas afirmações, o uso de mídias, em contextos educacionais, requerem práticas que instiguem novas possibilidades de aprendizagem e a vivência de processos criativos, com diálogos e interações múltiplas.

Portanto, o emprego das Novas Tecnologias da Informação e comunicação (NTIC's) na educação, possibilitam a criação de ambientes novos com estruturas flexíveis, abertas, integrando várias mídias e possibilitando a interação entre os participantes do processo. Nesse sentido, o professor atua incentivando e motivando a participação dos alunos na construção do conhecimento, além de desafiar os alunos a pesquisar e adquirir novos conhecimentos. Assim, o uso da tecnologia reforça a existência de um projeto educativo com definição de perfil de alunos, objetivos, parâmetros pedagógicos, conteúdos e avaliação dos conteúdos que serão ministrados, além de ajustes no decorrer do processo ensino-aprendizagem.

3.1 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ÊNFASE AO GÊNERO NOTÍCIA

Compreender o ensino de línguas hoje não é uma tarefa fácil, pois, muitos são os professores que ainda estão atrelados ao ensino tradicional, outros tentam ater-se ao modelo dos gêneros, mas, que de fato não atendem as exigências propostas pelas teorias a cerca desta metodologia de ensino, pois compreender a teoria e não saber transpor para a prática, não resolve o caos que vemos nas escolas, no que diz respeito ao ensino de língua portuguesa, pois, de nada adianta pedirmos ao aluno para produzir um artigo de opinião, por exemplo, sem mostrar a ele, a estrutura deste gênero.

Assim, como já falamos anteriormente, recebemos alguns alunos com capacidades mínimas de leitura e compreensão, haja vista que os alunos simplesmente leem, mas não conseguem compreender a mensagem transmitida pelo texto, e está devolvendo para a sociedade muitos alunos com as mesmas capacidades recebidas. Então o que está acontecendo que a escola não está conseguindo cumprir sua função social? Papel este que deve ter um olhar constante voltado à sociedade, conectando seu saber com a prática cotidiana do aluno, preparando-o para o exercício profissional. A experiência de vivenciar as situações de aprendizagem ensina o convívio em grupo, indispensável para a vida e o trabalho.

Contudo, acreditamos que preparar o aluno para a vida em sociedade, para resolver seus problemas sociais e comunicacionais, deve ser prioridade na escola, e o primeiro passo para alcançar este objetivo deve estar voltado para o ensino de textos variados e leituras diversas, pois só através da leitura e compreensão de textos é que o aluno será capaz de agir frente aos problemas que lhe são impostos e interagir com as diversas esferas sociais.

Ao citar o trabalho com os textos, vale ressaltar que não são simplesmente textos, mas sim gêneros textuais, estes por sua vez revelam uma forma, uma composição e um conteúdo ao

texto, atribuindo-lhe uma função. Assim este trabalho visa indicar caminhos possíveis para o trabalho com o gênero notícia em sala de aula, de modo a contribuir para aprimorar as capacidades de produção e compreensão textual dos alunos.

Nesse sentido, o seguinte trabalho segue a linha da linguística aplicada entendida como um campo que focaliza questões de uso de linguagem em diferentes contextos e com diferentes propósitos comunicativos e interacionais. E dos estudos sobre o gênero do discurso na concepção de Bakhtin, pois para ele, esferas da atividade humana é um conceito constitutivo da noção de gênero, ou seja, cada esfera tem seus gêneros próprios.

3.2 CARACTERIZANDO O GÊNERO OBJETO DE DISCUSSÃO E APLICAÇÃO

Hoje em dia, muitos são os gêneros que estão circulando na sociedade, na verdade eles são milhares e milhares e cada nova necessidade de comunicação, surge então um novo gênero. Assim, torna difícil a escolha e a seleção do gênero que melhor atenda aos propósitos comunicacionais dos alunos e, sobretudo, atenda aos objetivos sociais da escola. O fato é que, ao optar por um determinado gênero, junto com ele estão os valores, crenças e saberes da esfera social em que tal gênero circula, com isso, fica evidente que um gênero textual não é apenas um conjunto de textos, ele também tem seus aspectos sociais e culturais.

Dessa forma, Alves Filho, (2011, p. 67) defende que o ensino com gêneros se estabelece sob dois enfoques: O primeiro refere-se ao enfoque linguístico, o qual está centrado na realização léxico-gramatical e retórica dos propósitos comunicativos incorporados no gênero. Seu principal objetivo é ensinar aos estudantes as qualidades formais e organizadas de gêneros de modo que eles possam reconhecer essas características nos textos que eles leem e as usem nos textos que eles forem escrever, o enfoque linguístico olha para as situações para explicar as estruturas gramaticais e discursivas.

Já o segundo refere-se ao enfoque não linguístico (retórico), mais focado no contexto situacional, nos propósitos comunicativos, nas funções dos gêneros, e em atitudes, crenças e valores. Seu principal objetivo é tornar os estudantes e profissionais conscientes das características situacionais e das funções sociais dos gêneros nos quais eles estão engajados. O enfoque não linguístico parte do texto para interpretar o contexto situacional.

Com isso, percebe-se que optar por usar o gênero como instrumento em sala de aula, é de extrema importância, explorar o gênero escolhido em todos os sentidos, tanto em sua estrutura composicional, forma, conteúdo, quanto suas características situacionais e funções sociais. Nesse sentido é que o ensino com gêneros ganha relevância e valor educacional.

Sabemos que os jornais são veículos de comunicação para o exercício de várias atividades, sobretudo atividades que mantenham seus leitores informados, dentre elas podemos citar a seção de divulgação da informação, no caso, notícia, e a expressão de opinião, o primeiro refere-se ao espaço reservado para expor as notícias e fatos importantes ocorridos recentemente e o segundo refere-se ao espaço reservado para os colaboradores expressarem sua opinião sobre determinado tema. O que não significa dizer que o jornal seja o único meio usado para expressar opiniões, haja vista que atualmente temos outros meios pelos quais podemos expor nossas crenças, ideias, posições e convicções, como por exemplo: *blogs, twitter e facebook*.

Tanto para a divulgação da informação quanto para a construção da opinião, são muitos os atores responsáveis para a construção desses gêneros. Ater-nos-emos aqui ao gênero notícia, pois cada gênero é direta ou exclusivamente associados e direcionados a determinados leitores. Assim sendo, a notícia é um dos gêneros aos quais as pessoas estão diretamente ligadas, pois as mesmas são expostas em sua vida cotidiana, ao ligar a televisão, ao pegar um celular, e até mesmo ao conversar com um vizinho, isso acontece porque ela é difundida em inúmeros lugares e suportes.

Por ser naturalmente parte do cotidiano das pessoas, e chamar atenção de pessoas dos mais variados perfis, gostos e tendências, é que o modelo didático centrado na notícia foi escolhido para compor este trabalho com gênero. Este gênero que é fundamentalmente informativo tem características próprias que serão trabalhadas a seguir.

Essas características abordam o contexto de produção, este diz respeito às condições de produção do gênero, bem como também é o momento em que o produtor se assume com ser social, capacidades discursivas, dizem respeito aos elementos que constroem o texto e por fim as capacidades linguístico-discursiva, que abordam as marcas linguísticas do texto.

No contexto físico de produção da notícia, o produtor é um repórter, jornalista, ou até mesmo um aluno, com a orientação do professor. A produção acontece dentro de uma escola/sala de aula, se a notícia for produzida por um aluno, se produzida por repórter ou jornalista, normalmente será produzida em uma sala específica para tal fim, que recebe o nome de redação. A hora de produção está relacionada ao momento em que a notícia de fato aconteceu, ou seja, representa um tema atual ou acontecimento real. Esse tipo de texto faz parte do nosso cotidiano, portanto o receptor/ leitor pode ser qualquer pessoa interessado na notícia, dentro do contexto escolar, pode ser alunos e professores, pois o objetivo principal deste gênero é informar sobre o que está acontecendo na sociedade.

No contexto sociossubjetivo de produção, o emissor é normalmente um aluno que se encontra no papel social de um jornalista, repórter, editor ou redator, já a função social da escola

será a de manter a sociedade informada sobre os acontecimentos reais e, sobretudo atuais, considerados relevantes para os grupos sociais. O texto se dirige ao público em geral (universal) e em particular a leitores que buscam por informações atualizadas a respeito do que tem acontecido recentemente.

Esse gênero, geralmente é produzido no estúdio do jornal/na escola / universidades / cursinhos e circula em todos os ambientes sociais e é veiculado pelos principais meios de comunicação: jornais, revistas, meios televisivos, internet, etc. A ação de linguagem de uma notícia, é baseada em um conteúdo temático que faz parte do mundo objetivo, leitura e produção de informação haja vista que o produtor tem que informar sobre acontecimentos reais.

Assim, será possível fazer uma síntese para melhor compreensão e visualização das características do contexto de produção da notícia, que se divide em contexto físico e contexto sociossubjetivo. Observe o quadro abaixo:

Quadro 3: Características do contexto de produção da notícia.

CONTEXTO DE PRODUÇÃO
CONTEXTO FÍSICO
<ul style="list-style-type: none"> ➤ LUGAR DE PRODUÇÃO: Escola/Sala de aula ➤ MOMENTO DE PRODUÇÃO: Aula de Língua Portuguesa ➤ PRODUTOR: repórter/ jornalista/aluno ➤ LEITOR/RECEPTOR: Professor/alunos/Toda comunidade escolar e extraescolar
CONTEXTO SOCIOSSUBJETIVO
<ul style="list-style-type: none"> ➤ LUGAR SOCIAL: o lugar social de produção é a escola, que terá a responsabilidade de manter a comunidade escolar informada sobre os acontecimentos reais e sobretudo atuais, considerados relevantes para os grupos sociais. Outro lugar a ser considerado na produção da notícia é a redação de um jornal, que terá o objetivo de informar a sociedade em geral. Em suma o lugar de produção pode ser estúdio do jornal/na escola/universidades/cursinhos e circula em todos os ambientes sociais. ➤ PAPEL SOCIAL DO PRODUTOR: o produtor encontra-se no papel social de um Jornalista, Repórter, editor ou redator, que tem a função social de manter a sociedade informada. ➤ POSIÇÃO SOCIAL DO LEITOR: Manter-se informado sobre os últimos acontecimentos da sociedade ➤ OBJETIVO: informar

Fonte: Paiva (2018).

Dentro do plano global, que se refere às capacidades discursivas, a notícia é formada por dois títulos, ou seja, um principal, também chamado de manchete, que sintetiza o tema que será abordado, e outro um pouco maior, o qual auxilia o entendimento do título principal, ou seja, é um recorte do assunto que será explorado. Após os títulos, apresenta-se a lead, essa por

sua vez, corresponde à introdução da notícia, seguido da lide está o corpo da notícia ou episódio, no qual se apresenta uma informação mais detalhada da notícia.

A notícia é, conseqüentemente, um texto informativo, no qual predomina discursos narrativos, podendo aparecer também relato interativo ao mesmo tempo, e a sequência predominante é a narrativa apresentando, portanto, tempo, espaço e as personagens envolvidas.

Abaixo está o quadro representativo das principais características das capacidades discursivas do gênero notícia.

Quadro 4: Características das capacidades discursivas.

ASPECTOS DISCURSIVOS
<ul style="list-style-type: none"> ➤ A notícia é um gênero que pertence ao mundo do relatar, as sequências são geralmente narrativas e expositivas. ➤ A estrutura composicional é formada pelo título (Manchete), <i>lead</i>, Linha fina (olho da notícia), intertítulos e o corpo da notícia com informações complementares sobre um fato de relevância social que respondem as seguintes perguntas: Quem? O quê? Onde? Quando? Como? e Por quê?

Fonte: Paiva (2018).

Com relação às capacidades linguístico-discursivas, neste tipo de texto é comum o predomínio da terceira pessoa, o redator, na maioria das vezes, deve manter sua imparcialidade e impessoalidade. O discurso predominante é o teórico ou relato interativo, o que não significa dizer que não possa haver o discurso polifônico. O tempo recente é fundamental para construção da notícia, haja vista que a intenção é atrair a atenção do leitor, e este gosta de novidade.

Assim, há predominância dos verbos no modo indicativo, tempos presente (pretende, é, tem, está, diz, articula...) e pretérito perfeito e imperfeito (foi, mostraram, publicou), bem como elementos de conexão logico-argumentativas como conjunções (mas, porém, e, porque) e marcas de temporalidade: “pela terceira vez”, “quando”, “agora”, “no último dia 5”. Espacial: “Na nossa cidade”

Os recursos linguístico-discursivos são usados para expressar o efeito de objetividade de imparcialidade e de veracidade, tais como: ausência de adjetivos ou expressões qualificativas para se apagar as marcas modais (avaliações, julgamentos, etc)

A linguagem verbal e não verbal, também é muito comum neste tipo de texto, bem como a modalização lógica, haja vista que o conteúdo temático deve fazer parte do mundo objetivo.

Quadro 5: Características das capacidades linguístico-discursivas.

CAPACIDADES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Predomínio da terceira pessoa, podendo também aparecer a primeira; ➤ Efeito de imparcialidade e impessoalidade; ➤ O discurso predominante é o teórico ou relato interativo; ➤ Predominância dos verbos no modo indicativo, tempos presente (pretende, é, tem, está, diz, articula...) e pretérito perfeito e imperfeito (foi, mostraram, publicou) ➤ Existência de elementos de conexão logico-argumentativas como conjunções (mas, porém, e, porque) e marcas de temporalidade: “pela terceira vez”, “quando”, “agora”, “no último dia 5”. Espacial: “Na nossa cidade”; ➤ Ausência de adjetivos ou expressões qualificativas para se apagar as marcas modais (avaliações, julgamentos, etc.); ➤ Presença da modalização lógica; 	

Fonte: Paiva (2018).

Tem-se assim um modelo didático da notícia. Esse por sua vez poderá nortear o trabalho do professor bem como facilitar a compreensão dos alunos, pois algumas dificuldades de leitura e escrita podem estar associadas a uma precária ou insuficiente compreensão do gênero a ser trabalhado, bem como da situação na qual o texto circula.

Neste capítulo, buscamos refletir sobre as teorizações acerca da importância dos gêneros em sala de aula, revelando que o trabalho com a produção textual deve ser o ponto de partida para o ensino da Língua Portuguesa em todos os níveis de ensino, agindo assim, estaremos, não só mostrando ao aluno que ele é capaz de criar seus próprios textos, como também quebrando a barreira da dificuldade que emperra o professor no ensino de línguas, pois o que é perceptível nas escolas é a falta de um trabalho direcionado a produção textual, talvez isso explique o fato de termos bastantes alunos que não dominam a língua padrão.

Com isso, pretendemos chamar a atenção para a grande responsabilidade que assumimos ao optar por trabalhar com um ou outro gênero, pois sabemos que um gênero tem sua característica principal atrelado a sua função social, a esfera em que circula, assim sendo o trabalho com agrupamentos é uma grande oportunidade de mostrar não só um, como vários modelos de gêneros com características semelhantes.

Dessa forma, os diversos gêneros textuais podem facilitar o trabalho do professor durante o processo de produção textual, já que eles fazem parte do cotidiano dos alunos, pois segundo Marchuschi os gêneros são frutos de um trabalho coletivo e contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, assim, o ensino com os gêneros corrobora com o ensino de línguas, que deve estar voltado para preparar o aprendiz para comunicar-se em sociedade.

Não pretendemos com este trabalho resolver todo o problema que temos enfrentado com relação ao ensino de língua, pois os gêneros são propostas metodológicas de trabalho que oferecem possibilidades de melhorias para o ensino, não são remédios que visam oferecer a cura imediata para um problema, assim o trabalho com modelo didático é uma dessas possibilidades de melhoria, o mesmo não deve ser visto como algo pronto e acabado em si mesmo, pois mais importante que conhecer a estrutura de um gênero é compreender sua função social, para poder utilizá-lo adequadamente.

Portanto, é de extrema importância ter uma ampla compreensão, clareza e domínio das teorias e modelos didáticos do gênero antes de utilizá-los como instrumento de ensino da leitura e produção textual, pois este, não é um tema novo no contexto escolar, o que pretendemos que seja novo aqui, são os possíveis resultados que esperamos ser positivos ao aplicar esta metodologia e este modelo didático da notícia como apoio para melhorar a capacidade de leitura e da produção textual dos nossos alunos.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIAS, MATERIAIS E CAMINHOS DE INTERVENÇÃO: CONTEXTO DA PESQUISA

A ideia da realização desta pesquisa surgiu da necessidade de apresentarmos uma proposta de pesquisa e intervenção para o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Em consonância com essa necessidade estávamos a procura de métodos que ajudassem a melhorar as dificuldades de escrita dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luís Cláudio, principalmente nas turmas de 9º ano, visto que, trata-se de alunos que serão promovidos a outra modalidade de ensino e que precisam ter maior domínio das habilidades de leitura e de escrita. Assim sendo, esta pesquisa tem o propósito de verificar e comprovar as contribuições que o trabalho com os gêneros discursivos, em particular o gênero notícia, podem trazer para o desenvolvimento e aprimoramento de competências e habilidades de leitura compreensão e produção textual dos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem. Optamos por trabalhar a notícia porque é um gênero ao qual as pessoas estão diretamente ligados e fazem parte do cotidiano de todos, seja pela televisão, jornal, celular ou até mesmo em conversa com vizinhos.

Neste capítulo, vamos apresentar o histórico da escola e do município que atuaremos, o trabalho realizado e os resultados obtidos acerca do letramento dos alunos, como diagnóstico inicial para a realização da pesquisa, os materiais e métodos utilizados na execução da pesquisa, a sequência didática e análise dos dados obtidos durante a realização desta.

4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA

Neste capítulo, abordaremos alguns dados importantes sobre a escola tais como: o histórico, espaço físico, as modalidades de ensino ofertadas, corpo docente e discente, os objetivos no que diz respeito aos valores, metas, missão e visão de futuro e para encerrar o capítulo faremos um breve histórico sobre o município que acolhe esta escola.

4.1.2 Identificação e histórico da escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental José Luiz Cláudio foi fundada em 1968, em função da escassez de salas de aula na Vila de São Domingos, pois na época as aulas eram ministradas em casas particulares. Enormes foram as dificuldades para se construir tal escola, visto que o dono não abria mão do terreno, onde a escola seria construída, porque funcionava

ali um curral. Segundo informações, a situação só foi contornada depois de muita discussão e negociações. As instalações iniciais da escola contavam com 02 (duas) salas de aula e 02 (dois) banheiros, sendo que, era cercada por arame farpado (Figura 1).



Figura 1 - Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luiz Cláudio, 1968.
Fonte: Acervo da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luiz Cláudio.

Seu fundador foi o então prefeito municipal de São João do Araguaia, José Luiz Cláudio, que cedeu seu nome à escola. José Luiz Cláudio era conhecido por “Zé Neguim” e nasceu no dia 21 de junho de 1916 na cidade de Conceição, no Estado do Piauí. Vindo de família simples e trabalhadora, foi filho de Cláudio Vieira e Josefa Maria da Conceição. Seu legado começou muito cedo, quando saiu de sua cidade natal a procura de trabalho. Ainda na viagem, tomou conhecimento de um garimpo de diamantes no Maranhão, numa localidade próxima a Imperatriz. Lá trabalhou por um bom tempo. O dinheiro que conseguiu não foi muito, mas o bastante para ir vivendo. Certo dia ouviu falar num garimpo de cristal, aqui no Pará, localizado no lugar chamado Apinagés, na época, importante entreposto comercial, por estar localizado às margens do rio Tocantins, no Município de São João do Araguaia, Pará. Após trabalhar por muito tempo no tal garimpo, resolveu fixar moradia na região e constituir família.

No dia 08 de dezembro de 1958, casou-se com Gercina Alves Bandeira, tiveram cinco filhos, três homens e duas mulheres, José Cláudio Bandeira, Jucirene Cláudio Bandeira, Luiz Cláudio Bandeira, Jerciane Cláudio Bandeira e Cláudio Augusto Bandeira.

Além de garimpeiro, José Luiz Cláudio também foi político, candidatou-se a prefeito do município em 1966, foi eleito e empossado no dia 14 de fevereiro de 1967, juntamente com seu vice, Gabriel da Costa Lira e os vereadores Diocleciano da Silva Gomes, Raimundo Severino

Marques, Raimundo Ribeiro de Souza, Juarez Gomes Ares, Derocio Paulo do Nascimento, Carlos Carlito Araújo e Teófilo Ferreira da Silva.

Durante seu mandato, sempre esteve preocupado com a educação de seus munícipes, e com o controle dos gastos públicos, pois ao entregar a prefeitura, a mesma não tinha dívidas, mas sim, saldo em caixa. José Luiz Cláudio faleceu no dia 24 de novembro de 1995, e como bom pioneiro que era, foi enterrado nas terras que ajudou a desbravar, de onde depois de sua chegada nunca mais saiu.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental José Luiz Cláudio, localizada na Travessa Osvaldo Mutran, Quadra Especial, no Centro da Cidade de São Domingos do Araguaia, Estado do Pará, foi inaugurada com o nome de Grupo Escolar Municipal José Luiz Cláudio (figura1), composta por 02 (duas) salas de aula, 02 (dois) banheiros e cerca de arame farpado.

Naquela época, foi construída para atender às crianças da vila de São Domingos. Já na administração do prefeito José Martins Ferreira a escola recebeu mais 02 (duas) salas de aula. No primeiro mandato de José Freire Falcão, o “Cazuza”, foram construídas mais 02 (duas) salas de aula, e na gestão do prefeito Jacob Eloi de Souza outras 02 (duas). No segundo mandato de José Freire Falcão foi construído em parceria com a comunidade, o “Ginásio”, com 03 (três) salas de aula, uma secretaria, recreio coberto e cantina (Figura 2).



Figura 2 – representantes do poder público e comunidade.

Fonte: Acervo da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luiz Cláudio.

Após reformas e adequações, a escola atualmente é composta de 12 (doze) salas de aula, uma unidade de supletivo, recreio coberto, uma quadra de esportes coberta, uma secretaria, sala dos professores, diretoria, depósito para livros (que funciona como uma mini biblioteca) e depósito de merenda.



Figura 4: Foto atual da fachada da escola .

Fonte: Paiva (2018).

4.1.3 Espaço físico

A Escola José Luiz Cláudio é uma das escolas mais antigas do município de São Domingos do Araguaia e, talvez, seja por isso, que se tornou uma das mais tradicionais e conceituadas na arte de ensinar, para o trabalho e para a cidadania. Por sua longa e rica história de sucesso e prestação de serviço social, que servidores, visitantes, alunos, pais e comunidade não entendemos o descaso de nossos governantes, face ao significativo papel desempenhado pela escola para o desenvolvimento da região, ao longo desses anos de existência.

Nada temos contra as transformações pelas quais a educação tem passado, neste curto espaço de tempo da era pós-moderna e globalizada. Transformações essas, que por mais que se apregoem ser em busca de qualidade, são na verdade, muito mais em busca de quantidade, como ficou claro, nas ações de universalização do ensino, diminuição nos índices de repetência (criação da dependência), de evasão e na queda da taxa de analfabetismo. Abismamo-nos, no entanto, com as contradições entre a criação e a implantação das políticas educacionais, pois as leis, os fundamentos e as metodologias de ensino foram renovados e, em alguns casos, substituídos para acompanhar o desenvolvimento tecnológico acelerado, imprimindo, é claro, a ideia da criação de uma “aldeia global”, mas esqueceram de adequar e equipar as escolas no

mesmo ritmo, em alguns casos, esse processo de transformação nos mecanismos de ensino, nunca chegou, ou continuam incompletos.

Nessa crescente perspectiva de mudanças, não conseguimos entender o porquê de ainda existir cidades sem bibliotecas públicas, ginásios de esportes, espaços culturais, acesso a Internet, à universidade, entre outros serviços de caráter instrucional. E escolas que não possuem quadra poliesportiva, biblioteca, sala de vídeo, auditório, acesso a internet, acessibilidade física, equipamentos e mobiliários condizentes e suficientes, além é claro, de quadro de servidores suficientes e qualificados, muito provavelmente não será atrativa o suficiente para alunos e alunas cada vez mais “antenados” com os acontecimentos globais.

Por isso, consideramos que todo o avanço configurado a partir das modernas diretrizes prometidas e implantadas no setor educacional, no mundo e principalmente no Brasil, está muito aquém da realidade que foi pregada pelas elites políticas, que se limitaram apenas em fazer uma “capa”, melhorando a imagem daquelas escolas que ficam no portão de entrada do país, que são as escolas dos grandes centros urbanos.

Podemos atribuir tamanha injustiça ao caráter do desenvolvimento territorial implantado no Brasil, a desigual distribuição de renda, à corrupção política e a passividade da população que habita as regiões periféricas de municípios, Estados e do próprio país, como é o caso da gritante diferença entre o eixo sul-sudeste e o restante do Brasil.

Os principais instrumentos de financiamento para a manutenção do ensino são:

- PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola);
- PDE (Projeto de Desenvolvimento da Escola);
- Fundo Rotativo.

Esses são programas do governo Federal para comprar produtos para a escola, podendo dividir o dinheiro para compra de custeio (bens permanentes) e, capital (não permanentes, como material de secretaria). Os recursos referentes a esses programas caem direto na conta do conselho escolar e, é administrado pelo tesoureiro, que deve ser uma pessoa que faça parte da comunidade escolar.

4.1.4 Modalidades de ensino ofertadas

- Ensino Fundamental
 - Resolução nº 283 CEE - 6ª a 9ª ano
 - Educação de Jovens e Adultos – Resolução nº 570 – CEE

- Ensino supletivo semipresencial

4.1.5 Corpo docente

A figura do professor é, um dos elementos que compõem um sistema de ensino. Desta forma, o quadro de professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental está atualmente, composto por dois tipos de professores. O primeiro grupo é formado por professores com vários anos de serviços e larga experiência, alguns já até iniciaram o processo de aposentadoria. O outro grupo é formado por professores relativamente mais jovens, se comparados com o primeiro grupo.

Um aspecto curioso e relevante do nosso corpo docente é que devido à escola ser uma das mais antigas do município, praticamente todos os seus professores já foram seus alunos, inclusive as gerações de professores que um dia foram alunos, hoje são colegas de trabalho de seus antigos mestres, o que vem garantindo a tradição de ensino instituída pelos primeiros representantes da escola.

No que diz respeito à formação, 100% (cem por cento) dos nossos professores tem nível superior, a escola conta ainda com quatro (4) mestres e um (1) em formação de mestrado. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/06), no artigo 62, relata que 45,45% do quadro de professores com nível superior é leigo, ou seja, não está habilitado para lecionar na sua área de formação.

Segundo a mesma Lei, o professor só está habilitado para lecionar uma disciplina afim, quando sua graduação é da área de abrangência da disciplina que leciona. E, apesar de quase 80% de nossos professores terem graduação, boa parte deles são formados em Pedagogia, curso que não os habilita, de acordo com a LDB, para lecionar de 6^a ao 9^a ano, e 3^a e 4^a etapas do Ensino Fundamental, que é a modalidade de ensino ofertada por esta escola.

4.1.6 Corpo discente

O quadro de alunos da Escola José Luiz Claudio é muito parecido com o de qualquer escola daqueles municípios do Sul e Sudeste do Pará, que apresenta área urbana relativamente pequena e cercada por fazendas, vicinais, projetos de assentamento e agrovilas. Por isso, em função de tais características, incluindo a de município sem potencial industrial ou mineral, a população é constituída de funcionários públicos municipais e estaduais, comerciantes,

fazendeiros, aposentados, trabalhadores rurais, trabalhadores informais e, é claro por uma grande leva de desempregados e/ou desocupados.

Como sabemos que a estrutura piramidal da sociedade tem forte influência na escola, a nossa clientela estudantil segue o mesmo padrão. Padrão esse, que traz consequências graves para o desenvolvimento escolar, uma vez que os grandes vilões do fracasso na escola podem ser apontados como a ociosidade, a pobreza e as precárias condições de estudo.

Podemos entender melhor a situação elencada acima, ao analisar, por exemplo, as condições de estudo das pessoas que moram na zona rural, mas são obrigadas a estudar, por falta de opção, na sede do município. Essas pessoas são filhos, pais de trabalhadores rurais, que labutam o dia todo debaixo de sol ardente, e precisam se deslocar no turno da tarde, mas principalmente no da noite, para a cidade em busca de estudo. Se não bastasse ter que trabalhar no “roçado” durante o dia e estudar a noite, enfrentam ainda longas distância de sua casa até a escola, em transporte quase sempre impróprio para o transporte escolar.

Outro aspecto negativo é o cansaço, provocado pelo trabalho estafante, pelas longas viagens e pelo sono perdido, pois, dependendo da localidade onde moram, alguns alunos do turno da noite só chegam a casa 01h:00 hora da manhã, situação que se agrava muito no período chuvoso, sem falar daqueles que precisam andar a pé de 3 a 4 km até o local onde o carro transita.

São esses aspectos, de ordem social e econômica, juntamente com os de ordem moral e ética, (visto que a indisciplina virou rotina na escola), que se tornaram alguns dos grandes entraves do atual momento do ensino. Entraves que não estão sendo superados pela escola, impedida de ofertar um ensino de qualidade.

Apesar do nosso município já ter tido um grande fluxo migratório em função da cultura da castanha do Pará, da madeira, da abertura da transamazônica, do garimpo de Serra Pelada, hoje passado esse período, a grande maioria de nossos alunos, principalmente, os nascidos do final da década de 80 até os dias atuais, são filhos de São Domingos (Pa). O que não diminui a influência cultural das outras regiões brasileiras, principalmente, sul, sudeste e nordeste e, mais especificamente do estado do Maranhão, isto porque os pais desses alunos vieram de alguma parte dessas regiões.

Em se tratando de estudar, não conseguimos perceber na grande maioria dos alunos o gosto pelo estudo, pois estudar para eles, tem mais sentido de obrigação do que prazer ou realização pessoal. Chegamos a ariscar um palpite, que essa falta de estímulo, de ousadia, se deve a nossa tradição histórica, de país colonizado, com uma grande concentração de renda e corrupção dos governantes.

Mas mesmo assim, aqueles que conseguem se envolver nos estudos, se tornam motivos de orgulho para os pais e para a cidade, pois muitos dos que estudaram na escola, já cursaram ou estão cursando universidade em centros como Marabá, Belém, Araguaína, Goiânia ou Imperatriz. E esse número só não é maior, porque as limitações financeiras impedem que muitos deles saiam do município para continuar seus estudos, uma vez que na cidade de São Domingos do Araguaia não existem instituições de ensino superior.

A faixa etária de nossos alunos varia de turno para turno. Nos turnos da manhã e da tarde, a idade dos estudantes está condizente com o que apregoa a lei para o ensino fundamental. Já no turno da noite, a maioria aumenta consideravelmente, principalmente porque a escola oferece a modalidade de ensino EJA - para a população de jovens e adultos.

Outra situação que também compromete muito o rendimento escolar, é a falta de alternativas de lazer, para a população são Dominguesa. A nossa cidade, apesar do ar de crescimento, não oferece, de forma suficiente, atividades, quer sejam de cunho esportivo, cultural ou artístico para nossa população. Deixando assim, poucas opções de diversão para os jovens, o que resta então, são as baladas noturnas.

4.1.7 Objetivos

O que almejamos com a execução do Projeto Político Pedagógico é aumentar o nosso leque de intervenção socioeducativa, no espaço da comunidade escolar. Visto que, os instrumentos de intervenção que atualmente utilizamos, não estão surtindo os efeitos necessários às necessidades que o atual contexto escolar vem exigindo, principalmente, porque a escola não tem conseguido acompanhar no mesmo ritmo, as transformações desse mundo pós-moderno. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2008) temos os seguintes valores, visão de futuro e missão e meta da escola:

VALORES

- A. Respeito ao indivíduo: respeitamos a dignidade e os direitos de cada pessoa dentro e fora da escola;
- B. Transparência: orgulhamo-nos de ter comunicação aberta e honesta;
- C. Participação: trabalhamos em equipe, e cada pessoa contribui no limite de sua capacidade, nas atividades escolares.

VISÃO DE FUTURO

- Seremos reconhecidos pelo respeito que temos aos nossos clientes e a transparência na comunicação (simples e objetiva), e a participação da nossa equipe nas atividades escolares.

NOSSA MISSÃO

- Nossa Escola tem por missão, contribuir para a constante melhoria das condições educacionais da população, visando uma educação de qualidade aos nossos alunos, preparando-os para o exercício da vida profissional e para os desafios do mundo moderno.

METAS

- A. Diminuir o índice de reprovação em matemática nas séries críticas;
- B. Aumentar o índice de aprovação em português nas séries iniciais do ensino fundamental;
- C. Diminuir o índice de evasão nos turnos da tarde e da noite;
- D. Promover reuniões entre professores, conselho escolar e pais;
- E. Elaborar boletins informativos para divulgar as atividades da escola

Por ser esta escola parte integrante do município de São Domingos do Araguaia (Pa) vejamos a seguir um pouco da história desse município.

4.2 BREVE HISTÓRICO DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA

O processo de ocupação do território que viria a se tornar o município de São Domingos do Araguaia teve início com a chegada de imigrantes nordestinos dando destaque para o lavrador piauiense Serafim Canário da Silva, no ano de 1952. A partir do ano de 1953 outras famílias nordestinas também foram se fixando no local desenvolvendo a atividade extrativista da castanha do Pará, com o avanço do extrativismo surge um povoado conhecido como “Centro das Latas” devido a grande quantidade de latas de querosene espalhadas nas frentes das casas do povoado e que eram utilizadas na coleta da castanha.

O nome "São Domingos" surgiu em 1955, sugerido pelo padre da ordem dominicana que realizava a catequese dos nativos da região conhecido como Frei Gil, que celebrou a primeira missa no local e na ocasião trouxe uma imagem de São Domingos de Gusmão que passou a ser o padroeiro da localidade conhecida como “São Domingos das Latas”, termo pejorativo para muitos que moravam na localidade.

Nos anos 70, São Domingos passou por um aumento populacional considerável devido à abertura da Transamazônica onde se instalaram acampamentos para os trabalhadores das empreiteiras no local onde hoje se encontra a sede do município. Atrelado a esse acontecimento, o garimpo e a extração de madeira fomentaram e estimularam a migração cada vez maior de pessoas para essa região aumentando consideravelmente a população do povoado que pertencia ao Município de São João do Araguaia.

Com o rápido crescimento e desenvolvimento do distrito, começou a haver reivindicações pela autonomia política já que a localidade abrigava a maioria dos comerciantes e produtores de São João do Araguaia. Em 1991, foi realizado o plebiscito para emancipação do município tendo 99,5% dos votantes apoiado esse movimento, que se concretizou no mesmo ano. A área do município de São Domingos do Araguaia foi desmembrada do município de São João do Araguaia.

Elevado à categoria de município com a denominação de São Domingos do Araguaia, pela lei estadual nº 5706, de 27/12/1991, desmembrado de São João do Araguaia. Sede no atual distrito de São Domingos do Araguaia. Constituído do distrito sede. Instalado em 01/01/1993.

Destaque histórico do município de São Domingos do Araguaia foi a "Guerrilha do Araguaia", luta armada iniciada pelos militantes do Partido Comunista do Brasil contra o regime militar e sufocada entre 1972 e 1974 pelo Exército. Houve na época morte e desaparecimento de moradores, a exemplo do que aconteceu com os grupos de guerrilheiros civis que se instalaram em vários povoados, como Bom Jesus e Vila Metade, onde se apresentavam como agricultores ou comerciantes. Os militares praticaram atos de violência contra a população, guardados na memória dos moradores mais antigos. Somente com a reabertura democrática é que a população nacional tomou conhecimento desses fatos, mesmo assim, superficialmente. O movimento migratório continua forte até os dias de hoje.

Este município limita-se ao Norte - Município de São João do Araguaia Ao Leste - Município de Brejo Grande do Araguaia Ao Sul - Município de São Geraldo do Araguaia A Oeste - Município de Marabá e, pertence à mesorregião Sudeste Paraense e à microrregião Marabá.

4.3 DIAGNÓSTICO INICIAL ACERCA DOS LETRAMENTOS

Esta pesquisa-ação consiste da aplicação do questionário elaborado por Vóvio (2007, apud Rojo 2009, p.54-56), com a finalidade de conhecer as práticas de letramento vivenciadas diariamente por esses alunos, e com isso comprovar a importância de associar os conhecimentos adquiridos durante algumas leituras, ou seja, conhecimentos escolares/acadêmicos com as mais diversas formas de interação do sujeito com a escrita.

Em vista disso, podemos observar quais gêneros textuais os alunos mais têm acesso, obtendo assim um diagnóstico inicial. Vale ressaltar que os estudos sobre gêneros serão aplicados nas interações de sala de aula. Para a realização da pesquisa serão abordados dados qualitativos, com intuito de observar o comportamento dos alunos com relação aos letramentos que possuem.

Após a coleta dos dados qualitativos, vamos quantificá-los em forma de gráficos. A análise desses dados nos mostram os resultados que serão apresentados na próxima parte do trabalho.

A pesquisa-ação foi realizada com a turma do 9º ano da Escola Municipal de Ensino fundamental José Luiz Cláudio, localizada no município de São Domingos do Araguaia/PA, lembrando que houve envolvimento de toda turma durante a pesquisa, mas, apenas alguns questionários foram levados para a discussão.

4.4 RESULTADOS OBTIDOS

Todos os estudos acerca das teorias do letramento, bem como dos gêneros do discurso são de extrema importância, mas poder comprovar a veracidade destes em nosso contexto local, torna essas teorias ainda mais importantes. Nesse intuito, foi feito um trabalho de campo, aplicando um questionário elaborado por Vóvio (2007, apud ROJO 2009, p.54-56) com a finalidade de não só conhecer as práticas de letramento vivenciadas por nossos alunos, como também comprovar que os mesmos convivem diariamente com diversos eventos de letramento e gêneros do discurso dos mais variados níveis.

Para melhor compreender os eventos de letramentos praticados pelos alunos do 9º ano da escola Municipal de Ensino Fundamental José Luiz Cláudio, localizada no município de São Domingos do Araguaia no Sudeste do Pará, fizemos uma subdivisão no questionário da seguinte forma: aos eventos de letramento, vamos nominar como questionário um (1)², questionário dois (2), questionário três (3) e por fim questionário quatro (4), sendo que a complexidade dos eventos muda na ordem crescente, podendo variar de acordo com fatores social, cultural e econômico. O questionário aplicado constar em anexo.

Nesta primeira fase da análise, pretendemos identificar os tipos de letramentos que fazem parte do cotidiano quantificando os dados coletados por meio dos questionários usando infográficos.

4.5 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Os questionários foram aplicados de uma única vez, porém, fizemos um gráfico para representar os resultados obtidos em cada um dos questionários individualmente e, ao final, fizemos um gráfico cruzando os resultados obtidos nos 4 (quatro) questionários.

² Os questionários estão disponíveis em anexo.



Gráfico 1: Dessas atividades, quais você (ou seus pais) costuma(m) fazer?

Fonte: Brito e Paiva (2017, p. 73).

No questionário 1, podemos observar que os participantes da pesquisa fazem parte diariamente de vários eventos de letramento³, assim como também diversos gêneros textuais. Como pode ser observado no gráfico 1 acima, as únicas questões que não foram selecionadas foram a 1 e a 10. Isso se explica pelo fato de não haver listas de telefones disponíveis em nosso município, pois a maioria dos moradores e comerciantes locais usam telefones móveis, e nem jornais locais para publicar ofertas de supermercado e os panfletos raramente são distribuídos, e, portanto, estes letramentos não fazem parte da realidade dos alunos.

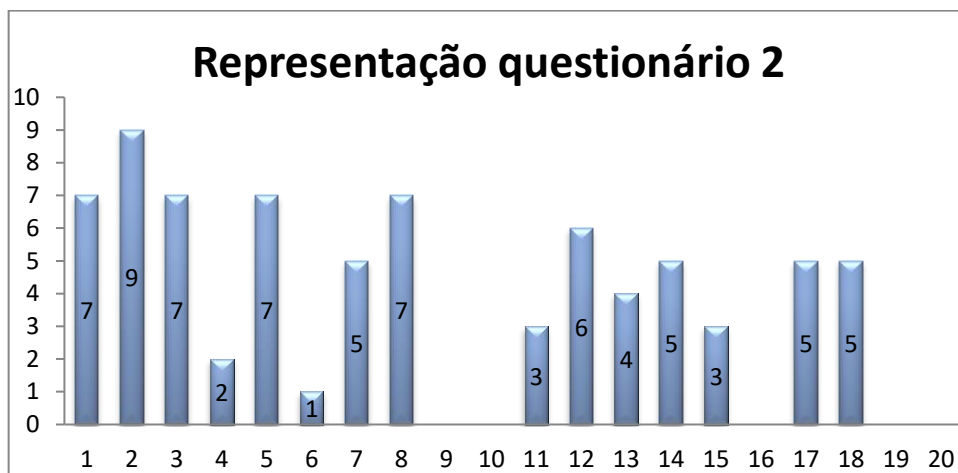


Gráfico 2: Quais desses materiais (impressos) há em sua casa?

Fonte: Brito e Paiva (2017, p. 73).

³ Eventos de letramentos, segundo Street (2014) referem-se aos eventos mais observáveis das atividades que envolvem a leitura e a escrita.

Todos os alunos têm acesso a pelo menos três tipos de materiais impressos. Os únicos materiais impressos que não constam nos lares dos alunos são catálogo telefônico e guias de ruas que, como explicado anteriormente, são materiais que não fazem parte do contexto sociocultural dos alunos, não tem como os mesmos fazerem uso dessas matérias. O gráfico 2 representa bem as repostas dos alunos.

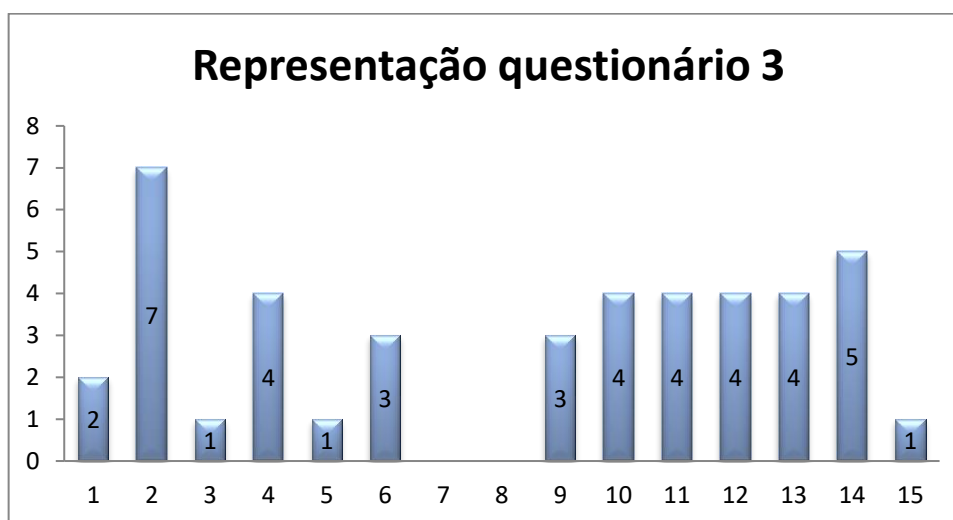


Gráfico 3: Quais das atividades abaixo você (ou seus pais) costuma (m) fazer no computador?

Fonte: Brito e Paiva (2017, p. 74).

No gráfico 3 (três), que está mais relacionado com fator econômico, os números de eventos de letramentos realizados pelos alunos envolvidos na pesquisa diminuiu, mas, no entanto, continuam a fazer parte da vida de alguns alunos que os pais possuem uma melhor condição financeira, pois a maioria dos alunos dessa escola, são de baixa renda e grande parte dos eventos citados neste nível requerem acesso ao computador ou outro aparelho digital e seu uso envolve um letramento diferente daqueles que fazem parte de suas práticas diárias. Observamos também que os únicos eventos que não foram marcados pelos alunos, no caso 7 e 8 requerem um letramento acadêmico e digital que no caso, eles ainda não possuem.

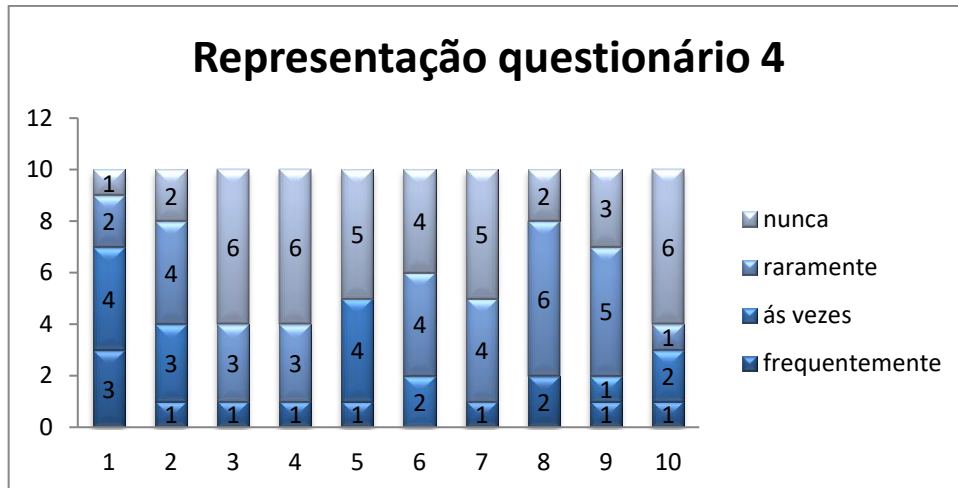


Gráfico 4: Indique com que frequência você (ou seus pais) faz (em) cada uma dessas atividades?
Fonte: Brito e Paiva (2017, p. 75).

No questionário 4 (quatro) foi analisada a frequência com que tais atividades são executadas. Com isso, percebe-se que não houve nenhuma das atividades que de uma forma ou de outra deixem de fazer parte da vida dos alunos, embora a coleta de dados revele que maioria dos alunos, nunca realizou uma ou outra atividade das relacionadas no questionário, o que torna a reforçar a questão sócio histórica, sociocultural, haja vista que 4 das 10 questões expostas no questionário, a saber, 1, 2, 3 e 10, não fazem parte da realidade destes alunos, pois não existe em nossa cidade.

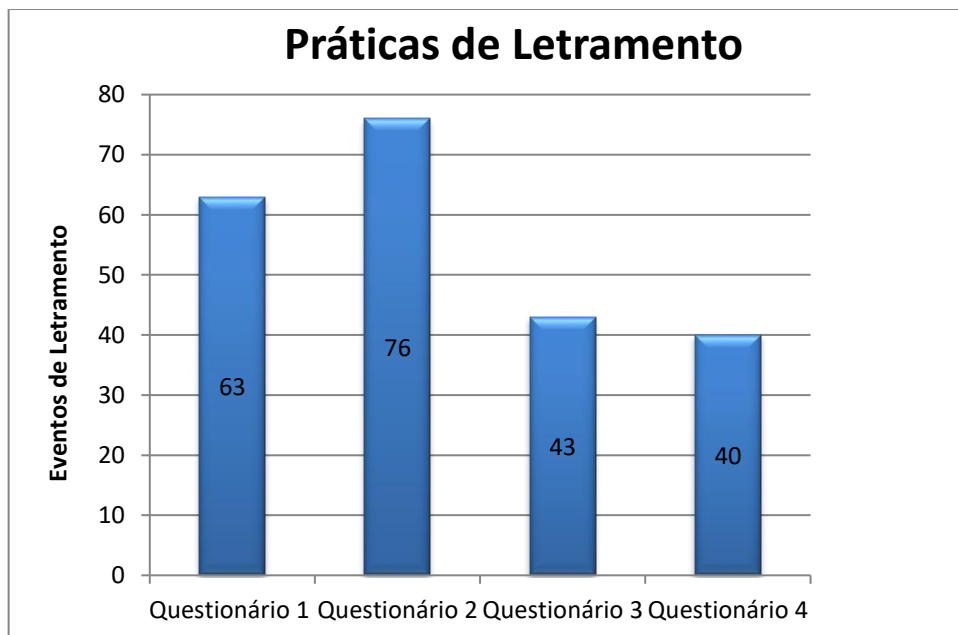


Gráfico 5: Práticas de letramento.
Fonte: Brito e Paiva (2017, p. 75).

Ao fazermos uma análise agora entre os questionários, percebemos que o 2 (dois) foi o nível em que os alunos mais se envolveram em eventos de letramentos e o 4 (quatro) foi o nível

em que os alunos menos se envolveram nestes. Isso se deve ao fato de que os eventos de letramentos do questionário 2 (dois) estar mais próximo da realidade dos alunos. Esse resultado comprova a perspectiva de Street (2007, p.484) que diz que devemos compreender o contexto cultural dos indivíduos para então entender que práticas sociais ele desenvolve e por fim traçar programas em cima dessa nova descoberta.

Depreendemos, do que foi estudado, que letramento é um fenômeno que surge para atender a uma gama de novas diversidades de usos da linguagem, que surgem com a globalização, com a diminuição do analfabetismo, e possível aumento do número de alfabetizados, bem como também com o advento de novas formas de se comunicar.

Assim, letramento é uma palavra que vem explicar algo que até então não era possível ser explicado. Isso se deve ao fato de termos alunos alfabetizados, mas que, sobretudo, não conseguem se envolver nas diversas práticas sociais. Por outro lado, temos pessoas analfabetas, mas que dentro de suas possibilidades conseguem agir e interagir em sua sociedade.

A escola, por não valorizar e não compreender, ou até mesmo não conhecer as formas de letramento que fazem parte da vida do aluno, acaba por marginalizar certas formas de letramentos simplesmente porque não são ensinados dentro do contexto educacional, ou porque não consideram como importante, como reconhecidos ou valorizados pela alta sociedade.

Percebemos então, que nós, professores, especialmente os de Língua Portuguesa, não estamos valorizando a cultura, a história dos nossos alunos, na verdade, não estamos abrindo as portas para a história de nossa comunidade, pois cada aluno, tem sua própria história, sua própria cultura, que vivenciam diariamente em seus lares, com seus familiares, amigos e etc.

Ao analisar o questionário aplicado aos alunos, percebemos que estes convivem diariamente com as mais variadas atividades e eventos de letramento, com as mais variadas e diversas formas de leitura e de escrita que devem ser valorizadas pelos professores.

Acreditamos que, tornar o nosso aluno letrado, significa dizer que o estamos preparando para agir e interagir nas diversas práticas sociais, para atender as demandas da sociedade moderna, pois muitos estudiosos acreditam que não seria possível nossa comunicação e interação enquanto seres sociais que somos se não fossem as diversas formas que temos de executar tal atividade. Portanto, tornar o sujeito letrado significa introduzir o sujeito no ambiente de conhecimento, oportunizando seu desenvolvimento enquanto ser social capaz de solucionar problemas nas diversas esferas da sociedade.

4.6 METODOLOGIAS E MATERIAIS

Para realização da intervenção, e de acordo com as normas do Profletras, tínhamos que escolher turmas em que atuávamos como professor, ministrando a disciplina de Língua Portuguesa. Os dados gerados para investigação foram resultados da aplicação de uma sequência de atividades na sala de aula incluindo: leituras e compreensão de várias notícias em jornais impressos e online.

Quanto ao método para a realização da pesquisa, alguns estudos apontam que os métodos científicos partem do princípio da observação do mundo que nos rodeia. Portanto, é importante aprender a observar de maneira mais aberta possível para que se possa questionar e agir sobre os fenômenos identificados. Daí a importância da pesquisa, pois:

A importância da pesquisa na formação de professores acontece no movimento que compreende os docentes como sujeitos que podem construir conhecimento sobre o ensinar na reflexão crítica sobre sua atividade, na dimensão coletiva e contextualizada institucional e historicamente. (PIMENTA, 2005, p. 523).

Inferimos que todo método de pesquisa deve embasar-se na organização de um planejamento consistente pautado em normas que devem ser seguidas e consideradas sistematicamente. Nessa perspectiva, situamos, quanto à metodologia, numa perspectiva qualitativa, visto que procuramos compreender nosso objeto de estudo na dinâmica do contexto escolar como um dos seus elementos constituintes como postulam Ludke & André (1996):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] A pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho de campo. (LUDKE; ANDRÉ, 1996, p. 11):

Assim, ao iniciar um trabalho de campo, no qual se pretende levar contribuições significativas aos sujeitos que farão parte dessa intervenção, há necessidade de fazer uma leitura a respeito do que se pretende trabalhar. Com isso, esse trabalho terá início com literaturas mais aprofundadas referentes ao gênero discursivo de modo geral, e em particular, ao gênero notícia, bem como das mídias usadas como ferramentas que favorecem o processo de ensino.

Quanto ao tipo de pesquisa será a pesquisa-ação. Essa escolha se deu pelo fato de que esse tipo de pesquisa procura unir a pesquisa à ação ou prática, ou seja, é um tipo de pesquisa que nos permite fazer uma reflexão sobre as ações desenvolvidas. É uma maneira de fazer pesquisa em situação em que também se é uma pessoa da prática e deseja melhorar determinada

situação de inquietação. Dessa forma Pimenta (2005) acentua que uma pesquisa-ação se trata de uma pesquisa qualitativa, com um trabalho de reflexão sobre a prática. E Assim, os professores vão se constituindo em pesquisadores a partir da problematização de seus contextos. (PIMENTA, 2005)

Como bem lembra Pimenta (2005), a problematização da pesquisa deve ser levantada a partir do contexto do professor-pesquisador. A nossa pesquisa contextualiza-se em uma turma de 8º ano, isso porque a pesquisa foi iniciada em novembro de 2017. Como não será possível a conclusão desta neste ano, ela se estenderá até o ano de 2018, quando os alunos que ora estão no 8º já estarão no 9º, série esta que sempre foi a pretensão deste trabalho.

A referida turma conta com 26 alunos frequentes, faz parte do turno matutino da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luiz Cláudio, localizada no município de São Domingos do Araguaia- Pa.

É importante ressaltar que não serão apresentados, a fim de sistematização de dados, o quantitativo total de alunos. Como há rejeição por partes de alguns deles, em não querer participar da pesquisa, o critério utilizado para a seleção dos alunos foi o interesse e a disposição em aprender e dominar um novo gênero, bem como a assiduidade nas aulas, o que resultou em 16 alunos. Como essa série não é realmente o foco da nossa pesquisa, optamos por não forçar a barra com os alunos que não tiveram interesse em participar desta.

Veja a seguir a tabela representativa da quantidade de alunos:

Tabela 1: Quantitativo de alunos.

Ano	Turma	Nº de alunos
2017	8º A	26 alunos
2018	9º A	20 alunos

Fonte: Paiva (2018).

Até o momento foram 26 alunos envolvidos na aplicação do projeto de intervenção. Atualizando os dados, já com o quantitativo exato para 2018 e finalização do projeto, a turma continha apenas 20 alunos, todos os alunos participaram da pesquisa, mais na análise dos dados serão apresentado apenas 6 trabalhos. Alguns dos 14 textos restantes serão acrescentado aos anexos. Na sequência mostraremos as etapas que realizamos para gerar os dados de nossa investigação.

Assim, após um estudo sobre os letramentos que permeiam a vida dos alunos, passemos então, a organização dos métodos e materiais utilizados na pesquisa, que está organizada em 4 (quatro etapas distintas), a saber:

1 – Aplicação de 3(três questionários), a saber: no primeiro, buscamos compreender como os alunos entendem os gêneros textuais, no segundo, visamos verificar quais tipos de gêneros os alunos preferem ler e no terceiro avaliamos o conhecimento dos alunos acerca da estrutura de um jornal impresso.

2 – Elaboração da sequência didática (SD) em forma de oficina, levando em conta tanto o projeto pedagógico da escola, quanto o plano da disciplina de Língua Portuguesa da turma de 9º ano do Ensino fundamental da Escola Municipal José Luís Cláudio;

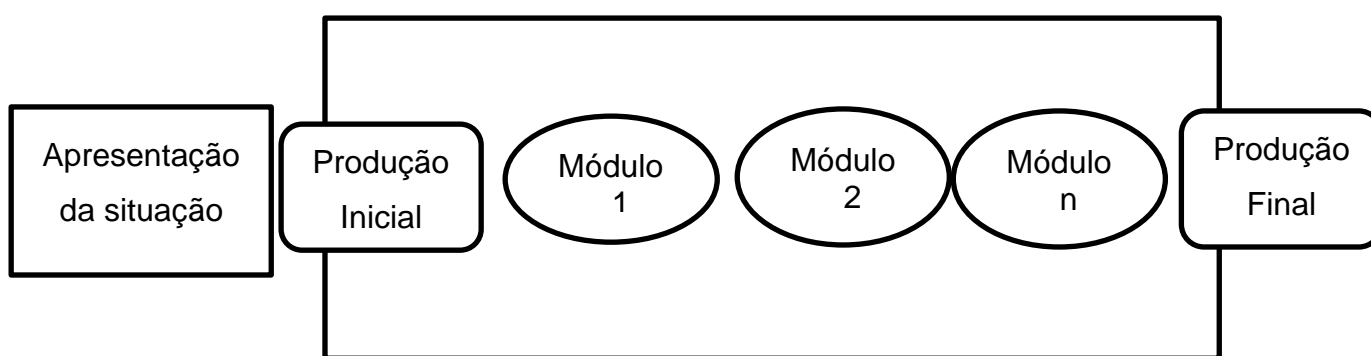
3 – Desenvolvimento da sequência didática na turma selecionada;

4 - Análise interpretativa dos dados gerados pela pesquisa, como: registro realizado por meio de fotografias das aulas durante a execução do projeto de intervenção, diário de campo (anotações pertinentes a pesquisa), atividades produzidas pelos alunos e transcrição de trechos de conversas interativas acerca do tema abordado (no caso, a notícia).

4.7 SÍNTESE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD) PARA TRABALHAR O GÊNERO NOTÍCIA

Para elaboração desta sequência didática será usado como base, a proposta criada por Dolz, Noverraz e Schenewly (2004, p.83), a qual eles denominam de esquema para a sequência didática e o representam desta forma.

Quadro 6: Síntese da sequência didática.



Fonte: Dolz et al (2004, p. 84).

Temos então a apresentação da situação segundo Dolz et al 2004 p. 84: “ Visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final, ela os prepara para a produção inicial”. Diante do exposto, podemos dizer que a apresentação da situação tem papel fundamental na execução da sequência didática.

Após a apresentação da situação, vem a produção inicial que segundo os autores, é neste momento que os alunos tentam elaborar um texto, revelando para si e para o professor as representações que tem dessa atividade (DOLZ et al, 2004).

Os módulos, ainda segundo os autores, é o momento em que serão trabalhados os problemas que aparecerem na produção inicial e, conseqüentemente, proporcionar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los, inclusive revendo partes da apresentação da situação, se necessários. Podem ser criados quantos módulos forem necessários para atender as necessidades dos alunos. A produção final é o momento em que os alunos terão a possibilidade de por em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos (DOLZ et al, 2004).

Baseado nesses dados, elaboramos a sequência, que podemos também chamar de etapas ou oficinas a serem seguidas na execução da pesquisa.

Quadro 7: Objetivos.

OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ➤ GERAL — Familiarizar os alunos com o gênero notícia, promovendo uma sequência de atividades focadas no ensino da leitura e da escrita que permitam a formação do aluno enquanto autor autônomo e proficiente. ➤ ESPECÍFICOS — Verificar os conhecimentos dos alunos sobre os Gêneros Textuais; — Explorar alguns gêneros presentes no cotidiano dos alunos; — Identificar o conhecimento dos alunos sobre o gênero notícia; — Discutir sobre as características dos jornais impressos e digitais; — Explorar cadernos e seções do jornal, identificando assuntos noticiados; — Conhecer a estrutura composicional do gênero notícia; — Estabelecer relações entre o conteúdo da notícia e outros textos lidos; — Produzir uma notícia, tendo como base acontecimentos importantes de sua comunidade. — Organizar um e-book, valorizando os textos produzidos.
-----------	--

Fonte: Paiva (2018).

Quadro 8: Oficinas.

MÓDULOS	OFICINAS	AULAS
APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	<p>I MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Inicialmente foi apresentado aos alunos diversos gêneros textuais. - Em seguida conversei com os alunos sobre o gênero a ser estudado, visando detectar seus conhecimentos prévios acerca do mesmo; - Discutir as características das notícias impressas e digitais; - Distribuir diferentes notícias para que os alunos, organizados em grupo, tenham o primeiro contato com o gênero; - Promover uma análise do texto estudado, buscando compreendê-lo; - Socializar as análises feitas, instigando os alunos a exporem oralmente sua compreensão sobre o texto do grupo para o restante da sala. 	3
	<p>II MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formar grupos e distribuir jornais para que os alunos folheiem, explorem e leiam o material; • Pedir que resolvam as questões seguintes: Em anexo • Propor um debate a partir das questões propostas. • Selecionar uma notícia que instigue a curiosidade da turma e explorá-la nos seguintes aspectos: <ul style="list-style-type: none"> – Título; – Nome do autor; – Espaço do jornal em que foi publicado (seção, caderno); – Público a que se destina; – Assunto abordado. • Socialização das conclusões da classe. • Apresentar a estrutura do gênero notícia. • Propor aos alunos que façam o levantamento de dados e fatos da comunidade local que poderiam virar notícia para serem explorados na próxima oficina em que será proposta a produção textual inicial. 	3
PRODUÇÃO INICIAL	<p>III MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formar trios e distribuir jornais; • Pedir que os alunos observem os aspectos da primeira página, destacando os seguintes pontos: <ul style="list-style-type: none"> – Manchete; – Título; – Temas abordados; – Imagens; • Ajudar os alunos a localizar a notícia principal e pedir que a leiam na íntegra, • Incentivar a turma a fazer comentários, opinar, argumentar sobre o texto lido. • Propor a produção de uma notícia seguindo as orientações estudadas e as sugestões trazidas pelos alunos. 	3

I	<p>IV MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formar duplas; • Distribuir cópias de uma notícia; • Explorar as características da notícia; • Pedir que identifiquem no lide as respostas às seguintes questões: quem?/ Fez o quê?/ A quem?/ Onde?/ Quando?/ Como?/Por quê?/ para quê? • Mostrar a função do restante dos parágrafos. • Pedir que os alunos confeccionem um cartaz enfatizando as principais características da notícia e dando exemplos. 	
II	<p>VI MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explorar mais notícias levando os alunos a responderem os seguintes questionamentos: <ul style="list-style-type: none"> — A que público ela se destina? — Quando e onde ocorreu o fato noticiado? • Explorar o uso da terceira pessoa como fator de distanciamento do fato e maior confiabilidade da notícia. • Instigar os alunos a concordar, discordar, criticar, assumir uma posição diante do fato, formando um debate sobre o assunto. • Produzir primeira versão. 	
III	<p>VII MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Propor a socialização das notícias produzidas por eles durante o III momento. • Informar aos alunos que os melhores textos serão publicados em um jornal a ser produzido pro eles. • Retomar as características da notícia. 	

PRODUÇÃO FINAL	<p>VIII MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levantamento das principais dificuldades encontradas. • Revisão dos textos produzidos nos aspectos: <p>1 - PROBLEMAS QUANTO À COESÃO TEXTUAL E À EXTRUTURA:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Ausência de conectivos – Excesso de pequenos parágrafos – Conectivo inadequado – Períodos curtos e sem articulação – Períodos longos – Falta de encadeamento das ideias <p>2 - PROBLEMAS QUANTO À ADEQUAÇÃO GRAMATICAL:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Ortografia e/ou acentuação – Concordância (verbal / nominal) – Sujeito sem verbo – Tempos verbais – Pontuação – Letra maiúscula – Conectivo inadequado – Crase – Divisão silábica <p>3 - PROBLEMAS QUANTO À COERÊNCIA TEXTUAL:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Repetição de ideias – Incoerência entre as ideias apresentadas – Ausência de título – Frase sem sentido ou confusa – Parágrafo sem sentido ou confuso – Falta de progressão textual – Ausência de um sentido claro e lógico do começo ao fim – Tempo e espaço condizentes com as ações <p>4 - PROBLEMAS QUANTO AO GÊNERO OU AO TEMA:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Desrespeito às características e especificidades de cada gênero – Desobediência à estrutura do gênero proposto (notícia) – Adequação do título ao conteúdo do texto <ul style="list-style-type: none"> • A revisão dos textos será feita por etapas, por isso será disponibilizado um tempo maior nesta oficina. • Refacção dos textos. 	
----------------	--	--

Fonte: Paiva (2018).

4.8 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

Os desafios da escola pública brasileira são muitos e recorrentes. Esses desafios percorrem os caminhos desde a nossa formação, enquanto professor, passando pela precariedade das escolas, falta de materiais didáticos, tecnológicos chegando ao trabalho em sala de aula. O maior desafio, que assim consideramos, consiste no trabalho com a Língua Portuguesa, que polêmicas e divisões desde as universidades, onde têm grupos que defendem

fervorosamente o ensino da língua padrão e, grupos que apenas recomendam o uso da língua padrão, mas que também aceitam e respeitam os diversos dialetos que adentram o contexto escolar.

Dessa forma, durante o meu curso de Letras, tive muita dificuldade em compreender a didática do ensino de línguas, na verdade, eu não compreendi mesmo. Saí da universidade, sem saber de que lado estava e como agir em sala de aula: respeitar o dialeto dos alunos e mostrar que há uma maneira única de falar? Ou simplesmente constranger o aluno por não dominar a norma padrão da Língua Portuguesa e repreender o conhecimento que este já tem acerca da sua língua materna?

Fizemos esses questionamentos, no intuito de mostrar, que todos esses desafios implicam um bom andamento no ensino de línguas, especialmente no que tange ao ensino da leitura e da escrita, pois ao agir de forma autoritária repreendendo o aluno, poderemos ser responsável pela desistência deste aluno. Acreditamos que, para ensinar, precisamos, acima de tudo, respeitar as diferenças entre os alunos que dominam e os que não dominam a língua padrão. Hoje, já me sinto mais segura, pois já sei que, para ensinar Língua Portuguesa, precisa partir das práticas sociais dos alunos, para só então, levá-lo a compreender a o uso da língua padrão dentro do seu contexto social.

Não pretendemos dizer com isso que, o aluno deve sair da escola do mesmo jeito que entrou, é claro que devemos procurar uma metodologia que consiga atender as diferenças de sala de aula e tornar os alunos capazes de se comunicarem socialmente fazendo uso da norma padrão da língua quando necessário

Assim, pretendemos mostrar neste capítulo, as etapas percorridas no trabalho com o gênero notícia em sala de aula, visando aprimorar ou simplesmente criar um espírito crítico e reflexivo nos alunos à medida que leem e produzem notícias.

A atividade foi iniciada com o I momento da sequência didática, levando o aluno a refletir sobre o que são os gêneros textuais. Ao realizar esta atividade pretendemos verificar a compreensão dos alunos acerca dos gêneros textuais.

Essa foi uma etapa bem interessante da pesquisa, ao relatar gêneros textuais, a imaginação dos alunos ganham “asas”, fazem uso de uma criatividade incrível e, até comparam gêneros textuais com os gêneros do substantivo (masculino e feminino). Com isso, foi possível observar que os alunos não conseguem falar espontaneamente sobre os gêneros textuais, esse fato foi constatado a partir dos dados coletados, o que já era esperado, haja vista que, determinados professores também não conseguem compreender os gêneros textuais.

Um elemento em comum nas respostas dadas pela maioria dos alunos foi relacionar gêneros a um “tipo” ou “espécie de texto”, o que não nos parece tão distante do conceito, pois até mesmo em universidades é possível perceber essa associação.

Houve também um *mix*⁴ de ideias entre os domínios sociais de comunicação das esferas literárias, esportivas e teatrais com o conceito de gêneros, associando também essas esferas a tipos de textos. Assim, como houve também aqueles alunos que, ao manusear seus livros de Língua Portuguesa conseguiram se aproximar do que seriam os gêneros textuais.

Ao final da aula, falamos bem claramente sobre os gêneros, inclusive apontando em seu livro didático os diversos gêneros presentes no decorrer das unidades. Agora, esses alunos já conseguem compreender e identificar alguns gêneros presentes em seu dia a dia e, o mais surpreendente é que ao apresentar alguns tipos de gêneros, todos eles sabiam identificar, o que nos remete a competência metagenérica citada por Koch (2012).

Pedi então que eles trouxessem de suas casas para a próxima aula o gênero de sua preferência para que pudéssemos dar continuidade ao nosso trabalho, essa será então a próxima etapa da sequência didática a ser seguida.

Neste segundo momento, baseado no que havia pedido anteriormente, apliquei um novo questionário com quatro perguntas, com qual pretendo verificar a preferência dos alunos no que concerne aos gêneros. Os resultados obtidos serão apresentados logo abaixo:

Tabela 2: Identificação dos gêneros.

1 - VOCÊ SABE IDENTIFICAR OS GÊNEROS LIDOS?	Freq.	%
SIM	17	74%
NÃO	6	26%
TOTAL OBS	23	100%

Fonte: Paiva (2018)

Como bem mostra o resultado da primeira pergunta, após a avaliação diagnóstica iniciada com a pergunta sobre o que é um gênero textual, no módulo de reconhecimento, e as posteriores explicações, os alunos, ou pelo menos a maioria deles, exatamente 74% já são capazes de identificar o gênero lido.

⁴ Originário da Língua Inglesa e significa mistura

Tabela 3: Leitura em jornal.

2 – VOCÊ GOSTA DE LER JORNAL?	Freq.	%
SIM	7	30%
NÃO	16	70%
TOTAL OBS	23	100%

Fonte: Paiva (2018).

As questões dois (2) e três (3) refletem a realidade da minha escola e, que não é novidade para nós, professores, que a maioria dos alunos não se interessam pela esfera jornalística, revelando que apenas 30% dos alunos leem jornal e que apenas 13% gostam de ler notícias. Acreditamos que esses dados revelam também a realidade cultural dos alunos, se os jornais não fazem parte do cotidiano desses alunos, então não é possível que estes o leiam. E aqueles que leem jornal apenas 35% procuram por notícias, a maioria, procuram mais a seção humorística, conclusão está retratada na questão quatro (4) do questionário.

Tabela 4: Preferência por gênero textual.

3 – QUAL É O GÊNERO DE SUA PREFERÊNCIA?	Freq.	%
CRÔNICA	-	-
NOTÍCIA	3	13%
CONTO	2	9%
BIOGRAFIA	-	-
ROMANCE	-	-
POEMA	5	22%
PIADA	6	26%
HISTÓRIA EM QUADRINHO	4	17%
HISTÓRICO/CIENTÍFICO	-	-
RELIGIOSO	1	4%
TOTAL OBS	23	100%

Fonte: Paiva (2018).

Tabela 5: Seção de jornal.

4 – QUAL SEÇÃO DO JORNAL VOCÊ MAIS GOSTA?	Freq.	%
NOTÍCIA	8	35%
CLASSIFICADOS	-	-
CRÔNICAS	-	-
HUMOR	15	65%
ARTIGO DE OPINIÃO	-	-
SERVIÇO (telefone, tempo, cotação etc)	-	-
TOTAL OBS	23	100%

Fonte: Paiva (2018).

Constatamos, por meio da aplicação deste questionário que, lidar com esse tema em sala de aula implica um trabalho que vai além dos conhecimentos gramaticais e do léxico da língua, pois, para Dolz et al (2010), diversidade textual é considerada como fundamental para desenvolver a habilidade da escrita, sendo que ao produzir e compreender textos variados, tanto nas modalidades escritas quanto orais, o objetivo central da língua estará sendo executado. Com isso, iremos aos poucos, inserindo esse gênero, que o é o objeto deste trabalho, no cotidiano dos alunos, ou seja, fazer eles gostarem de algo que ainda não gostam.

Vamos então ao terceiro questionário aplicado aos alunos. Neste, buscamos verificar se os alunos têm as técnicas e habilidades que são necessárias para que possamos ser capazes de compreender a estrutura de um jornal, pois no momento da aplicação deste questionário todos os alunos estavam folheando um jornal. Neste questionário, os dados coletados foram os seguintes:

Tabela 6: Para quê ler?

1 - LEMOS JORNAL PARA:	Freq.	%
PASSAR TEMPO	1	3,8%
MANTER-NOS INFORMADOS	25	96,2%
TOTAL OBS	26	100%

Fonte: Paiva (2018).

Esse resultado já era esperado, haja vista que nesta altura da realização da pesquisa os alunos já perceberam que o nosso foco é a notícia, a informação, talvez o debate em sala tenha tido influência direta neste resultado. Mas, consideramos satisfatório dentro dos moldes da pesquisa.

Tabela 7: Identificando o jornal lido.

2 - QUAL O NOME DO JORNAL LIDO?
100% DOS ALUNOS CONSEGUIRAM IDENTIFICAR O NOME DO JORNAL

Fonte: Paiva (2018).

Essa pergunta teve como critério, a importância de conhecermos e identificar a fonte que nos forneceu as informações e, como mostra os dados, todos os alunos participantes foram capazes de identificar o nome do jornal que foi distribuído a eles.

Tabela 8: Organização dos textos.

3 - COMO OS TEXTOS ESTÃO ORGANIZADOS?	Freq.	%
OS TEXTOS OCUPAM A LINHA INTEIRA	-	-

OS TEXTOS ESTÃO DIVIDIDOS EM BLOCOS OU COLUNAS	26	100%
TOTAL OBS	26	100%

Fonte: Paiva (2018)

Visando compreender a estrutura e disposição dos textos, foi lançada essa pergunta, os dados nos mostram que 100% dos alunos conseguiram compreender como são montados e distribuídos os textos em um jornal impresso.

Tabela 9: Identificação de informações.

4 - QUE INFORMAÇÕES APARECEM NELE?	Freq.	%
VÁRIOS TIPOS DE INFORMAÇÕES COMO NOTÍCIAS, ENTRETENIMENTO, CLASSIFICADOS, ETC.	26	100%
SOMENTE NOTÍCIAS	-	-
TOTAL OBS	26	100%

Fonte: Paiva (2018).

Embora, os dados coletados na questão 1, nos remeta que uma informação esteja associada somente a notícia, nesta questão podemos perceber que os alunos conseguiram compreender que um jornal apresenta muito mais que somente notícias, transcorrendo por diversos tipos de informações.

Tabela 10: Melhor seção do jornal.

5 - O QUE MAIS LHE CHAMOU A ATENÇÃO NO JORNAL?	Freq.	%
PÁGINAS DE ENTRETENIMENTO	2	7,7%
PÁGINAS DE NOTÍCIAS	21	80,8%
ESTRUTURA DE UM JORNAL (DISTRIBUIÇÃO DE TEXTOS, ORGANIZAÇÃO E ILUSTRAÇÃO	1	3,8%
NADA	2	7,7%
TOTAL OBS	26	100%

Fonte: Paiva (2018).

Com essa pergunta, foi possível apresentar aos alunos as diversas partes que contém um jornal e, detectar que o que mais lhes chamam a atenção são realmente as notícias.

Assim, estamos quase concluindo o trabalho com o jornal impresso, este que será o produto final do meu trabalho. Considero esta etapa muito importante para o todo da pesquisa, a julgar pela necessidade de ter um domínio sobre o gênero que pretendemos trabalhar, sendo que, é na escola que se apresenta e pratica esse tipo de domínio, como bem relata Koch (2012, p. 74): “cabe á escola possibilitar o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora dela”.

Passemos agora aos módulos da sequência didática. É nesta etapa da pesquisa que será produzido os textos dos alunos para as análises.

CAPÍTULO V – CAMINHOS PARA A ESCRITA

Nesta etapa em que iniciaremos a primeira produção, ainda reservaremos espaço para folhear um jornal impresso, meio em que veicula uma notícia, no intuito de compreendermos a estrutura do gênero notícia. Assim, distribuímos jornais na turma e detalhamos cada parte que compõem uma notícia, exatamente como retrata a imagem abaixo:



Figura 5: Representação da estrutura de um jornal.

Fonte: <http://jornalcorreiodigital.com.br/pub/jornalcorreio/index.jsp?serviceCode=logon&edicao=26136#page/2>

Com esta imagem foi possível mostrar à turma, a estrutura da notícia, e assim, pedimos que produzissem uma notícia seguindo as orientações estudadas e as sugestões de notícias trazidas por eles, dando início ao III momento da sequência didática. A produção inicial dos alunos consta em anexo.

5.1 PRODUÇÃO INICIAL

Por meio da produção inicial que será possível verificar os problemas que os alunos encontraram até chegar à produção final, mediante a reconstrução do gênero em discussão, faremos a revisão do texto produzido com o intuito de oferecer meios para que o aluno faça sua reescrita.

É nesse sentido que a construção e aplicação da sequência didática tem sua importância. Para Dolz et al (2012, p. 66):

(...) a sequência didática tem por objetivo, de um lado, focalizar uma situação de comunicação e as convenções de um gênero particular e, por outro, organizar e articular diferentes atividades escolares, a fim de que as dificuldades dos aprendizes possam ser ultrapassadas. (DOLZ et al, 2012, p. 66)

Neste caso, a situação de comunicação depende do gênero a ser trabalhado, no caso aqui, a notícia, atividade escolar adotada para fazer com que o aluno melhore a sua produção escrita. Nas produções que serão expostas a seguir, podemos verificar, no que concerne aos elementos e estrutura da notícia, que todos os alunos precisam voltar aos textos e fazer uma auto avaliação incluindo uma lista de constatações para então, iniciar a reescrita.

A produção inicial partiu de uma conversa sobre os fatos e acontecimentos que mais chamaram a atenção dos alunos e que eles acreditem ser importantes para divulgar na comunidade escolar, pois:

Escrever um texto com base apenas em um tema ou título propostos pelo professor, a própria escola contribui para que muitos alunos desenvolvam a crença de que a escrita à moda de fatídicas redações, é uma exigência exclusiva da escola, sem serventia fora dela. (PASSARELI, 2012, p. 115)

Dado o primeiro passo, será analisado os erros estruturais que comprometem não só a compreensão do que se diz, como também, para que se diz, pois para (Antunes, 2010, p. 59): “qualquer análise, de qualquer segmento deve ser feita, sempre, em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito”.

Para continuar o trabalho, é necessário compreender porque se faz e o que é que se faz ao analisar um texto. Antunes (2010. p. 46) afirma que:

(...) somente no texto é possível encontrar justificativa relevante para, por exemplo, a escolha de artigos (definido ou indefinido), das expressões dêiticas (de pessoa, tempo e lugar), para a compreensão de relações semânticas entre frases encadeadas sem a presença de conectivos explícitos; para as propriedades referenciais de substantivos e pronomes, sem falar nas muitas funções textuais e discursivas da repetição de uma palavra ou da substituição de uma por outra equivalente. (ANTUNES, 2010, p. 46)

Comprendemos desse excerto que, é por meio da escrita de texto que é possível compreender o funcionamento da língua e sua estrutura. Acreditamos que, ao citar o texto como objeto de análise, a autora está fazendo uma crítica a uma prática que é muito comum nas escolas, a análise de frases isoladas como forma de compreender a língua materna. Então, corroboramos com o pensamento da autora e decidimos analisar o texto de forma global,

observando todos os elementos e todo conhecimento que foram postos em prática no momento da produção dos alunos.

Então, se faz a análise de texto, porque é por meio dele que se realiza a comunicação. E o que é feito na análise de texto:

é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. (ANTUNES, 2010, p. 49)

Neste sentido é que elaboramos uma grade para que seja feita a análise dos textos produzidos. A grade será baseada na proposta elaborada por Abaurre & Abaurre (2012, p. 56) e adaptada com algumas das sugestões de Antunes (2010, p. 69). Obtendo os seguintes critérios para análise:

Quadro 9: Critérios para análise dos textos.

<p>1 - PROBLEMAS QUANTO AO GÊNERO OU AO TEMA (Propósito comunicativo e desenvolvimento do gênero discursivo proposto);</p> <ul style="list-style-type: none"> – Desrespeito às características e especificidades de cada gênero – Desobediência à estrutura do gênero proposto (notícia) – Adequação do título ao conteúdo do texto
<p>2 – PROBLEMAS QUANTO À ADEQUAÇÃO GRAMATICAL (Aspectos gramaticais;)</p> <p>Aqui será avaliado o grau de inadequação ou adequação em relação a determinadas regras gramaticais, associada a modalidade escrita da variedade urbana de prestígio. Assim, procuraremos determinar quais são as inadequações que realmente comprometem a compreensão do texto e as que distanciam a pouca familiaridade do aluno com as estruturas próprias do texto escrito, como bem recomendam Abaurre & Abaurre (2012, p. 64). Para Antunes (2010, p. 55) a gramática, evidentemente está presente como componente funcionalmente essencial e insubstituível, e o que deve ser observado é a funcionalidade de cada recurso gramatical. Será observado aqui, aspectos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Ortografia e/ou acentuação – Concordância (verbal / nominal) – Sujeito sem verbo – Tempos verbais – Pontuação – Letra maiúscula – Conectivo inadequado – Crase – Divisão silábica
<p>3 – PROBLEMAS QUANTO À COESÃO TEXTUAL E À ESTRUTURA:</p> <p>Neste item observaremos as relações entre as várias ideias a serem apresentadas e qual a maneira a utilizada pelo autor para construir essas relações com os recursos que a língua oferece. Segundo Abaurre & Abaurre (2012, p. 65), essa coesão pode acontecer de forma</p>

referencial, aquela que cria, no interior do texto, um sistema de relação entre palavras e expressões, permitindo que o leitor identifique os referentes sobre os quais se fala no texto. Os pronomes são elementos fundamentais no estabelecimento da coesão referencial, é de forma sequencial e aquela que cria, no interior do texto, condições para que o discurso avance. As diferentes flexões verbais de tempo e modo e as conjunções são os principais elementos linguísticos responsáveis pelo estabelecimento e manutenção da coesão sequencial no interior do texto. Podemos dizer que a coesão acontece por meio dos mecanismos coesivos que causam um efeito de repetição(ou retomada de informações anteriores) e da progressão (acréscimo de novas informações). Em resumo, observaremos os seguintes aspectos:

- Ausência de conectivos
- Excesso de pequenos parágrafos
- Conectivo inadequado
- Períodos curtos e sem articulação
- Períodos longos
- Falta de encadeamento das ideias

4 – PROBLEMAS QUANTO À COERÊNCIA TEXTUAL:

Neste item será observado se a organização dos elementos faz sentido em relação ao acontecimento que será noticiado. Neste caso, o autor precisa ter clareza ao usar o texto para se expressar. Assim, Abaurre & Abaurre (2012, p. 67) afirmam que neste critério é investigado se os nexos de sentido estabelecidos entre as informações, dados, argumentos, correspondem, de fato, as relações possíveis entre as ideias noticiadas. Para Koch & Travaglia (2011, p. 13) dizem que a coerência teria a ver com a boa formação do texto em termos de interlocução comunicativa. Dessa forma, abordaremos os seguintes aspectos:

- Repetição de ideias
- Incoerência entre as ideias apresentadas
- Ausência de título
- Frase sem sentido ou confusa
- Parágrafo sem sentido ou confuso
- Falta de progressão textual
- Ausência de um sentido claro e lógico do começo ao fim
- Tempo e espaço condizentes com as ações.

Fonte: Abaurre e Abaurre (2012, p. 56) e Antunes (2010, p. 69).

Segundo Antunes (2010, p. 29) para que seja possível entender o que é um texto, tem-se desenvolvido o conceito de textualidade, que é a característica estrutural das atividades sociocomunicativas (e, portanto também linguística), executadas entre os parceiros da comunicação. Logo, todo enunciado que visa realizar uma comunicação deve apresentar uma “conformidade textual”. Para que haja essa “conformidade textual” é necessário que os elementos que compõem o texto estejam em consonância com elementos característicos de cada gênero selecionado para realizar a comunicação. Aqui, observaremos a notícia, por isso, é importante analisar, nos textos, os elementos característicos deste gênero, como o contexto de produção, a capacidade discursiva e as capacidade linguística-discursiva.

Nesse sentido Bakhtin (2006, p. 262) afirma que:

[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos). Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só pelo conteúdo temático, pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional que estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais ele denomina gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2006, p. 262)

Com isso, fica claro que devemos observar as características de cada um dos gêneros que pretendemos trabalhar com nossos alunos, para então aumentar a capacidade de comunicação destes. Passareli (2012, p. 121) afirma que: “O ponto de partida é trabalhar o texto, tomado pelos usuários da língua em uma situação de interação comunicativa específica e, com base no gênero em que se materializa”. Dentro dos textos serão feitas a análise do uso da linguagem padrão.

O primeiro aspecto a ser analisado em todos os textos é o propósito comunicativo e o desenvolvimento do gênero proposto. Em relação a esse aspecto, podemos observar que todos eles cumpriram bem esse item, a julgar pela função principal do gênero notícia que é relatar um fato e manter o leitor informado. Muitas leituras foram feitas para que pudéssemos iniciar a escrita, haja vista que para escrever, o aluno precisa, no mínimo, ter em mente algum fato que julgue importante e que queiram que a comunidade também tenha conhecimento deste fato.

Em relação a construção da lead e do olho da notícia o jornalista Richard Noblat diz que: “ Vocês só tem uma bala na agulha para capturar a atenção dos leitores, as primeiras linhas de um texto. Se elas não forem capazes de despertar interesse, tchau e benção”. Por isso, tanto a lead quanto o olho da notícia devem existir e serem bem redigidos.

Não só a primeira operação apontada por Dolz et al (2010, p. 25) como também a segunda, se encaixam bem na análise deste critério, uma vez que, na segunda operação, é destacado o desenvolvimento do conteúdo temático em função do gênero, pois cada gênero exige um tipo de conteúdo em sua construção e cada gênero apresenta uma organização interna diferente.

O segundo será os aspectos gramaticais. Por se tratar de uma notícia, textos deste gênero devem ser escritos respeitando a linguagem culta (padrão), com uso de poucas palavras para expressar o máximo de informações. Aqui, observaremos estes aspectos em conformidade com o que diz em conformidade com o que diz Bortoni-Ricardo (2005, p. 14-15):

Se a padronização é impositiva, não deixa de ser também necessária. Ela está na base de todo estado moderno, independente de regime político, na formação do seu aparato

institucional burocrático, bem como no desenvolvimento do acervo tecnológico e científico. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14-15):

Quanto à coesão, que será o terceiro aspecto a ser analisado, serão observados a escolha dos elementos linguísticos que podem ou não favorecer a compreensão do texto e o papel que cada elemento desempenha dentro da construção textual. Encaixaremos aqui a quarta operação citada por Dolz et al (2010, p. 25) que diz respeito aos sinais de pontuação, os parágrafos e os organizadores textuais, vale reforçar que os sinais de pontuação e os parágrafos também se encaixariam no critério anterior, referente aos aspectos gramaticais, mas optamos por deixar aqui neste critério.

A análise deste quesito é de extrema importância, pois, a construção de um bom texto, se dá por meio dos elementos linguísticos que se encadeiam dando significado ao todo. Nesse sentido Koch (2016,p.45) afirma que a coesão é: “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadores de sentidos”.

Ao contrário da coesão, a coerência, sendo essa o quarto aspecto a ser analisado, é profunda, subjacente a superfície textual, não linear, não marcada explicitamente na superfície do texto, Koch & Travaglia (2011, p. 13). Assim, neste critério analisaremos os possíveis sentidos que os textos produzidos apresentam e se as ideias que foram ditas, correspondem de fato ao que os autores pretendiam dizer. Neste critério cabe a terceira operação de Dolz et al (2010, . 25) que diz respeito a planificação em partes, pois um texto é uma sequência que apresenta uma organização. Esta operação também se encaixaria no critério 1, propósito comunicativo e desenvolvimento do gênero proposto, consideramos mas importante inserir aqui, sendo que avaliaremos neste quesito, a organização, não só do texto, como também das ideias.

Partiremos agora para a análise dos textos.

5.1.1 Análise dos textos

Quadro 10: Produção inicial do aluno A1.

<p style="text-align: right;">* 33 * 30 * 2018</p> <p>DMTU DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA PÚBLICA ESCALA DE OPERAÇÕES A SEREM REALIZADAS ENTRE 33/10/2018 E 30/10/2018</p> <p>As operações serão realizadas em pontos específicos da cidade (pontos com maior fluxo de trânsito)</p> <p>Foi publicado nesta última terça-feira, 09/10/2018, pelo diretor do DMTU de São Domingos do Araguaia, Geraldo Antônio da Silva, o cronograma com data, local e horários das operações a serem realizadas na cidade do dia 33 de outubro de 2018. O objetivo dessa publicação é alertar os condutores quanto a importância da legalidade referente a documentação dos veículos e carteiras de habilitação, assim como outras situações irregulares frequentes no trânsito da cidade.</p>	<p>DMTU de São Domingos do Araguaia publica escala de operações a serem realizadas entre 13/10/2018 a 30/10/2018</p> <p>As operações serão realizadas em pontos específicos da cidade (pontos com maior fluxo de trânsito)</p> <p>Foi publicado nesta última terça-feira, 09/10/2018, pelo diretor do DMTU de São Domingos do Araguaia, Geraldo Antônio da Silva, o cronograma com data, local e horários das operações a serem realizadas na cidade do dia 13 a 30 de Outubro de 2018. O objetivo dessa publicação é alertar os condutores quanto a importância da legalidade referente a documentação dos veículos e carteiras de habilitação, assim como outras situações irregulares frequentes no trânsito da cidade.</p> <p>Ultimamente nossa cidade tem muitos garotos que empinam de motos sem capacete fazendo barulho nas ruas e ainda irregulares. Também tem muitas crianças que pilotam motos e a maioria das vezes sofrem acidentes por não andar pelo menos devagar, e por causa desses acontecimentos o DMTU está presente para evitar mais essas consequências.</p>
<p style="text-align: right;">* 33 * 30 * 2018</p> <p>Alertar os condutores quanto a importância da legalidade referente a documentação dos veículos e carteiras de habilitação, assim como outras situações irregulares frequentes no trânsito da cidade.</p> <p>Ultimamente na nossa cidade tem muitos garotos que empinam de motos ^{andam} sem capacete fazendo barulho nas ruas e ^{alguns de outros irregulares} ainda irregulares. Também tem muitas crianças que pilotam motos e a maioria das vezes sofrem acidentes por não andar ^{andam} pelo menos devagar, e por causa desses acontecimentos o DMTU está presente para evitar mais essas consequências.</p>	

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A1 durante a realização das oficinas (2018).

No texto A1, foi usada a estrutura recomendada para uma notícia, a saber: título, subtítulo, lead e informações adicionais, estando dentro dos padrões solicitados para a elaboração da notícia.

Os tipos de problemas linguísticos encontrados no texto, são bem usuais para nossa realidade que, podem ser melhorados, ou até mesmo desaparecem, em uma reescrita. Esse texto apresenta algumas falhas de concordância, como em **sofrem/andar** no trecho: “sofrem acidentes por não andar pelo menos devagar” e, a falta de acentuação que configura “erros ortográficos”.

O texto A1 apresenta alguns elementos que podem causar confusão na mente do leitor, como na construção: “**empinam de moto sem capacete fazendo barulhos nas ruas e ainda irregulares**”, o que leva o leitor a refletir sobre algumas situações acerca deste enunciado, o problema está em **empinar moto**, ou em **empinar sem o uso do item de segurança (capacete)**, o fato de **fazerem barulhos nas ruas** ou de **estarem irregulares**, quando a autora acrescenta o advérbio de tempo **ainda** leva a compreensão de que **se estiverem regulares, podem fazer barulhos e empinar moto**.

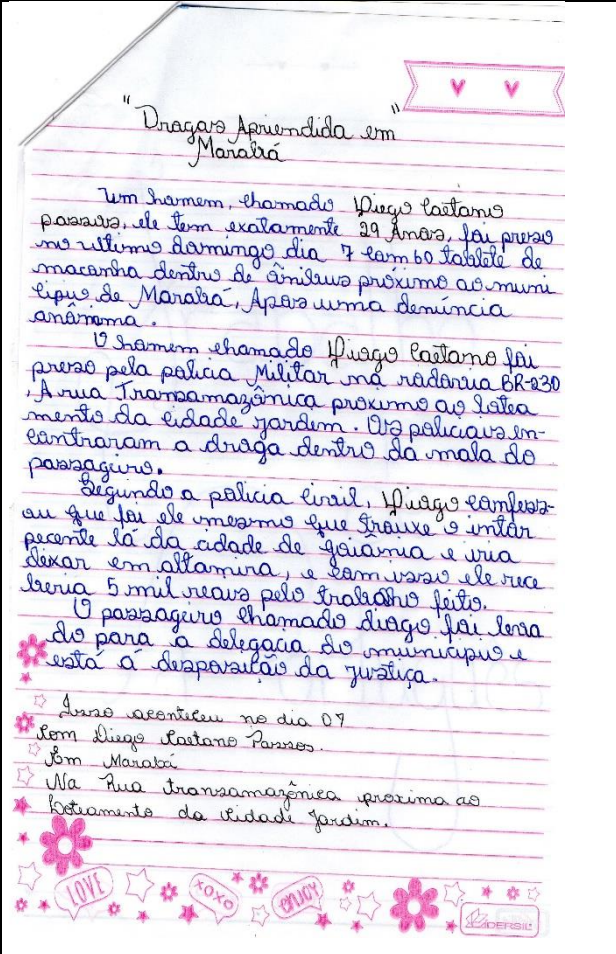
O uso do advérbio de intensidade **também** na construção: “**também tem muitas crianças que pilotam motos**”, adiciona uma informação a mais em relação a oração anterior, onde a autora cita a expressão “**muitos garotos**”, a relação crianças e garotos deixa confusa a compreensão, pois **crianças seriam meninas e garotos seriam meninos? Ambos estão irregulares?** E quando a autora acrescenta o seguinte complemento, torna as ideias dela ainda mais confusa: “**e a maioria das vezes sofrem acidentes por não andar pelos menos devagar**”, o que leva a compreensão de que só causam acidentes porque não andam devagar.

A conjunção aditiva **mais** e pronome demonstrativo **essas**, quando associada a consequências faz a tentativa de retomar uma informação dada, e quando o autor volta no texto procurando tais informações, não encontra.

O uso ou escolha de alguns termos, prejudicou bastante a coesão sequencial e, praticamente, não foi usada a coesão referencial.

No texto1, a autora teve a intenção de dizer muitas coisas, e até certo ponto conseguiu, informando sobre o cronograma de operações do órgão em questão, mas no último parágrafo, a mesma causou uma confusão na construção dos enunciados, isso pode ser claramente observado pela escolha dos elementos coesivos. O texto também aponta uma subjetividade no último parágrafo, quando a autora tenta esclarecer os motivos pelos quais foi montada a operação na cidade, revelando mais a visão da autora do que as reais necessidades da implantação do órgão na cidade.

Quadro 11: Produção inicial do aluno A2.

 <p style="text-align: center;">"Drogas Apriendida em Marabá"</p> <p>Um homem, chamado Diego Caetano Passos, ele tem exatamente 29 anos, foi preso no ultimo domingo dia 7 com 60 tablete de maconha dentro de um ônibus próximo ao município de Marabá, Apos uma denúncia anônima.</p> <p>O homem chamado Diego Caetano foi preso pela policia Militar na rodovia BR-230, A rua Transamazônica proximo ao loteamento da cidade jardim. Os policiais encontraram a droga dentro da mala do passageiro.</p> <p>Segundo a policia civil, Diogo confessou que foi ele mesmo que trouxe o intorpecente lá da cidade de Goiânia e iria deixar em altamira, e com isso ele receberia 5 mil reais pelo trabalho feito.</p> <p>O passageiro chamado diogo foi levado para a delegacia do municipio e está a disposição da justiça.</p> <p>Isso aconteceu no dia 07 com Diego Caetano Passos. em Marabá Na Rua Transamazônica proximo ao loteamento da cidade jardim.</p>	<p style="text-align: center;">Drogas Apriendida em Marabá</p> <p>Um homem, chamado Diego Caetano Passos, ele tem exatamente 29 anos, foi preso no ultimo domingo dia 7 com 60 tablete de maconha dentro do ônibus próximo ao município de Marabá, Apos uma denúncia anônima.</p> <p>O homem chamado Diogo Caetano foi preso pela policia Militar na rodovia BR-230, A rua Transamazônica proximo ao loteamento da cidade jardim. Os policiais encontraram a droga dentro da mala do passageiro. Segundo a policia civil, Diogo confessou que foi ele mesmo que trouxe o intorpecente lá da cidade de Goiânia e iria deixar em altamira, e com isso ele receberia 5 mil reais pelo trabalho feito.</p> <p>O passageiro chamado diogo foi levado para a delegacia do municipio e está á disposição da justiça.</p> <p>Isso aconteceu no dia 07 com Diogo Caetano Passos. Em Marabá Na Rua transamazônica próximo ao Loteamento da Cidade Jardim.</p>
---	---

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A2 durante a realização das oficinas (2018).

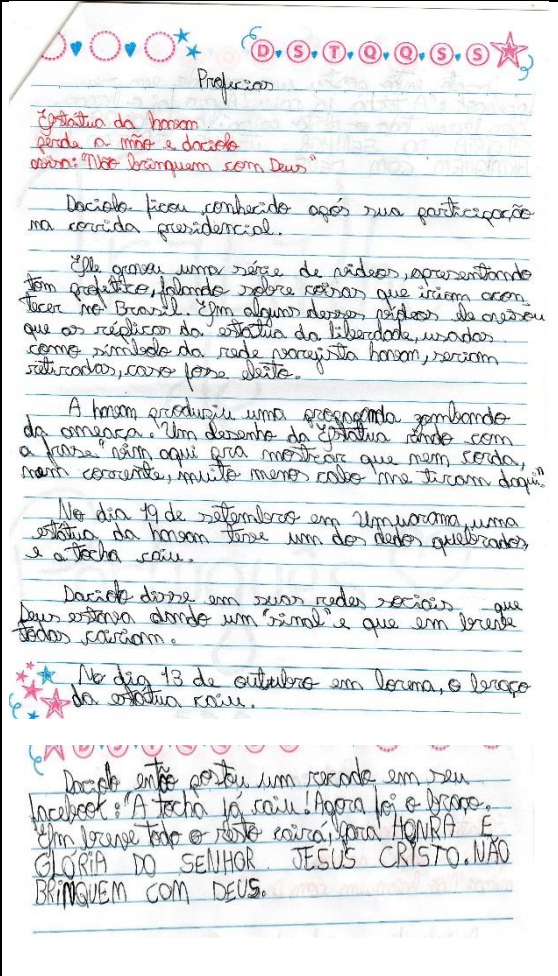
Quanto ao propósito comunicativo, o texto A2 cumprir bem o critério, quando observamos o desenvolvimento do gênero proposto esse texto deixou a desejar por não apresentar a lead, que, deve ser o primeiro parágrafo do texto e deve apresentar os traços mais importantes do fato ocorrido, perdendo assim, uma característica do gênero proposto. A falta do olho da notícia também representa a falta de conhecimento do autor em relação ao desenvolvimento do gênero proposto, esse é um aspecto importante e inerente ao gênero e, tem por objetivo, acrescentar algumas informações que não constam no título e que podem tornar o texto mais atrativo.

Quanto aos aspectos gramaticais, nesse texto A2, também pode ser percebido bastante erros ortográficos, como a falta de acentuação nas palavras **proximo**, **município** e **policia** e erros na grafia, como em **intorpecentes** e **apriendida**. Tais erros podem configurar tanto a falta de leitura, falta de usos das palavras em questão, quanto, a falta de concentração na hora da produção.

Quanto à coerência, esse texto iniciou com um referente, **um homem**, que a seguir identifica esse referente com o nome, e na mesma construção faz uso da anáfora, quando usa um pronome **ele** para retomar o termo anterior, configurando que, embora a aluna não saiba o significado desses termos, ela ainda conseguiu usar esse tipo de recurso em sua produção. O texto foi construído retomando fatos anteriores e repetindo a estrutura do primeiro parágrafo.

O texto A2, pelos aspectos observados, revela um trabalho consciente e intencional, tanto pela construção do sentido do texto como também pelas escolhas lexicais. Koch & Travaglia (2011, p. 13) afirmam que a coerência é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto. Tudo que afeta essa interpretabilidade (impedindo, auxiliando, possibilitando ou dificultando), tem a ver a coerência do texto.

Quadro 12: Produção inicial do aluno A3.

	<p style="text-align: center;">Profecias</p> <p>Estátua da havan perde a mão e Daciolo avisa: “Não brinquem com Deus”</p> <p>Daciolo ficou conhecido após sua participação na corrida presidencial</p> <p>Ele gravou uma série de vídeos, apresentando tom político, falando sobre coisas que iriam acontecer no Brasil. Em alguns desses vídeos ele avisou que as réplicas da estátua da liberdade, usadas como símbolo da rede varejista havan, seriam retiradas, caso fosse eleito.</p> <p>A havan produziu uma propaganda zombando da ameaça. Um desenho da Estátua rindo com a frase: “vim aqui pra mostrar que nem corda, nem corrente, muito menos cabo me tiram daqui.”</p> <p>No dia 19 de setembro em Umuarama, uma estátua da havan teve um dos dedos quebrados e a tocha caiu.</p> <p>Daciolo disse em suas redes sociais que Deus estava dando um sinal e que em breve todas cairiam.</p> <p>No dia 13 de outubro em lorena, o braço da estátua caiu.</p> <p>Daciolo então postou um recado em seu facebook: “A tocha já caiu! Agora foi o braço. Em breve todo o resto cairá, para HONRA E GLÓRIA DO SENHOR JESUS CRISTO. NÃO BRINQUEM COM DEUS.”</p>

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A3 durante a realização das oficinas (2018).

O propósito comunicativo, assim como nos textos anteriores, foi bem desenvolvido, sendo que o propósito é comunicar um fato ocorrido. Nesse texto, ao contrário do texto A1, não

tem sua estrutura adequada ao gênero proposto, haja vista que não apresenta a lead, que, deve ser o primeiro parágrafo do texto e deve apresentar os traços mais importantes do fato ocorrido, perdendo assim, uma característica do gênero proposto.

Em relação aos aspectos gramaticais, a aluna A3, adequou-se bem a norma padrão da língua Portuguesa, exceto em algumas questões de ortografias como em **vídeos** (linha 5) e nomes próprios escritos com letras minúsculas como no caso de **havan** e **lorena**.

O texto A3, inicia identificando o referente, no caso, **Daciolo**, que também na sequência retoma esse termo com o referente **sua** e nos parágrafos seguintes com o pronome **ele**, fazendo uso da anáfora. Esses são recursos que enriquecem a produção.

Baseado na afirmação de que “(...) a coerência é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto” (Koch & Travaglia, 2011, p. 13) e na visão de interlocutoras, podemos observar no texto A3, a subjetividade da autora, ao passo que ela não expressa outro ponto de vista sobre a profecia de Daciolo, aceitando-a como legítima.

Quadro 13: Produção inicial do aluno A4.

<p>A jovem fugitiva: Nome: Mikellainny</p> <p>Nesta ultima quinta-feira do dia onze do mês de outubro do ano de 2018 (11-10-2018), na quinta da semana passa-da por volta das 3:20 PM, antes mesmo que o ciclo do seu horário de escola a cabasse, e com a ajuda de uma amiga de seu namorado ela fugiu. Assim passando a hora da jovem chegar em casa seu avô Zé profete foi até a escola procure a jovem mas ao chegar no local ele soube que ela tinha fugido.</p> <p>Assim o avô da jovem foi até a delegacia de São domingos-Pará, para registrar um B.O (Boletim de ocorrência) para registro e remoção da jovem. Depois de alguns minutos a viatura chegou e no viatura foi o irmão da jovem e ele e a mãe da jovem chegaram lá com uma mochila nas costas e já se-m o uniforme da escola; mais seu avô so soube depois que ela fugiu por mais com seu namorado assim fez que os policiais foram para casa da jovem por que ela, de sua vontade não quis volta mais para casa de seus avos e ficou lá para mora com o seu namorado.</p> <p>Assim resolvido o caso da jovem...</p>	<p>A joven fugitiva:</p> <p>Nesta ultima quinta-feira do dia onze do mês de outubro do ano de 2018 (11-10-2018), na quinta da semana passa-da por volta das 3:20 PM, antes mesmo que o ciclo do seu horário da escola a-cabasse; é com a ajuda de uma amiga de seu namorado ela fugil. Assim, passando a hora da jovem chegar em casa seu avô Zé prefeito foi até a escola procura a jovem mais ao chegar no lo-cal ele soube que ela tinha fugido.</p> <p>Assim o avô da jovem foi até a delegacia de São domingos- Pará, para registra um B.O (Boletim de ocorrência) para registra o sumiço da jovem. Depois de alguns minutos a viatura chegou e na viatura foi a irma da jovem e o avo até a casa do namorado da jovem, e chegando lá com uma mochila nas costas e já se-m o uniforme da escola; mais seu avo so soube depois que ela fugil pra mora com s namorado assim fez que os poli-ciais foram para casa da joven por que el-a, de sua vontade não quis volta mais para casa de seus avos e ficou lá para mora com o seu namorado.</p> <p>Assim resolvido o caso da jovem...</p>
--	--

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A4 durante a realização das oficinas (2018).

O texto 4, embora esteja um pouco confuso quanto a construção de parágrafos, ainda apresenta alguns elementos no primeiro parágrafo que nos leva a entender que se trata de uma lead, porém, não seria possível dizer que o texto se encaixa bem neste quesito de desenvolvimento de gênero proposto, porque a ausência de algumas informações nos levam a acreditar nisso. Já o propósito comunicativo está adequado as características do gênero.

Esse texto apresenta falhas na pontuação, em alguns pontos do texto, falta, como no trecho: “**Assim, pas-sando a hora da jovem chegar em ca-sa seu avô Zé prefeito foi até a escola procura a jovem mais ao chegar no lo-cal ele soube que ela tinha fugido.**” Que aluna não usa para adicionar um aposto,e a conjunção. O excessivo uso de ponto e vírgula (;) no meio do texto e a ausência de parágrafos. Alguns verbos que deveriam estar no infinitivo, foram conjugados, como em: **procura/registra/volta/mora**. Em relação a ortografia, podemos observar as palavras **fugil, joven** com falhas de escrita e **ocorrencia** com falta de acento.

O que mais nos chamou a atenção neste texto 4 foi o uso da separação silábica em final de linha, ou melhor, quando a aluna precisou usar o conhecimento sobre a separação de sílabas dentro de um texto, em alguns casos a aluna separou corretamente como em: passando (linha 7), casa (linha 7), local (linha 9), policiais (linha 18), em outros não, como em: passada (linha 3), acabasse (linha 5), delegacia (linha 10), chegando (linha 15), sem (16), ela (19). Isso nos levou a ter a seguinte reflexão: quando a aluna erra ou acerta, ela levou em consideração apenas o conhecimento de que de chegou ao final da linha, o texto deve continuar na próxima linha e foi exatamente o que ela fez.

No texto 4, a autora raramente constrói parágrafo e a excessiva falta de pontuação dificulta a compreensão do texto, não só a falta de pontuação, como também a escolha equivocada de alguns termos como em: **mais** onde deveria ser **mas**, **é** onde deveria ser **e**. Assim como nos textos 3, aqui também há o uso da anáfora, quando a autora usa **ele/seu** para se referir ao avô e, **ela** para se referir a jovem fugitiva. Faz uso também da catáfora, quando insere o termo **seu avô** e, em seguida identifica esse termo como, **Zé Prefeito**.

No texto 4, é natural que a análise do modo de como os acontecimentos, dados e fatos foram articulados, causam um entendimento de que, mesmo havendo a troca de elementos lexicais diferentes dos exigidos para o contexto, a autora conseguiu traçar suas ideias e passar a informação para o interlocutor.

Quadro 14: Produção inicial do aluno A5.

<p>Notícia: O Furacão Florence</p> <p>O furacão Florence atingiu os estados da Carolina do Norte e da Carolina do Sul, nos Estados Unidos. Ele deixou 44 mortos e causou enchentes em todas as partes e fizeram as águas dos rios subirem em até 75 centímetros.</p> <p>Suas consequências foram drásticas. Uma delas foram que os peixes acabaram saindo do leito do rio e não conseguiram voltar quando as águas começaram a secar e os peixes acabaram morrendo.</p> <p>Ele foi formado no dia 31 de agosto de 2018 e foi crescendo de forma bastante rápida no dia 7 de setembro deste ano.</p> <p>No dia 14 de setembro Florence transformou-se em tempestade tropical e os americanos começaram a fazer as contas do prejuízo que custou caro.</p> <p>O furacão Florence poderá voltar a qualquer momento.</p>	<p>Notícia: o Furacão Florence</p> <p>O furacão Florence atingiu os estados da Carolina do Norte e da Carolina do Sul, nos Estados Unidos.</p> <p>Ele deixou 44 mortos e causou enchentes em todas as partes e fizeram as águas dos rios subirem em até 75 centímetros.</p> <p>Suas consequências foram drásticas. Uma delas foram que os peixes acabaram saindo do leito do rio e não conseguiram voltar quando as águas começaram a secar e os peixes acabaram morrendo.</p> <p>Ele foi formado no dia 31 de Agosto de 2018 e foi crescendo de forma bastante rápida no dia 7 de Setembro deste ano.</p> <p>No dia 14 de Setembro, Florence se transformou em tempestade tropical e os americanos começaram a fazer as contas do prejuízo que custou caro.</p> <p>O furacão Florence poderá voltar a qualquer momento.</p>
--	--

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A5 durante a realização das oficinas (2018).


Quanto ao desenvolvimento do gênero proposto, faltou algumas informações na lead, como por exemplo, quando e onde iniciou o furacão, faltou também o olho da notícia (ou subtítulo) e o acréscimo de algumas informações adicionais sobre a formação de furacões e a quantidade de pessoas que foram atingidas. Como dito anteriormente, todos os textos se adequam ao propósito comunicativo.

Escrever não é tarefa fácil, exige um amplo conhecimento acerca do que se pretende produzir e muita concentração no momento da produção. Dentro dos aspectos gramaticais, o que pode ser observado no texto A5, é justamente a pressa com que a aluna fez sua produção, deixando essa pressa transparecer em erros ortográficos como em: **noticia**, **alingiu**, **eslados** e **centímetros**.

Nesse texto, assim como no **3**, a autora identifica primeiro o referente, **Furacão Florence** e nos parágrafos seguintes passa a retomá-lo com o pronome **ele**. Esse texto, em seu aspecto de coesão, é bem parecido com o texto **2** e **3**, haja vista que são construídos sempre retomando fatos anteriores e repetindo a estrutura do primeiro parágrafo, assim, há uma recorrência estrutural. Não houve prejuízo quanto a compreensão do texto.

O texto indica um trabalho consciente e intencional, tanto pela construção do sentido do texto como também pelas escolhas lexicais. Desse modo a coerência foi bem construída.

Quadro 15: Produção inicial do aluno A6.

<p><i>Assalto em agência de correios</i> <i>Assalto em agência de correios de</i> <i>São Domingos do Araguaia, mobiliza</i> <i>Polícia federal, que está correndo atrás dos</i> <i>Assaltantes</i></p> <p><i>Polícia</i> <i>federal de São</i> <i>Domingos do</i> <i>Araguaia, está</i> <i>correndo</i> <i>atrás dos in-</i> <i>divíduos que</i> <i>no dia 9</i> <i>de outubro de</i> <i>2017 entraram na agência</i> <i>de correio da cidade toda</i> <i>está em investigação a Agência</i> <i>está fechada para investigações e</i> <i>Apurações dos fatos, a polícia está</i> <i>ainda começando as investigações</i></p>  <p><i>Todos os</i> <i>funcionários</i> <i>também estão</i> <i>fora da agência</i> <i>para investiga-</i> <i>ções.</i></p>	<p>Assalto em Agência Assalto em agência de correios de São Domingos do Araguaia, mobiliza Polícia federal, que está correndo atrás dos assaltantes</p> <p>Polícia federal de São Domingos do Araguaia, estão correndo atrás dos indivíduos que no dia 09 de outubro de 2017 entraram na agência de correio da cidade toda estão em investigação a Agência está fechada para investigações e apurações dos fatos, a polícia está ainda começando as investigações</p> <p>Todos os funcionários também estão fora da agência para investigações.</p>
---	---

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A6 durante a realização das oficinas (2018).

Quanto ao propósito comunicativo, podemos observar que o aluno cumpriu bem esse item, a julgar pela função principal do gênero notícia que é relatar um fato e manter o leitor informado.

Já com relação ao desenvolvimento do gênero discursivo proposto, podemos observar que a estrutura precisa ser melhorada, elementos como o olho e a lead deixam a desejar, pois não estão sendo atrativos e não retratam a realidade. Algumas informações importantes acerca do fato a ser noticiado não foram informados, como: suspeitos, provável horário do assalto, essas informações poderiam compor o olho da notícia.

No texto A6 podemos observar que houve alguns erros de concordância nas seguintes construções: **Polícia federal** e **estão**, **toda cidade** e **estão**, o que pode ser caracterizado como uma falta de revisão do texto, já que o autor consegue fazer bem a concordância entre **indivíduos** e **entraram**, alguns acentos gráficos como em: **agência**, **notícia**, **polícia**, o que pode também ser caracterizado como falta de revisão do texto, haja vista que há lugares em que essas palavras já aparecem acentuadas.

No texto 6, cada verbo usado remete a uma interpretação diferente, quando o aluno usa o verbo no gerúndio (**correndo, começando**), leva o leitor a entender que a ação da polícia está acontecendo no momento em que o texto está sendo produzido, os verbos no presente (**mobiliza, estão, está**) leva a uma compreensão de que o fato ocorreu exatamente no dia da produção da notícia e, na verdade, o fato ocorrido deve ser relatado no pretérito, pois se trata de um fato que já aconteceu. Com isso a coesão sequencial fica comprometida. É importante lembrar que, há casos, em que a notícia é exposta em tempo real, há a obrigatoriedade do uso de verbos no presente.

O texto 6, apresenta problemas de coerência, pois, o uso de vários tempos verbais comprometem o sentido do texto, bem como a articulação das informações, não houve progressão, mas sim, uma repetição do tema, o texto gira em torno de uma única informação a investigação da polícia.

Outras informações também seriam de extrema importância, como quanto dias a agência permaneceu fechada, o valor que roubado, que prejuízos esse fato causou a população e etc.

De um modo geral, podemos dizer que, mais leitura de notícias e um trabalho de reescrita resolve todos estes pequenos descuidos estruturais, já que este item avalia apenas a estrutura do gênero, que neste caso (da notícia), não cabe ao autor decidir qual a melhor forma de apresentação de todas as informações, dados e fatos, porque a estrutura pré-determina que as informações essenciais sejam oferecidas no primeiro parágrafo de texto, com o objetivo de atrair a atenção do leitor e, nos demais parágrafos, devem ser apresentadas informações adicionais.

Contudo, todos os textos produzidos demonstram que os alunos tem um domínio da Língua Portuguesa, conhecem a estrutura de construção de texto escrito, esses pequenos desvios em nada comprometem o conhecimento que eles têm em relação a língua. Uma pequena revisão de leitura pode corrigir essas imperfeições.

O fato de existir incoerências nos textos analisados, não queremos dizer, com isso, que, os textos são incompreensíveis de um modo mais global, haja vista que, o que pode não ser compreendido por um interlocutor, pode ser facilmente apreendido por outro, e os fatores para essa interpretabilidade tem a ver com o contexto sociocultural e o conhecimento de mundo tanto de quem escreve quanto de quem ler um texto. Para ancorar teoricamente esta afirmação, concordamos com as ideias de Antunes (2003, p. 44) quando diz que; “a escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas”.

5.2 PRODUÇÃO FINAL – A REESCRITA

De posse dos dados, é chegada a hora de pôr em prática a quinta operação apontada por Dolz et al (2010, p. 25), que se refere à releitura, revisão e reescrita do texto e das etapas distintas propostas por Antunes (2003, p. 57), como já foi planejado, escrita, chegou o momento da reescrita, isso significa dizer que o produtor vai retomar o seu texto, visando revisar os problemas encontrados com o intuito de solucioná-los. Haja vista que a “primeira versão de um texto está mais voltada à gênese das ideias e; na fase de revisão, o intuito principal é constatar se as ideias foram organizadas de modo claro e coerente” (PASSARELI, 2012, p. 161).

Antes de iniciar a releitura de seu próprio texto, fizemos uma oficina de leitura de textos diversos, uma vez que, muitos dos problemas encontrados na leitura da produção inicial, em especial nos aspectos gramaticais, indicam que alguns alunos não tem o hábito de ler, Passareli (2012) afirma que é nesse ponto, que a gramática normativa desempenha papel fundamental, colaborando para que se evitem mal-entendidos.

Após a leitura de textos de variados gêneros, retomamos o texto escrito pelos alunos, para que os mesmos fizessem a leitura e explicassem na sala para os demais alunos o que realmente pretendiam dizer ao expressar suas ideias por escrito. Dessarte, Passareli (2012, p.159) expressa que: “a revisão exerce a função de proceder à leitura do material textual produzido, a fim de examinar, detalhadamente, aspectos voltados a: adequação ao que a língua escrita convencionou, exatidão quanto ao significado, e, tendo em pauta o leitor, acessibilidade e aceitabilidade”.

É nesse momento que o aluno assume papel de leitor e torna-se o sujeito que vai avaliar e analisar seu próprio texto, de escritor passa a ser leitor e assim, poderá perceber as possíveis falhas que tenha em seu texto e, corrigi-las, incluindo ou acrescentando sentença, descartando ou reformulando parágrafos, agora, sob a ótica de interlocutor. Antunes (2003, p. 66) afirma que: “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução de sentido e das intenções pretendidas pelo autor”.

Por esse ângulo, cabe ao professor, o papel de propiciar esse momento de reflexão do aluno, repensando também sua prática, pois é pelo caminho da reflexão que o professor poderá descobrir melhores formas de ajudar e motivar seu aluno para que se torne um escritor capaz de revisar e reescrever seu texto. Passareli (2012, p. 75) compreende motivar como um ato de propiciar aos estudantes, com maior frequência possível, uma situação real de comunicação, com a escolha de situações ou temas que tenham correspondência com os interesses dos aprendentes, bem como com a realidade do seu dia a dia.

Por isso, que foi importante o tempo dedicado para que os alunos escolhessem o tema de seu interesse e, que julgassem necessário divulgar ou noticiar. Essa também é uma maneira de incentivar o aluno a escrever, pois deixá-los a vontade durante a primeira produção consiste em dar autonomia para que tenha capacidade de pensar e transformar ideias em palavras. Passareli (2012, p. 116) afirma que um aspecto que contribui para dar um novo tom às aulas de produção textual é levar em conta e mostrar aos alunos que a linguagem se realiza em situações práticas de convívio social, por textos orais e escritos, mediante as quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

A atividade proposta e realizada em sala após a produção inicial contempla as quatro habilidades apresentadas por Passareli.

Diante dos problemas encontrados, foi necessário, além das leituras dos textos pelos próprios alunos, sentar com cada um deles e levá-los a perceber tais erros, porque quando um aluno vai produzir um texto, ele o faz seguindo seus próprios princípios, assim é necessário a intervenção do professor para mostrar-lhe que um texto sempre pode ser melhorado. Neste sentido:

O processo de escrita de um escritor principiante se dá em função de seus propósitos e de sua satisfação, do jeito que ele é capaz, ou seja, escreve de acordo com o que ele sabe a respeito do assunto em questão e leva em conta quanto tempo e atenção desejam destinar para uma determinada parte do seu texto. (PASSARELI, 2012, p. 149)

Isso é fato, o tempo que aluno dedica ao seu texto é o mesmo tempo destinado a aula de Língua Portuguesa para aquela série, ou seja, no máximo 50 minutos por aula e, geralmente, os alunos não querem passar mais do que duas aulas em uma produção textual, dada a necessidade de seguir com a escrita em uma próxima aula, o professor, obrigatoriamente, precisa recolher o texto e devolver aos alunos nas aulas subsequentes. Esse tipo de acompanhamento é necessário isso tudo para evitar o plágio, que virou moda nas escolas. Eis aqui, mais um motivo para levar os alunos a reescrever seu texto.

É de suma importância compreender que a produção de texto na escola é uma atividade realizada como exercício para desenvolver a capacidade textual do aluno e, quando o professor usa perspectivas mais atuais, como por exemplo, o ensino baseado em gêneros, ele pode estar contribuindo para que o aluno pratique e exerça a sua capacidade de comunicação. A comunicação citada aqui compreende o conceito dado por Travaglia (2004, p. 209): “Capacidade ou habilidade de usar a língua de forma adequada às diferentes situações de

interação comunicativa a fim de produzir, usando textos, os efeitos de sentidos desejados em cada situação de interação para se comunicar com o outro.”

Nesse sentido, a tarefa do professor é contribuir para que a reescrita alcance e avance em aspectos que não foram possíveis chegar apenas com a produção inicial, fazendo com que o texto do aluno seja um objeto de interação com seu interlocutor e, não apenas um emaranhado de palavras desconexas.

É muito importante fazer com que o aluno entenda que produzir um texto não é uma tarefa simples, mas também não é uma tarefa impossível, basta apenas ter esforço e dedicação e saber o que realmente quer escrever. Por isso, Passareli (2012, p. 150) expressa que: “para produção de um texto adequado, é relevante ter em mente que isso só é possível em decorrência de um trabalho extenso e árduo para o qual muito empenho e dedicação são requeridos”

Levando em consideração todas as teorias expostas até o momento e todas as etapas que foram realizadas, apresentaremos a seguir, a reescrita dos textos, vale lembrar que optamos por continuar com o mesmo texto (mesma notícia) que foi escrito na produção inicial porque eles foram a base para a revisão, sendo que é na etapa da revisão que os alunos mais se rebelam, porque tem a pretensão de acharem que apenas a produção inicial dá conta de atender a exigências para um texto bem produzido e digno de circular em uma esfera social, a partir desta análise propor um melhoramento desses textos.

Para a reescrita, faremos apenas comentários em linhas gerais acerca dos critérios que foram bem detalhados durante a produção inicial. Acrescentando aqui que, a estratégia utilizada - de deixar o aluno escolher o tema de sua preferência - não deu conta de atender a toda turma, porque alguns alunos simplesmente copiaram textos da internet na íntegra, ou seja, cometeram plágio, foi aí que surgiu a necessidade de criar uma nova metodologia, uma nova estratégia, para ensinar os alunos a trabalhar com um texto base, tirando deles apenas a ideia principal e a partir de então montar seu próprio texto.

Foi um trabalho que exigiu muito empenho do professor - no caso eu – e desempenho dos alunos, mas que, ao final, surgiu efeitos bem satisfatórios. Por ser época em que todos os jornais escritos e televisionados noticiavam a prova do ENEM, decidimos então, criar uma coletânea de informações e apresentar aos alunos como base para a sua produção e, a partir desta coletânea, eles produziram o seu texto.

Mesmo sendo uma atividade que foi criada para atender a necessidades específicas, conseguimos atender ao quesito da escrita como objeto social, e não somente escolar e praticamos também o princípio da intertextualidade, embora este princípio esteja presente também na produção dos textos analisados. Pois:

(...) a análise intertextual investiga não somente a relação de um enunciado com aquele oceano de palavras, mas também o modo como tal enunciado usa essas palavras e ainda a maneira como ele se posiciona em relação às outras palavras. (BAZERMAN 2011, p. 88)

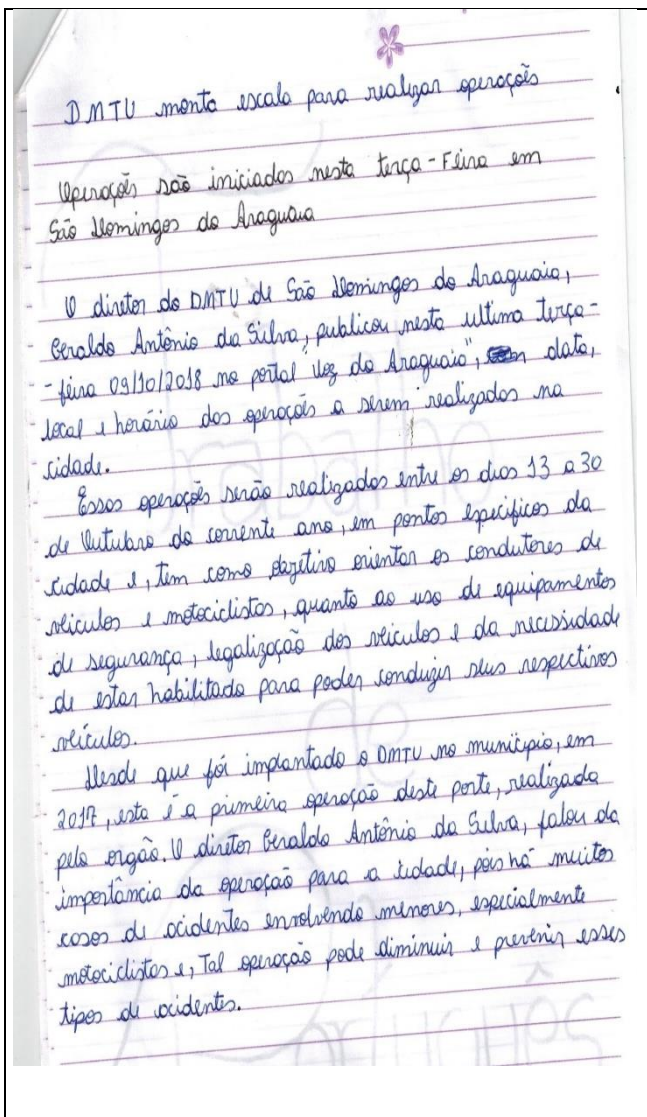
Ainda sobre intertextualidade, Koch (1990) afirma que a intertextualidade , é um fator de coerência importante na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, se recorre ao conhecimento prévio de outros textos. Alguns desses textos serão apresentados nos anexos.

Queremos deixar bem claro que, esta atividade não faz parte da proposta inicial da pesquisa, ela foi apenas, digamos assim, um plano B, para atender toda a turma e não deixar nenhum aluno sem conseguir produzir um texto, isso seria frustrante, tanto para o professor, quanto para o aluno.

Voltemos então a falar sobre a reescrita dos textos em análise. De um modo geral, todos os textos avançaram, acrescentaram novas informações, os problemas encontrados nos aspectos gramaticais foram resolvidos, bem como os de cunho estrutural.

No texto A1, a aluna acrescentou informações complementares ao último parágrafo, dando prosseguimento as ideias do texto e não apenas girando acerca de uma mesma informação. A ambiguidade ora existente na produção inicial já não está mais presente na reescrita.

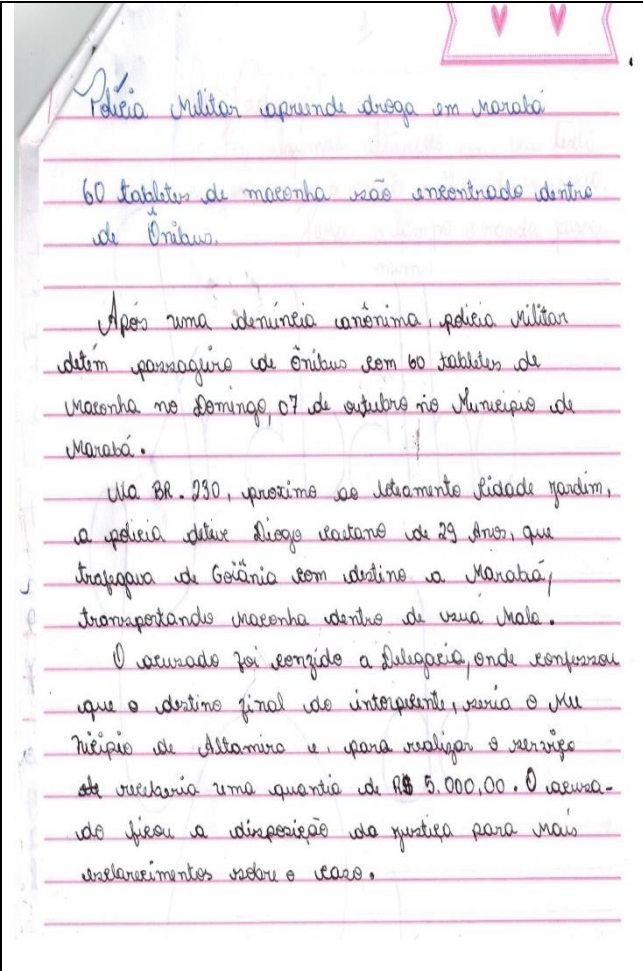
Quadro 16: Produção final do aluno A1.

 <p>DMTU monta escala para realizar operações</p> <p>Operações são iniciadas nesta terça-feira em São Domingos do Araguaia</p> <p>O diretor do DMTU de São Domingos do Araguaia, Geraldo Antônio da Silva, publicou nesta última terça-feira 09/10/2018 no portal "voz do Araguaia", em data, local e horário das operações a serem realizadas na cidade.</p> <p>Essas operações serão realizadas entre os dias 13 e 30 de Outubro do corrente ano, em pontos específicos da cidade e, tem como objetivos orientar os condutores de veículos e motociclistas, quanto ao uso de equipamentos de segurança, legalização dos veículos e da necessidade de estar habilitado para poder conduzir seus respectivos veículos.</p> <p>Desde que foi implantado o DMTU no município, em 2017, esta é a primeira operação deste porte, realizada pelo órgão. O diretor Geraldo Antônio da Silva, falou da importância da operação para a cidade, pois há muitos casos de acidentes envolvendo menores, especialmente motociclistas e, tal operação pode diminuir e prevenir esses tipos de acidentes.</p>	<p>DMTU monta escala para realizar operações</p> <p>Operações são iniciadas nesta terça-feira em São Domingos do Araguaia</p> <p>O diretor do DMTU de São Domingos do Araguaia, Geraldo Antônio da Silva, publicou nesta última terça-feira, 09/10/2018, no portal "voz do Araguaia", data, local e horário das operações a serem realizadas na cidade.</p> <p>Essas operações serão realizadas entre os dias 13 a 30 de Outubro do corrente ano, em pontos específicos da cidade e, tem como objetivo, orientar os condutores de veículos e motociclistas, quanto ao uso de equipamentos de segurança, legalização dos veículos e da necessidade de estar habilitado para poder conduzir seus respectivos veículos.</p> <p>Desde que foi implantado o DMTU no município, em 2017, essa é a primeira operação deste porte, realizada pelo órgão. O diretor Geraldo Antônio da Silva, falou da importância da operação para a cidade, pois há muitos casos de acidentes envolvendo menores, especialmente motociclistas e, tal operação pode diminuir e prevenir esses tipos de acidentes.</p>
--	---

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A1 durante a realização das oficinas (2018).

No texto A2, a aluna, além de acrescentar um título, também mudou a estrutura de seu texto, inserindo cada informação na ordem recomendada para este gênero, pois no caso da notícia, não cabe ao autor, decidir qual a melhor forma ou ordem de apresentar os fatos ou informações porque a estrutura pré-determina que as informações essenciais sejam oferecidas no primeiro parágrafo do texto.

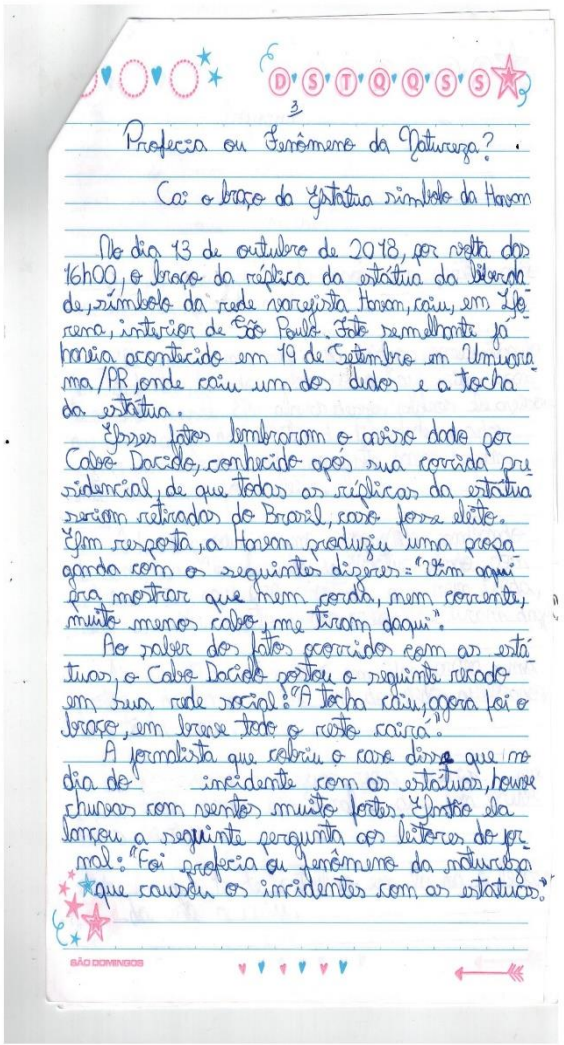
Quadro 17: Produção final do aluno A2.

 <p>Polícia Militar apreende droga em Marabá</p> <p>60 tabletes de maconha são encontrados dentro de ônibus.</p> <p>Após uma denúncia anônima, polícia Militar detém passageiro de ônibus com 60 tabletes de maconha no domingo, 07 de outubro no Município de Marabá.</p> <p>Na BR-230, próximo ao loteamento Cidade Jardim, a polícia detém Diogo Caetano de 29 anos, que trafegava de Goiânia com destino a Marabá, transportando maconha dentro de sua mala.</p> <p>O acusado foi conduzido a delegacia, onde confessou que o destino final do entorpecente, seria o Município de Altamira e, para realizar o serviço de revenda uma quantia de R\$ 5.000,00. O acusado ficou a disposição da justiça para mais esclarecimentos sobre o caso.</p>	<p>Polícia Militar apreende droga em Marabá</p> <p>60 tabletes de maconha são encontrados dentro de ônibus</p> <p>Após uma denúncia anônima, polícia Militar detém passageiro de ônibus com 60 tabletes de maconha no Domingo, 07 de Outubro no município de Marabá.</p> <p>Na BR-230, próximo ao loteamento Cidade Jardim, a polícia deteve Diogo Caetano de 29 anos, que trafegava de Goiânia com destino a Marabá, transportando maconha dentro de sua mala.</p> <p>O acusado foi conduzido a delegacia, onde confessou que o destino final do entorpecente, seria o município de altamira e, para realizar o serviço, receberia uma quantia de \$5.000,00. O acusado ficou a disposição da justiça para mais esclarecimentos sobre o caso.</p>
---	--

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A2 durante a realização das oficinas (2018).

No texto A3, a aluna reforçou a impessoalidade que não estava muito fortalecida na primeira produção e que é elemento essencial para elaboração de uma notícia. Fatos que, de repente, poderiam levar o leitor a acreditar que os eventos acontecidos com as estátuas foram causados por conta da profecia de Daciolo, na reescrita, ela acrescentou ao último parágrafo um toque de dúvida, o que leva o leitor a refletir e interagir com o seu texto.

Quadro 18: Produção final do aluno A3.

 <p>Profecia ou Fenômeno da Natureza?</p> <p>Cai o braço da Estátua símbolo da Havan</p> <p>No dia 13 de outubro de 2018, por volta das 16h00, o braço da réplica da estátua da Liberdade, símbolo da rede varejista Havan, caiu, em Lorena, interior de São Paulo. Fato semelhante já havia acontecido em 19 de setembro em Umuarama/PR, onde caiu um dos dedos e a tocha da estátua.</p> <p>Esses fatos lembraram o aviso dado por Cabo Daciolo, conhecido após sua corrida presidencial, de que todas as réplicas da estátua seriam retiradas do Brasil, caso fosse eleito. Em resposta, a Havan produziu uma propaganda com os seguintes dizeres: "Vim aqui para mostrar que nem corda, nem corrente, muito menos cabo, me tiram daqui".</p> <p>Ao saber dos fatos ocorridos com as estátuas, o Cabo Daciolo postou o seguinte recado em sua rede social: "A tocha caiu, agora foi o braço, em breve todo o resto cairá."</p> <p>A jornalista que cobriu o caso disse que no dia do incidente com as estátuas, houve chuvas com ventos muito fortes. Então, ela lançou a seguinte pergunta aos leitores do jornal: "Foi profecia ou fenômeno da natureza que causou os incidentes com as estátuas?"</p>	<p>Profecia ou fenômeno da natureza?</p> <p>Cai o braço da estátua símbolo da Havan</p> <p>No dia 13 de Outubro de 2018 por volta das 16h00, o braço da réplica da estátua da liberdade, símbolo da rede varejista Havan, caiu, em Lorena, interior de São Paulo. Fato semelhante já havia acontecido em 19 de setembro em Umuarama/PR, onde caiu um dos dedos e a tocha da estátua.</p> <p>Esses fatos lembraram o aviso dado por Cabo Daciolo, conhecido após sua corrida presidencial, de que todas as réplicas da estátua seriam retiradas do Brasil, caso fosse eleito. Em resposta, a Havan produziu uma propaganda com os seguintes dizeres: "Vim aqui para mostrar que nem corda, nem corrente, muito menos cabo, me tiram daqui."</p> <p>Ao saber dos fatos ocorridos com as estátuas, o Cabo Daciolo postou o seguinte recado em sua rede social: "A tocha caiu, agora foi o braço, em breve todo o resto cairá."</p> <p>A jornalista que cobriu o caso disse que no dia do incidente com as estátuas, houve chuvas com ventos muito fortes. Então, ela lançou a seguinte pergunta aos leitores do jornal: "Foi profecia ou fenômeno da natureza que causou os incidentes com as estátuas?"</p>
---	---

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A3 durante a realização das oficinas (2018).

O texto A4, foi sem dúvida, o que teve um desempenho mais significativo, até mesmo porque, foi o texto que mais teve problemas, causados pela falta de organização, sobrecarga de informação, ortografia, separação de sílaba e pontuação. E aqui na reescrita, esses problemas diminuiriam consideravelmente. Isso causou grande satisfação para mim, enquanto professora, tive a sensação de dever cumprido.

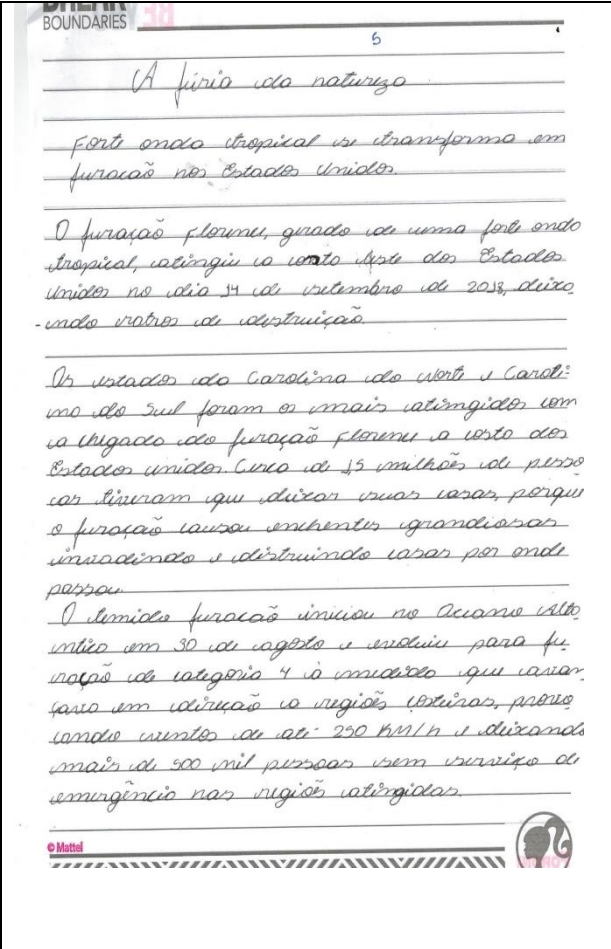
Quadro 19: Produção final do aluno A4.

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A4 durante a realização das oficinas (2018).

<p><i>Fuga para a casa do namorado</i></p> <p><i>Adolescente foge da escola com a ajuda de uma amiga</i></p> <p>na quinta-feira, 11 de outubro de 2018 por volta das 15h:20, Mikellayne dos Santos Cruz, fugiu da escola durante o horário de aula.</p> <p>A adolescente, de apenas 15 anos, deixou a escola com a ajuda de uma amiga de mesma idade. No final da tarde, horário em que a adolescente deveria estar em casa, não apareceu, o avô e a irmã resolveram procurá-la.</p> <p>Sem notícias, decidiram ir até a delegacia para registrar o desaparecimento da adolescente. O delegado perguntou se ela tinha namorado, a irmã da desaparecida respondeu que sim.</p> <p>De posse dessa informação, o delegado, o avô e a irmã entraram na viatura e foram até a casa do namorado e, lá estava a adolescente. Ao ser confrontada pelo avô, ela admitiu que estava lá por vontade própria e que não voltaria para casa.</p> <p>Assim, o delegado encerrou o caso.</p>	<p>Fuga para a casa do namorado</p> <p>Adolescente foge da escola com a ajuda de uma amiga</p> <p>NA quinta-feira, 11 de Outubro de 2018, por volta das 15h20, Mikellayne dos Santos Cruz, fugiu da escola durante o horário de aula.</p> <p>A adolescente, de apenas 15 anos, deixou a escola com a ajuda de uma amiga de mesma idade. No final da tarde, horário em que a adolescente deveria está em casa e não apareceu, o avô e a irmã resolverão procura-la.</p> <p>Sem notícias, eles decidiram ir até a delegacia para registrar o desaparecimento da adolescente. O delegado perguntou se ela tinha namorado, a irmã da desaparecida respondeu que sim.</p> <p>De posse dessa informação, o delegado, o avô e a irmã entraram na viatura e foram até a casa do namorado e, lá estava a adolescente. Ao ser confrontada pelo avô, ela admitiu que estava lá por vontade própria e que não voltaria para casa.</p> <p>Assim, o delegado encerrou o caso.</p>
--	---

O texto 5, como aconteceu em todos os outros, houve a complementação de informações, retiradas e acréscimos de parágrafos. Assim, podemos dizer que houve um trabalho em parceria, um encontro que deu certo, de um lado, um professor que queria ensinar e de outro, alunos que se dispuseram a aprender.

Quadro 20: Produção final do aluno A5.

 <p>A fúria da natureza</p> <p>Forte onda tropical se transforma em furacão nos Estados Unidos.</p> <p>O furacão Florence gerado de uma forte onda tropical, atingiu a costa leste dos Estados Unidos no dia 14 de setembro de 2018, deixando muitos danos de destruição.</p> <p>Os estados da Carolina do Norte e Carolina do Sul foram os mais atingidos com a chegada do furacão Florence à costa dos Estados Unidos. Cerca de 1,5 milhão de pessoas tiveram que deixar suas casas, porque o furacão causou enchentes grandiosas invadindo e destruindo casas por onde passou.</p> <p>O temido furacão iniciou no oceano Atlântico em 30 de agosto e evoluiu para furacão de categoria 4 à medida que avançava em direção a regiões costeiras, provocando ventos de até 250 km/h e deixando mais de 500 mil pessoas sem serviços de emergência nas regiões atingidas.</p>	<p>A fúria da natureza</p> <p>Forte onda tropical se transforma em furacão nos Estados Unidos</p> <p>O furacão Florence, gerado de uma forte onda tropical, atingiu a costa leste dos Estados Unidos no dia 17 de Setembro de 2018, deixando rastros de destruição.</p> <p>Os estados da Carolina do Norte e Carolina do Sul, foram os mais atingidos com a chegada do furacão Florence á costa dos Estados Unidos. Cerca de 1,5 milhão de pessoas tiveram que deixar suas casas, porque o furacão causou enchentes grandiosas invadindo e destruindo casas por onde passou.</p> <p>O temido furacão iniciou no oceano Atlântico em 30 de Agosto e, evoluiu para furacão de categoria 4 á medida que avançava em direção a regiões costeiras, provocando ventos de até 250 km/h e deixando mais de 500 mil pessoas sem serviços de emergências nas regiões atingidas.</p>
--	---

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A5 durante a realização das oficinas (2018).

No texto 6, o aluno obteve um avanço significativo quando comparada as duas produções, a inicial e final. Ele conseguiu manter a progressão textual, trazendo informações completares em cada parágrafo escrito, os erros gramaticais já não são perceptíveis, se feito um leitura rápida. Os verbos foram usados no pretérito, e não mais no gerúndio e no presente como aconteceu na primeira produção . Houve uma coesão referencial e sequencial, no que tange a estrutura do gênero, ele a manteve de forma clara, podendo ser identificado o título, o olho da notícia, bem como lead.

Quadro 21: Produção final do aluno A6.

<p style="text-align: center;">Assalto em agência de Correios</p> <p>Polícia Federal foi acionada após assalto em agência de correios.</p> <p>Na madrugada de 9 de outubro de 2017, a cidade de São Domingos do Araguaia vier a sol nascer com uma triste notícia, a única agência de correios da cidade foi assaltada.</p> <p>A notícia causou espanto aos moradores desta pequena cidade, pois a rotina da população depende desta agência, foi completamente afetada, porque a mesma permaneceu fechada, para investigação, por alguns dias.</p> <p>A Polícia Federal foi acionada pelos funcionários da agência para investigar o caso. Segundo o investigador da polícia, identificado como Duarte, disse que houve um arrombamento e até aquele momento não tinha suspeitos e ninguém foi preso por este crime.</p>	<p style="text-align: center;">Assalto em Agência de Correios</p> <p style="text-align: center;">Polícia Federal foi acionada após assalto em agência de correios</p> <p>Na madrugada de 9 de outubro 2017, a cidade de São Domingos do Araguaia ver o sol nascer com uma triste notícia, a única Agência de Correios da cidade foi assaltada. A notícia causou espanto aos moradores desta pequena cidade, pois a rotina da população que depende desta agência foi completamente afetada, porque a mesma permaneceu fechada, para investigação, por alguns dias.</p> <p>A Polícia federal foi acionada pelos funcionários da agência para investigar o caso. Segundo o investigador da polícia, identificado como Duarte, disse que houve um arrombamento e até aquele momento não tinha suspeitos e ninguém foi preso por este crime.</p>
---	--

Fonte: Arquivo de texto produzido pelo aluno A6 durante a realização das oficinas (2018).

Um olhar mais atencioso a todos esses textos, certamente encontrará pontos que ainda precisam ser melhorados, haja vista que não houve muito tempo para mais revisões acerca destes textos, por conta do cronograma escolar municipal que sofreu alterações inesperadas, como por exemplo, a antecipação do fim do ano letivo para 30 de Novembro de 2018, sendo que, a previsão inicial seria dia 21/12, então tivemos que correr contra o tempo para dar conta deste trabalho.

Levando em consideração a afirmação de Passareli (2012, p. 116) de que: “antes de ser um objeto escolar, a escrita é um objeto social. Assim a tarefa da escola é levar o aluno a perceber o significado funcional do uso da escrita, propiciando-lhe o contato com as várias maneiras como ela é veiculada na escola”, podemos afirmar que os alunos compreenderam o funcionamento da língua pondo em prática a escrita de informações que circulam na sua vida social, notícias de cunho político e religioso, como é o caso do texto 3, policiais e sociais

apresentado no texto 1, 2, 4, 5 e 6, alguns dos acontecimentos foram locais como é o caso do texto 1, 4 e 6, outros regionais, texto 2, nacionais, texto 3 e internacionais, texto 5.

São fatos que eles viram, ouviram ou assistiram, mas que sobretudo fazem parte do seu contexto cultural ou social e, que na forma de produção textual, trouxeram para a comunidade escolar.

Ao fazer um levantamento dos pontos negativos e positivos, podemos citar como negativo, a falta de tempo decorrida da antecipação do final do ano letivo, assim como também a falta de um laboratório que atenda a comunidade escolar, pois temos laboratório, mas, apenas 5 computadores funcionam, isso dificultou a construção do produto final (que é a alimentação de um blog). Como pontos positivos, podemos citar o envolvimento e a cooperação dos alunos, o compartilhamento de experiências e informações entre os envolvidos na pesquisa, a satisfação em ver que os alunos realmente conseguiram entender a atividade proposta e a importância da leitura e da escrita no cotidiano deles. E apresento agora o produto final.

Figura 6: Interface do blog .

Fonte: <https://bentaalves01.blogspot.com/> .



CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudar é necessário; mudanças de hábitos, mudanças de roupas, mudanças na aparência e certamente almejamos por mudanças também no nosso ambiente de trabalho, mais especificamente, em nossa sala de aula, com a disciplina com a qual trabalhamos. É assim, que tenho observado as pessoas e o ensino, em especial, aqui, o de Língua Portuguesa, desde os tempos em que eu era aluna até os dias de hoje, em que me tornei professora. Mas será se essas mudanças ocorridas no ensino de língua materna estão atendendo aos anseios da sociedade moderna? Ou melhor, será se houve mudanças significativas nessa área?

Tentando responder a essas perguntas, digo que houve sim, mudanças bem significativas, pelo menos, teoricamente, o que pude observar é que tais mudanças não adentraram o espaço escolar e menos ainda, quando olhamos para a sala de aula. Mas, é válido lembrar que, pelos menos, está havendo essa tentativa de mudança por parte dos professores. Embora, tenha ocorrido mudanças teóricas, muitos professores ainda estão alheios a essas teorias que fundamentam a prática de sala de aula.

Na época em que eu era aluna, o ensino de língua materna era puramente gramática e hoje o que se percebe são propostas bem promissoras de um ensino baseado em gêneros, e, é com o olhar baseado no ensino por meio dos gêneros que apresentaremos algumas considerações sobre e o projeto de pesquisa realizado com uma turma.

Foi de grande importância o percurso percorrido para se chegar aos resultados, compreender as concepções de linguagem, pois o conhecimento de algumas teorias que norteiam o processo de aquisição da linguagem deve fazer parte indispensável da bagagem intelectual de um professor que realmente quer mudar e transformar o trabalho que realiza. Assim conhecer as concepções de linguagem permitir ao professor adotar uma delas como mais adequada.

Assim sendo, entendemos que o ensino de Língua Portuguesa deve seguir os parâmetros da terceira concepção da linguagem, que é a língua como lugar de interação, pois, a língua vista por esse enfoque, o enunciado pode ser flexível e alterado de acordo com a necessidade da interação, o que não é permitido que aconteça nos outros aspectos da linguagem.

Ao adotar a língua como lugar de interação, adentra também em nossa pesquisa a concepção sociointeracionista que, posiciona o indivíduo em uma dada instância social e, é a partir do seu contexto social que acontece a aquisição da linguagem, tanto oral quanto escrita, o que nos leva a compreensão de que os sujeitos agem e interagem dentro da realidade da língua que utiliza.

Dado que nossa realidade é de alunos provindos de classes sociais baixas ou menos favorecidas, estudamos também o conceito da sociolinguística e as contribuições que esta poderia nos oferecer para melhorar o ensino de língua materna, fazendo com que esses alunos consiga participar de forma satisfatória das práticas sociais que demandam conhecimentos linguísticos diversos, transformando o ambiente escolar em lugar acolhedor, tanto para quem domina quanto para quem não domina a língua padrão. A escola deve ser o lugar que valoriza as diferenças e a diversidade linguística onde o aluno vai conhecer a variedade padrão da língua e vai aprender a valorizar sua própria variação.

Temos assim, uma forma de ensinar que visa acolher o aluno, respeitando suas diferenças linguísticas e sociais, mas sobretudo, possibilitando a este, a oportunidade de conhecer outra forma de explorar sua língua materna.

Como não podemos confundir teoria com metodologias de ensino, a primeira contribui para que possamos optar ou escolher metodologias que possam contribuir com o desenvolvimento do processo de ensino (professor) e de aprendizagem (aluno) e o segundo refere-se a realização do processo em si, das etapas utilizadas para alcançar resultados significativos, passemos agora a apresentar as propostas metodológicas utilizadas nessa pesquisa, ambas voltadas para o ensino de leitura e da produção textual.

Compreendemos que os professores que tem seu trabalho voltado para o ensino da produção textual, estão contribuindo para que a escola cumpra sua função social, haja vista que o termo produção textual é usado para representar as situações de interação e as operações que intervém na atividade da escrita, assim a escrita é considerada uma forma de interação, de expressão e de conhecimento, visto que, a escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro, permitir a leitura, logo, o trabalho com a leitura e a escrita devem estar ancorados nos gêneros textuais.

Assumindo que é importante o trabalho da produção textual via gênero, concordamos que, é por esta via que a produção textual ganhará sentido, à medida que partirá da teoria para a prática envolvendo os alunos nas práticas sociais e nas situações de comunicacionais pertinentes a cada texto produzido, preparando o aluno para resolver problemas de comunicação outrora emperrados pela falta de comunicação.

Para ensinar a escrita, foi necessário entender algumas concepções acerca da escrita, leitura, considerando que escrita e leitura estão interligados e dependentes, pois só escrevemos porque pensamos em quem vai ler, em nossa mente, criamos uma parceria com o leitor. No decorrer dessas leituras foi possível concluir que a escrita é a tendência que ajuda a compreender

a língua enquanto atuação social, assim sendo, esta é uma modalidade de uso da língua, por assim ser, ela também existe para cumprir funções comunicativas.

Por isso, a escrita assume aspectos diferentes da fala, ambas são diferentes tanto em sua estrutura, como também quanto ao uso. Considerando-se que a escrita tem um uso mais formal, requerendo habilidades mais específicas e previamente estabelecidas, a fala, por sua vez, pode ser considerada informal por ser mais espontânea, o que não impede de assumir um aspecto mais formal, dependendo em que será utilizada.

Das três concepções de leitura apontadas por Koch, adotamos a terceira concepção, cujo foco da leitura está centrado na interação autor-texto-leitor, concepção esta que está em consonância com a concepção de língua adotada onde os sujeitos são vistos como atores/sociais, sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto. A leitura, vista por essa concepção, é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos, que requer do receptor um vasto conjunto de saberes presente no interior da comunicação, possibilitando a este, detectar tanto as informações implícitas quanto as explícitas no texto.

Ao se apropriar da escrita e da leitura como forma de atender as exigências impostas pela sociedade ou, até mesmo, se envolver em diversas práticas sociais, o aluno está contemplado os conceitos de letramento proposto por Soares (2016). Assim sendo, depreendemos que letramento é um fenômeno que surge para atender a uma gama de novas diversidades de usos da linguagem, que surgem com a globalização, com a diminuição do analfabetismo, e possível aumento do número de alfabetizados, bem como também com o advento de novas formas de se comunicar.

Dessa forma, letramento é uma palavra que vem explicar algo que até então não era possível ser explicado. Isso se deve ao fato de termos alunos alfabetizados, mas que, sobretudo, não conseguem se envolver nas diversas práticas sociais. Por outro lado, temos pessoas analfabetas, mas que dentro de suas possibilidades conseguem agir e interagir em sua sociedade.

Diante disso, a escola, por não valorizar e não compreender, ou até mesmo não conhecer as formas de letramento que fazem parte da vida do aluno, acaba por marginalizar certas formas de letramentos simplesmente porque não são ensinados dentro do contexto educacional, ou porque não consideram como importante, como reconhecidos ou valorizados pela alta sociedade. Essa realidade pode e foi modificada nesta pesquisa, pondo em prática os conhecimentos dados pela sociolinguística.

Nós, professores, especialmente os de Língua Portuguesa, devemos valorizar a cultura, a história dos nossos alunos, na verdade, abrir as portas para a história de nossa comunidade,

pois cada aluno, tem sua própria história, sua própria cultura, que vivenciam diariamente em seus lares, com seus familiares, amigos e etc.

Analisando o questionário aplicado aos alunos, percebemos que estes convivem diariamente com as mais variadas atividades e eventos de letramento, com as mais variadas e diversas formas de leitura e de escrita que devem ser valorizadas pelos professores.

Assim sendo, tornar o nosso aluno letrado, significa dizer que o estamos preparando para agir e interagir nas diversas práticas sociais, para atender as demandas da sociedade moderna, pois muitos estudiosos acreditam que não seria possível nossa comunicação e interação enquanto seres sociais que somos se não fossem as diversas formas que temos de executar tal atividade. Portanto, tornar o sujeito letrado significa introduzir o sujeito no ambiente de conhecimento, oportunizando seu desenvolvimento enquanto ser social capaz de solucionar problemas nas diversas esferas da sociedade.

O letramento passou a ser usado como letramentos, porque não há um único tipo de letramento, e sim várias formas de fazer uso da leitura e da escrita que também podem ser chamadas de gêneros do discurso. Eis aqui a razão pela qual optamos por inserir nas aulas de Língua Portuguesa o ensino de leitura e escrita ancorados nos gêneros textuais, porque estes surgem baseados nas diversas formas de comunicação.

Ao percorrer os conceitos dos gêneros do discurso, compreendemos que estes surgem de acordo com a necessidade de comunicação em uma dada esfera social, isso faz com que o aluno, ao estudar os gêneros em sala de aula, compreenda a realidade que o cerca, sendo capaz de agir e interagir em seu contexto social, pois, um gênero tem sua característica principal atrelado a sua função social. Ao produzir uma notícia, por exemplo, ele busca fato de seu cotidiano, que considera relevante compartilhar com outras pessoas, no caso, a comunidade escolar, composta por pais, alunos e professores, com o compromisso e a responsabilidade de fazer com que o gênero cumpra sua função social - que no caso da notícia é informar.

Todavia, entendemos que para escrever, o aluno precisa ter um repertório de informações, que pode ser adquirido por meio de leituras ou até mesmo por intermédio do seu conhecimento de mundo sobre o que pretende produzir, assim, a produção de uma notícia traz a possibilidade de interagir com fatos, com pessoas, ao passo que busca a veracidade do que se pretende noticiar.

Nesse sentido, levamos em consideração a capacidade de interação tanto no contexto social, cultural, quanto no próprio conhecimento de língua que o aluno já adquiriu, bem como a identificação de possíveis problemas de escrita que por ventura o aprendiz vier a apresentar, como condições essenciais para a adaptação do ensino as suas necessidades, ou seja, o ponto

de partida para um trabalho com produção textual é sempre o aluno, sua capacidade de comunicação e o problema que emperra a escrita. Assim sendo, não há como dissociar ensino de língua das práticas vivenciadas por nossos alunos.

Deste modo, esta pesquisa revelou que o trabalho com a produção textual deve ser o ponto de partida para o ensino da Língua Portuguesa em todos os níveis de ensino, essa produção textual, se feita por meio de ações e propostas que insiram o trabalho com gêneros, pode contribuir para melhorar o ensino da leitura e especificamente da escrita nas aulas de Língua Portuguesa.

Não pretendemos com este trabalho resolver todo o problema que nós, professores temos enfrentado em relação ao ensino de Línguas, pois os gêneros são propostas metodológicas de trabalho que oferecem possibilidades de melhorias para o ensino, não são remédios que visam oferecer a cura imediata para um problema, assim o trabalho com metodologias que incorpore os gêneros em sala de aula, é uma dessas possibilidades de melhoria, o mesmo não deve ser visto como algo pronto e acabado em si mesmo, pois mais importante que conhecer a estrutura de um gênero é compreender sua função social, para poder utilizá-lo adequadamente.

Portanto, é imprescindível ter uma ampla compreensão e clareza ao ensinar ancorados nos gêneros, pois esse tema não é novo no contexto escolar, por isso deve-se buscar apoio teórico consistente a fim de orientar os alunos a lidarem com a riqueza e utilidade do gênero.

Dentro da problemática do trabalho, em que o número de alunos que estão aptos para leitura e produção de texto partindo de suas próprias ideias está diminuindo no ensino fundamental, pudemos concluir que, com aplicação deste projeto de pesquisa esse problema diminuiu consideravelmente nas turmas em que inserimos a leitura e a escrita via gêneros textuais, ou seja 8º ano 2017 e, conseqüentemente 9º ano de 2018, pois os alunos se envolveram e gostaram muito de ler variados gêneros e conhecer propósito comunicativo de cada um deles.

Com aplicação dos questionários foi possível concluir que, os alunos convivem diariamente com diversas práticas de leitura dentro da sua comunidade linguística, dentro da sua comunidade social e, a escola, precisa respeitar a aquisição da linguagem do aluno e trabalhar partindo desta linguagem para ajudar o aluno a ampliar as suas habilidades de leitura e escrita, acrescentando novas maneiras de se comunicar, diferente daquelas com as quais ele convive diariamente.

Diante do exposto, esse projeto de intervenção contribuiu bastante para que o aluno compreendesse que, dependendo da forma que ele pretende se comunicar, há sempre um gênero que vai atender a essa necessidade e, ele precisa adequar sua produção a exigência daquele

gênero. Em vista disso, os alunos também melhoraram a sua habilidade de leitura e de escrita, o que me deixou muito satisfeita e com a certeza de que o caminho para ensinar a Língua Portuguesa, deve partir da leitura e escrita de textos variados.

A proposta inicial para concretizar o resultado deste trabalho seria a construção de um jornal impresso para circular dentro da comunidade escolar, o que não foi possível fazer, houve muitos contratempos como a antecipação do final do ano letivo e também a falta de verba para confeccionar este jornal. Decidimos então concretizá-lo em forma de blog.

Reiteramos que não foi uma tarefa fácil adequar o trabalho em sala de aula as teorias e propostas apresentadas nesta pesquisa, as dificuldades encontradas nos levaram a compreender o porquê de muitos professores não conseguirem inserir em suas aulas um trabalho mais voltado para a leitura e escrita. O fato de compreender tal escolha, não significa dizer que concordamos com ela, embora seja difícil, o professor tem a obrigação e o dever de tornar o seu aluno um cidadão capaz de interagir na sociedade em que vive.

Por isso, recomendamos que todo professor de Português deve incluir em suas aulas, de acordo com cada nível de ensino, a leitura e a escrita voltada para a prática no contexto social e enriquecimento socio histórico e cultural dos alunos.

Este trabalho não está fechado, pretendemos, como trabalho futuro, ampliar os estudos sobre a notícia, observando agora, a manipulação da notícia pela grande mídia.

REFERÊNCIAS

ABAURRE Maria Luiza M. & ABAURRE Maria Bernadete M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar.** – 1. ed.- São Paulo: Moderna, 2012.

ALAVA, Seraphin & colaboradores. **Ciberespaço e formações abertas: rumo às novas prática educacionais?** Porto Alegre: Artmed, 2002.exame.abril.com.br

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (orgs.) **Introdução á linguística: domínios e fronteiras**, volume 1/ Fernanda Mussalim, Ana Cristina Bentes, organizadoras.- 9.ed.rev.-São Paulo : Cortez, 2012.

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos: notícias e carta de leitor no ensino fundamental.** São Paulo : Cortez, 2011.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** 8ª ed. - São Paulo: Parábola Editorial. 2003.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2ª ed.- São Paulo. Martins fontes, 1997.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita.** HOFFNAGEL, Judith Chambliss & DIONISIO, Ângela Paiva (orgs.). 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?: sociolinguística e educação.** São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BREVE HISTÓRICO DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA/ Pa. Disponível em <http://loucoporhistorialocal.blogspot.com.br/2010/09/brevissima-historia-de-sao-domingos-do.html>. Acesso em Jan. 2018.

BRITO, Áustria Rodrigues e Paiva, Edinalva Ferreira Félix. **Letramento e gênero do discurso: um up no contexto educacional.** In: divulgando conhecimentos de linguagem: pesquisas em língua e literatura no ensino fundamental. Brito, Áustria Rodrigues. SILVA, Luiza Helena O. da. SOARES, Eliane P. Machado.(orgs.). Acre: Nepan Editora, 2017.

BRONCKART, J.P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo.** São Paulo: EDUC, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística.** São Paulo: Scipione, 2009.

CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática. Orientações didáticas e sugestão de atividades.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.

COSTA, Ana M. S. N. & FERREIRA, André Luís Andrejew in RICHIT, Adriana. **Tecnologias digitais em educação: perspectivas teóricas e metodológicas sobre formação e prática docente**. 1. ed. Curitiba, PR: CVR, 2014.

COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição & SIMIONI, Claudete Aparecida in Barros, Eliana Merlim Deganutti de. RIOS-REGISTRO, Eliane Segati. (Orgs.). **Experiências com Sequências Didática de Gêneros Textuais**. Campinas, SP: Pontes Editores 2014.

DOLZ, J e SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola/ 3ª ed.** Campinas, SP: Mercado das Letras. 2011.

DOLZ, Joaquim, GAGNON, Roxane & DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas in: **Leitura e mediação pedagógica**. BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs)...[et al]. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 256p.

Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). **Estatísticas Municipais Paraenses: São Domingos do Araguaia**. / Diretoria de Estatística e de Tecnologia e Gestão da Informação. – Belém, 2016.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GARCIA, L. A. **Formación a distancia para el nuevo milenio. ¿Cambios radicales o de procedimiento?** In: *Virtual Educa 27-29 jun, 2001,a*. Em: <http://www.virtual-educa.net/html/princip6.htm>. Acesso em abril 2002.

GERALDI, João Wanderlei. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In : GERALDI, João Wanderlei (Org.) : O texto na sala de aula. São Paulo, Ática, 2013.

GOUVÊA, Sylvia Figueiredo. *Os caminhos do professor na Era da Tecnologia - Acesso Revista de Educação e Informática*, Ano 9 - número 13 - abril 1999.

KLEIMAN, Angela B. (1995). **“Introdução: Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”**, in: KLEIMAN, Angela B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 15-61.

KOCH, Ingedore G. Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção de sentido**. 10ª. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed., 11ª reimpressão.- São Paulo: Editora Contexto, 2015.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V.M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradutor: Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

LEITE, Lígia S. POCHO, Cláudia Lopes. AGUIAR, Márcia de M. A. & SAMPAIO, Mariza N. **Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 8. Ed. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MACHADO, Ana Rachel et al (Org). **Gêneros textuais e ensino**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, RJ: vozes , 2014.

MATTA, Solângela Schemim da. **Linguagem e interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.160p.

MENDES, Murilo. Somos todos poetas. In: _____. **Poesia e prosa completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 299.

MORAN, José Manuel; **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. In: ROMANOWSKI et al. (Org.). *Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação*. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245-254.

PASSARELI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo : Telos, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa**: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

Projeto Político Pedagógico 2007-2008: Escola José Luiz Cláudio, equipe da Escola, São Domingos do Araguaia, 2008.

RIBEIRO, Ananery Lacerda. OS desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produções didático-pedagógicas. Governo do Paraná, 2003. Vol II. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_pdp_serli_rech_moleta.pdf. Acesso em 23 de out. 2017.

RICHIT, Adriana. **Tecnologias digitais em educação: perspectivas teóricas e metodológicas sobre formação e prática docente**. 1. ed. Curitiba, PR: CVR, 2014.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo. Editora Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Leonor Wernerck, RICHE, Rosa Cuba & TEIXEIRA Cláudia Souza. **Análise e produção de textos**. – São Paulo: Contexto, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25 ed. São Paulo: Cultrix. 1995.

SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita** - Fonologia em nova chave. Parábola Editorial: São Paulo, 2006.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 18 ed.-São Paulo: Contexto, 2017.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**: tradução Marcos Bagno. – 1 .ed. – São Paulo: Parábola editorial, 2014.

VALENTE, José Armando. **Informática na educação: a prática e a formação do professor**. In: Anais do IX ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino), Águas de Lindóia, 1999.

VIGOTSKY, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2001. Disponível em : https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2477794/mod_resource/content/1/A%20construcao%20do%20pensamento%20e%20da%20linguagem.pdf. Acesso em Nov. 2017.

ANEXOS

Questionários aplicados aos alunos

Questionário representado pelo gráfico 1

Dessas atividades quais você (ou seus pais) costuma(m) fazer? (Pode assinalar mais de uma)

- 1 – Consultar catálogo telefônico
- 2 – Consultar guia de rua
- 3 – Fazer lista de coisas que precisa fazer
- 4 – Usar agenda para marcar compromissos
- 5 – Deixar bilhetes com recados para alguém da casa
- 6 – Escrever cartas para amigos ou familiares
- 7 – Ler cartas de amigos ou familiares
- 8 – Ler correspondência impressa que chega em sua casa
- 9 – Fazer lista de compras
- 10 – Procurar ofertas ou promoções em folhetos e jornais
- 11 – Verificar a data de vencimento dos produtos que compra
- 12 – Comparar preços entre produtos antes de comprar
- 13 – Fazer compras a prazo com crediário
- 14 – Pagar contas em bancos ou casas lotéricas
- 15 – Fazer depósitos ou saques em caixas eletrônicos
- 16 – Ler manuais para instalar aparelhos domésticos
- 17 – Reclamar por escrito sobre produtos ou serviços que adquiriu
- 18 – Ler bulas de remédios
- 19 – Copiar ou anotar receitas
- 20 – Copiar ou anotar letras de músicas
- 21 – Escrever histórias, poesias ou letras de músicas (de sua autoria)
- 22 – Escrever diário pessoal

Questionário representado pelo gráfico 2**Quais desses materiais (impressos) há em sua casa? (Pode assinalar mais de uma)**

- 1 - Álbuns de fotografia
- 2 - Bíblia ou livros religiosos
- 3 - cartilhas ou livros escolares
- 4 - Livros ou folhetos de literatura de cordel
- 5 - Dicionário
- 6 - Enciclopédias
- 7 - Folhetos, apostilas ou livretos de movimentos sociais, de partidos políticos ou grupos religiosos.
- 8 - Folhinha, calendários
- 9 - Guias de ruas e serviços
- 10 - Catálogo e lista telefônica
- 11 - Jornais
- 12 - Livros de receitas
- 13 - Livros de literatura
- 14 - Livros didáticos ou apostilas escolares
- 15 - Livros infantis
- 16 - Livros técnicos ou especializados
- 17 - Manuais de instrução
- 18 - Revistas
- 19 - Outros. Qual? _____
- 20 - Não tem nenhum desses materiais

Questionário representado pelo gráfico 3

Quais das atividades abaixo você (ou seus pais) costuma(m) fazer no computador? (Pode assinalar mais de uma)

- 1 – Escrever relatórios e outros textos
- 2 – Escrever trabalhos escolares
- 3 – Organizar agenda ou lista de tarefas
- 4 – Digitar dados ou informações
- 5 – Elaborar planilhas ou montar bancos de dados
- 6 – consultar e pesquisar
- 7 – Montar páginas ou fazer programas de computador
- 8 – Fazer cursos a distância
- 9 – Pagar contas e movimentar contas bancárias
- 10 – Enviar e receber e-mails
- 11 – Comprar pela internet
- 12 – Jogar ou desenhar
- 13 – Navegar por diversos sites
- 14 – Copiar músicas em CD ou arquivos eletrônicos
- 15 – Entrar em sites de bate-papo e discussão

	FREQUENTEMENTE	ÁSVEZES	RARAMENTE	NUNCA
1 – Ir ao cinema	3	2	1	0
2 - Ir ao teatro	3	2	1	0
3 – Ir a shows de música ou dança	3	2	1	0
4 – ouvir noticiário no rádio	3	2	1	0
5 – Ouvir outros programas no rádio	3	2	1	0
6 – Assistir a vídeos e DVD em casa	3	2	1	0
– Assistir a noticiário na TV	3	2	1	0
8 – Assistir a filmes na TV	3	2	1	0
9 – Assistir a outros programas na TV	3	2	1	0
10 – Ir a museus ou exposições de arte	3	2	1	0


QUESTIONÁRIO 1

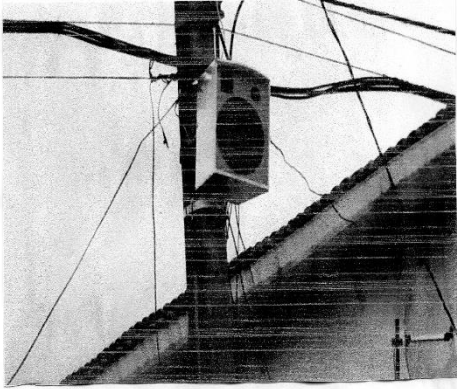
- 1 - Lemos jornal para:
 Passar tempo Manter-nos informado
- 2 - Qual o nome do jornal lido?
- 3 - Como os textos estão organizados?
 Os textos ocupam a linha inteira Os textos estão divididos em blocos ou colunas
- 4 - Que informações aparecem nele?
 Vários tipos de informações como notícias, entretenimento, classificados, etc.
 Somente notícias
- 5 - O que mais lhes chamou a atenção no jornal?
 páginas de entretenimento
 páginas de informações
 Estrutura de um jornal (distribuição de textos, organização e ilustração).
 Nada


QUESTIONÁRIO 2


- 1) Você sabe identificar os gêneros lidos? () sim () não
- 2) Você gosta de ler o jornal? () sim () não
- 3) Qual é o gênero de sua preferência?
- () crônica () notícias () contos
- () biografia () romances () poemas
- () piada () história em quadrinhos () histórico/científico
- () religiosos
- 4) Que parte do jornal você mais gosta?
- () notícias () classificados
- () crônicas () humor () artigo de opinião
- () serviços (telefone, tempo, cotação, etc.)


Produção inicial


PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p>seca em marabá e são joão do Araguaia</p> <p>seca nos rios do Pará preocupa moradores da região</p>  <p>O nível do rio de marabá está bem baixo. Um habitante preocupado por moradores da região por que o nível do rio está muito baixo do normal então o verão está muito seco e os moradores estão muito preocupados por que se o rio não chegar a seca os peixes não morrem por que não tem água para eles ficarem, então preocupa muito se o rio chegar a secar também não e só em marabá em toda região do Pará a seca está muito grande em marabá e São João do Araguaia e os moradores que vivem da pesca eles estão muito preocupados por que se o rio secar eles vão viver de que que eles vivem da pesca então e muito difícil pra eles os peixes</p> <p>Por: Mathus Gheto Ribeiro</p>	<p>seca e marabá e são joão do Araguaia</p> <p>seca nos rios do Pará preocupam moradores da região</p> <p>O nível do rio de marabá está bem baixo e preocupa moradores da região por que o nível do rio está muito baixo do normal então o verão está muito seco aí o rio vai abaixando o nível do rio então quando chegar o inverno vai chover aí vai encher os rios chegar a seca os peixes vão morrer por que não tem água para eles ficarem, então preocupa muito se o rio chegar a secar também não e só em marabá em toda região do Pará a seca está muito grande em marabá e São João do Araguaia e os moradores que vivem da pesca eles estão muito preocupados por que se o rio secar eles vão viver de que que eles vivem da pesca então e muito difícil pra eles os peixes</p> <p>1</p>


PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p>São Domingos terá um novo meio de comunicação, radio poste no Centro de São Domingos</p> <p>Radio poste no centro de São Domingos será inaugurada nos próximos dias.</p>  <p>Um novo meio de comunicação São Domingos terá, a Radio poste que terá o nome de Radio avenida, nos próximos dias será inaugurada cobrindo o centro comercial inteiro. sendo instalada as caixas estão em percurso de aproximadamente 2,5 km dois quilômetros e meio ao vivo a programação, que contará com locutores durante o tempo de 8h da manhã as 6h da tarde, ressalta o jornalista Marcio Novais, idealizador do projeto.</p>	<p>São Domingos terá um novo meio de comunicação, radio poste no Centro de São Domingos</p> <p>Radio poste no centro de São Domingos será inaugurada nos próximos dias</p> <p>Um novo meio de comunicação São Domingos terá, a Radio poste que terá o nome de Radio avenida, nos próximos dias será inaugurada cobrindo o centro comercial inteiro. sendo instalada as caixas estão em percurso de aproximadamente 2,5 km dois quilômetros e meio ao vivo a programação, que contará com locutores durante o tempo de 8h da manhã as 6h da tarde, ressalta o jornalista Marcio Novais, idealizador do projeto.</p>


PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p><u>A Falta de Asfalto</u> 3</p> <p>São domingos em alguns bairros estão prejudicados, com vários buracos etc...</p>  <p>A cidade de São a passagem de não da parte a prefeitura domingos das ruas- culas que mais com- fute que de para 2018 quia em alguns pontos a fute- que não tá tudo arrumado bairro da cidade é normalmente bairros com asfalto e saneamento e prejudicados fica bastante pre- bairros na falta de asfalto- fute- culas. lta, comde esta má e agora nesse tempo prejudicados e me de inverno pode deitar- não tá com muito desli- ga que fica desali- gemente e pode causa jáde me more não bairros ocidentais domingos com isso isso pode ser um as ruas ficam tudo perigo para a popu- com bairros bairros que more</p> <p>Por: Arthur Matheus</p>	<p>A falta de asfalto</p> <p>São domingos em alguns bairro estão prejudicados. Com vários buraco etc...</p> <p>A cidade de São domingo do araguaia em alguns bairro da cidade e prejudicados na falta de asfalto, aonde esta mais prejudicadas e no bairro vila Braga que fica localizado no novo são domingos com isso as ruas ficam tudo com buracos a passagem de veículo ficou mais complicada e tabem o saneamento básico bastante prejudicados.</p> <p>e agora nesse tempo de inverno pode causa muito deslizamento e pode causa vários acidentes isso pode ser um perigo para a população que mora lá perto, a prefeitura falou que lá para 2018 já vai ta tudo arrumado com asfalto e saneamento básico.</p> <p>3</p>

PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p style="text-align: center;"><u>Impeachment</u> 4</p> <p>Os políticos Impeachment (perda do direito político) Brasil 2 de dezembro de 2015 a 31 de agosto de 2017</p> <p>Impeachment marca ano de 2017 no congresso, no Brasil. Entre tanto acontecimentos marcantes de setembro de 2017, um dos que mais impactaram o País, o processo de impeachment do presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Junior e Janaína Pashoal.</p>  <p>na justificativa para o pedido de impeachment, o jurista alega um malícia das chamadas "pedaladas fiscais" e pela edição de decreto de abertura de crédito sem a autorização do congresso. Em relação às pedaladas, a acusação disse que não foram apenas atrasos operacionais porque o déficit do Tesouro com o Banco Público se acumulou por longo tempo e chegou a valores muito altos.</p> <p style="text-align: right;">Por: Roxmyly Aguiar</p>	<p style="text-align: center;">Impeachment</p> <p>Políticos Impeachment (perda do direito político) Brasil 2 de dezembro de 2015 a 31 de agosto de 2017</p> <p>Impeachment marca o ano de 2017 no congresso e no Brasil. Entre tanto acontecimentos marcantes de 2017, um dos que mais impactaram o País e o congresso Nacional foi o impeachment. O processo de impeachment revê início de 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Junior e Janaína Pashoal. Na justificativa para o pedido de impeachment, os juristas alegaram prática das chamadas "pedaladas fiscais" e pela edição de decreto de abertura de crédito sem a autorização do congresso.</p> <p>Em relação às pedaladas, a acusação disse que não foram apenas atrasos operacionais por que o déficit do Tesouro com os bancos públicos se acumulou por longo tempo e chegou a valores muito alto.</p> <p style="text-align: center;">4</p>

PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p style="text-align: center;">5</p> <p style="text-align: center;"><u>Proerd</u></p> <p>Um evento que reúne varios Crian- cos e jovens na quadra da pequeno Cristo, no dia 17/11/2017</p> <p>Por que Esses alunos merecem esse esfor- ço dos Colaboradores de São Domingos</p>  <p>Proerd é o pr- grama de Educação de Resistência as Drogas e Violência Tem estrutura de lições de Dare</p> <p>Por que esse certificado com a ajuda de Colaboradores de São Domingos como a Secretaria de Educação e do Conselho de Tutelar Eles tem como base Dare</p> <p>Autora Anna Clara</p>	<p style="text-align: center;">Proerd</p> <p>Um evento que reúne varias crianças e jovens na quadra da pequeno Cristo, no dia 17/11/2017</p> <p>Por que Esses alunos merecem esse esforço dos colaboradores de São Domingos</p> <p>Por que esse certificado com ajuda de colabores de São Domingos como a secretaria de educação e do Conselho de Tutelar Eles tem como base</p> <p>Proerd é o programa de Educação de resistência as Drogas e violência tem estrutura de lições Dare.</p> <p style="text-align: center;">5</p>

PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p style="text-align: center;">6</p> <p>Apresentações da noite cultu- ral chama a atenção do público.</p> <p>3ª noite cultural da escola Francisca Florentina dia 17 de novembro as 20:00 horas.</p> <p>Essa foi a terceira noite cultural da escola Francisca Florentina as noites culturais da escola Francisca Florentina sempre</p>  <p>quase todas foram muito mau apresentadas, tipo as meninas que apresentaram o carimbo não souberam apresentar, por que ficou muito mau organizada a apresentação.</p> <p>é a melhor noite cultural daqui de São Domingos, mais esse ano foi a pior noite cultural daqui de São Domingos que teve esse ano, teve varias apresentações mais, Por: Natália Simão Pereira.</p>	<p>Apresentação da noite cultural chama a atenção do público</p> <p>3ª noite cultural da escola Francisca Florentina dia 17 de novembro as 20:00 horas</p> <p>Essa foi a terceira noite cultural da escola Francisca Florentina as noites culturais da escola sempre é a melhor noite cultural daqui de São Domingos, mais esse ano foi a pior noite cultural daqui de São Domingos que teve esse ano, teve varias apresentações mais quase todas muito mau apresentadas, tipo as meninas que apresentaram carimbo não souberam apresentar por que ficou muito mau organizada a apresentação</p> <p style="text-align: center;">6</p>

PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p>Jornal S.D.A 23-11-17 7</p> <p>A prefeitura municipal de São Domingos do Araguaia reinaugurou o Posto de Saúde da Vila Nazaré</p> <p>Prefeitura reinaugurou Posto de Saúde da Vila Nazaré</p> <p>Nesta sexta-feira (30-11-17), facilitando a vida dos moradores da Vila Nazaré.</p> <p>O evento envolveu a população e forneceu atendimentos como: exames, cortes de cabelo, etc.</p> <p>É com o apoio do DMTU que controlava o tráfego de veículos nas proximidades do posto de saúde e muito mais segurança. Segurança foi um dos termos da palestra, destacando a prevenção ao câncer de próstata.</p> <p>Cleide Oliveira, dona de casa, fala que tem vezes que não tem como ir até São Domingos para fazer seu exame ou qualquer outra coisa e que está sem atendimento médico em o Posto de Saúde na Vila Nazaré ficou tudo mais fácil e perto de sua residência.</p> <p>O Prefeito de S.D.A, Pedro Paraná diz que está muito satisfeito por conseguir realizar o desejo dos moradores e também por conseguir contornar a atual crise, e ressalta: "A nossa gestão tem um compromisso com a população, com suor e muita luta estamos trabalhando."</p> <p>A Prefeitura de S.D.A diz: "Sentimos muitos gratificados com a realização desta obra na Vila Nazaré"</p> <p>Cláudia Rinaldi, parabeniza a participação de moradores da Vila Nazaré.</p> <p>Vila Nazaré fica mais ou menos 4km da sua sede municipal de S.D.A. extremamente e necessário atendimento mais adequado e mais rápido.</p> <p>Por: Kailane Evelyn Publicado: 30-11-17</p> 	<p>Jornal SDA</p> <p>A prefeitura municipal de São Domingos do Araguaia reinaugurou o Posto de Saúde da Vila Nazaré</p> <p>Prefeitura reinaugurou Posto de Saúde da Vila Nazaré</p> <p>Nesta sexta-feira (10/11/17), facilitando a vida dos moradores da vila Nazaré.</p> <p>O evento envolveu a população e forneceu atendimentos como : exames, cortes de cabelo, etc.</p> <p>É com apoio do DMTU que controlava o tráfego de veículos nas proximidades do posto de saúde e muito mais segurança. Segurança foi um dos termos da palestra, destacando a prevenção ao câncer de próstata, Cleide Oliveira, dona de casa fala que tem vezes que não tem como ir até São Domingos para fazer seu exame ou qualquer outra coisa e que está sem atendimento médico e com o Posto de Saúde na Vila Nazaré ficou tudo mais fácil e perto de sua residência.</p> <p>O Prefeito de S.D.A, Pedro Paraná diz que está muito satisfeito por conseguir realizar o desejo dos moradores e também por conseguir contornar a atual crise, e ressalta: "A nossa gestão tem um compromisso com a população, com suor e muita luta estamos trabalhando."</p> <p>A Prefeitura de S.D.A diz: " Sentimos muitos gratificados com a realização desta obra na Vila Nazaré"</p> <p>Cláudia Rinaldi, parabeniza a participação de moradores da Vila Nazaré.</p> <p>Vila Nazaré fica mais ou menos 4km da sua sede municipal de S.D.A. extremamente e necessário atendimento mais adequado e mais rápido.</p> <p>7</p>

PRODUÇÃO INICIAL DOS ALUNOS	
Texto original	Texto digitado
<p>8</p> <p>Poluição em São Domingos</p> <p>Poluição = Nascentes e córregos de São Domingos Do Araguaia sofrem com a poluição.</p>  <p>Poluição esta vai para o esgoto, um problema para a humanidade, vai para o esgoto, e no jornal vimos quando chove, fica muitas pessoas doentes, morrendo, isso tem que acabar, vai para os córregos.</p> <p>Poluição é um problema sério, lixo para quando chega o verão todos os lados, lixo não dá para tomar banho, e o lixo se espalha.</p> <p>Poluição é um problema sério, lixo para quando chega o verão todos os lados, lixo não dá para tomar banho, e o lixo se espalha.</p> <p>Vai para os córregos e os córregos fica poluído quando chega o verão não dá para tomar banho, Com o tanto de lixo.</p> <p>8</p>	<p>A poluição Em São Domingos Nascentes e córregos de São Domingos Do Araguaia sofrem com a poluição</p> <p>A poluição esta sendo um problema para a humanidade, no jornal vimos muitas pessoas doentes, morrendo, isso tem que acabar.</p> <p>A poluição é problema serio. lixo para todos os lados. lixo na rua, e feio, lixo na rua e nojento, vemos também, lixo no esgoto, não tem encanamento nas ruas, a água de sabão vai para o esgoto, e quando chove, fica lixo na rua, e o lixo se espalha.</p> <p>Vai para os córregos e os córregos fica poluído quando chega o verão não dá para tomar banho, Com o tanto de lixo.</p> <p>8</p>

Produção final

TEXTO ORIGINAL

As prova mais importantes para os estudantes do Brasil.

Esta chegando o dia tão esperado das provas do Enem.

As provas começarão nos dias 4 e 11 de Novembro. Quatro milhões de estudantes já visualizaram o cartão de confirmação, mas cerca de 30% ainda não acessaram os locais de prova.

O Enem possui 180 questões que contemplam 4 habilidades. As provas do Enem é muito importante, porque dependendo da nota você pode ganhar uma bolsa de estudos público. 5.513.662 pessoas se inscreveram para fazer a prova, e sabendo que a redação é a maior nota do Enem.

Atenção para o fuso horário:
O portão das escolas abriu oito horas e fecha doze, não cheguem atrasados.

TEXTO DIGITADO

As prova mais importantes para os estudantes do Brasil.


Esta chegando o dia tão esperado das provas do Enem.

As provas começarão nos dias Novembro. Quatro milhões de estudantes já visualizaram o cartão de confirmação, mas cerca de 30% ainda não acessaram os locais da prova.

O Enem possui 180 questões que contemplam 4 habilidades. As provas do Enem é muito importante, porque dependendo da nota você pode ganhar uma bolsa de estudos público. 5.513.662 pessoas se inscreveram para fazer a prova, e sabendo que a redação é a maior nota do Enem.

Atenção para o fuso horário:
O portão das escolas abriu oito horas e fecha doze, não cheguem atrasados.

TEXTO ORIGINAL


Provas do Enem.

Foi dada a largada, A prova tão esperada dos estudantes do Brasil, O Enem aconteceu dia 4 e 11 de Novembro com mais de 5.513.662 de Estudantes Escritos.

O Enem aconteceu no Domingo, No Primeiro Dia ira falar sobre linguagem ciências e suas tecnologias, Mas de quatro milhões de candidatos do Enem

Na prova do Enem possui 180 questões e cada prova contem 4 habilidade, as provas foram de:

- Ciências Humanas e suas tecnologias:
História, Geografia, filosofia e sociologia
- Ciências da natureza e suas tecnologias:
Química, Física e Biologia
- Linguagens, códigos e suas tecnologias:
Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e tecnologias da Informação e comunicação.
- Matemática e suas tecnologias:
Matemática.
- ❖ Atenção Para o horário entraram 01:00 hora da tarde e sairão 05:00

TEXTO DIGITADO

Provas do Enem

Foi dada a largada, A prova tão esperada dos estudantes do Brasil, O Enem aconteceu dia 4 e 11 de Novembro com mais de 5.513.662 de Estudantes Escritos.

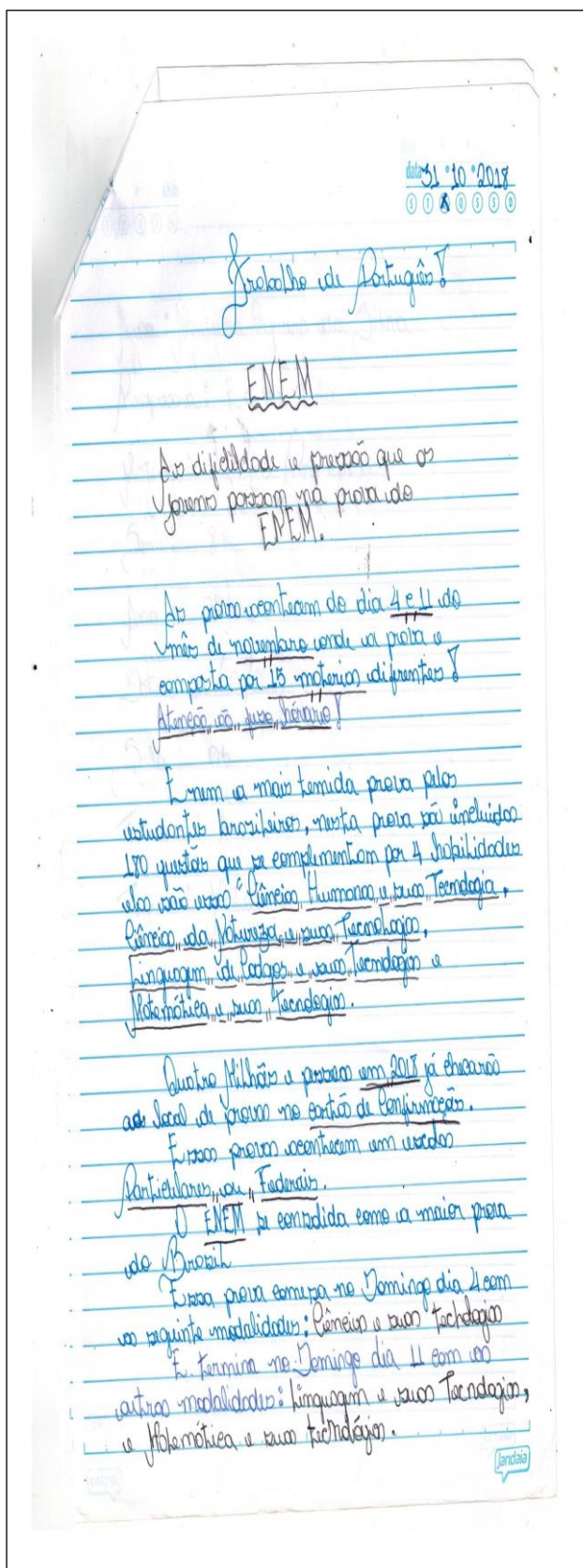
O Enem aconteceu no Domingo, No Primeiro Dia ira falar sobre a linguagem ciências e suas tecnologias, Mas de quatro milhões de candidatos do Enem

Na prova do Enem possui 180 questões e cada prova contem 4 habilidade, as provas serão de.

- ciências Humanas e suas tecnologias:
História, Geografia, filosofia e sociologia
- ciências da natureza e suas tecnologias:
Química, Física e Biologia
- Linguagens, códigos e suas tecnologias:
Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e tecnologias da Informação e comunicação.

- Matemática e suas tecnologias:
Matemática
- ❖ Atenção para o horário entraram 01:00 hora da tarde e sairão 05:00

TEXTO ORIGINAL



TEXTO DIGITADO

ENEM

As dificuldades e pressão que os jovens passam na prova do ENEM.

As provas acontecem no dia 4 e 11 do mês de novembro onde a prova é composta por 15 matérias diferentes!

Atenção ao fuso horário!

Enem a mais temida prova pelos estudantes brasileiros, Nesta prova são incluídos 180 questões que se complementam por 4 habilidades elas são essas "Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Linguagem de Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas tecnologias."

Quatro Milhões e pessoas em 2018 já chegarão aos local de provas no cartão de Confirmação.

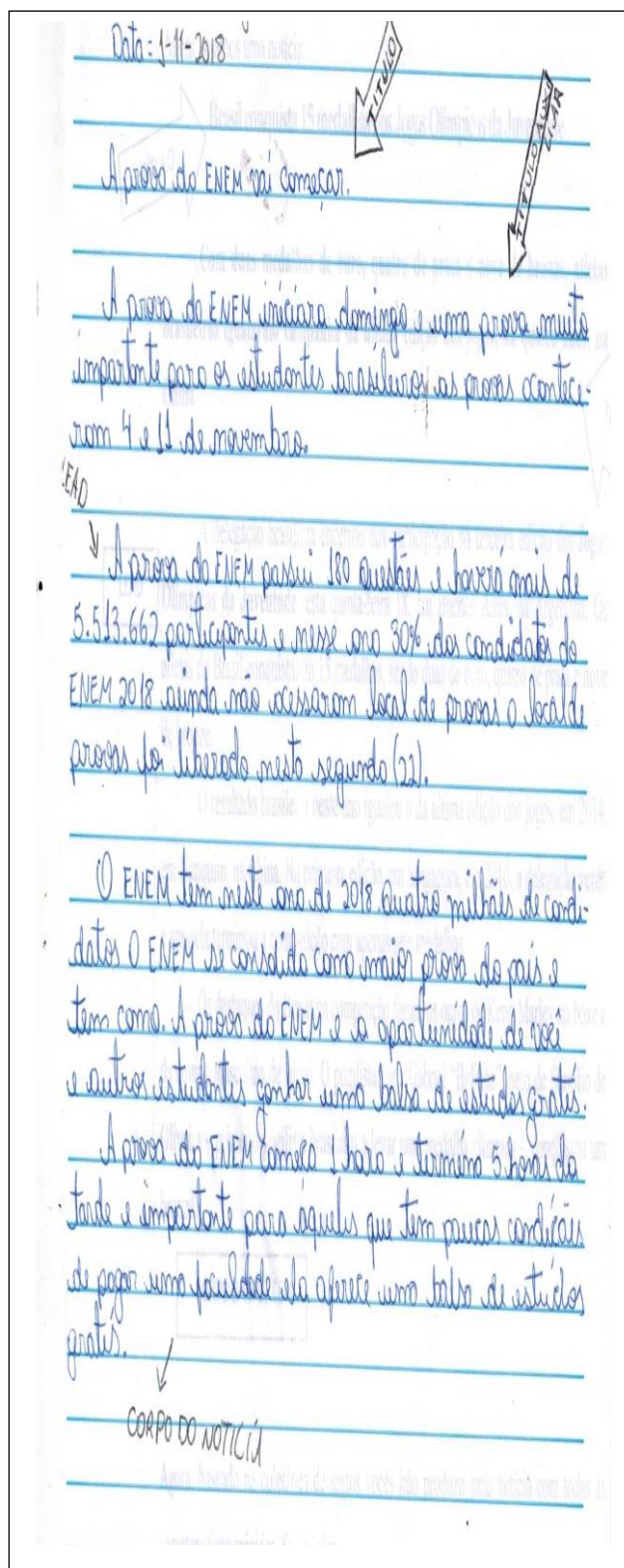
Essas provas acontecem em escolas Particulares ou Federais.

O ENEM se consolida como a maior prova do Brasil.

Essa prova começa no Domingo dia 4 com as seguintes modalidades: Ciências e suas tecnologias.

E termina no Domingo dia 11 com as outras modalidades: Linguagem e suas tecnologias, e Matemática e suas tecnologias

TEXTO ORIGINAL



TEXTO DIGITADO

A prova do ENEM vai começar
A prova do ENEM iniciará domingo e uma prova muito importante para os estudantes brasileiros as provas aconteceram 4 e 11 de novembro.

A prova do ENEM possui 180 questões e haverá mais de 5.513.662 participantes e nesse ano 30% dos candidatos do ENEM 2018 ainda não acessaram o local de provas o local de provas foi liberado nesta segunda (22).

O Enem tem neste ano de 2018 Quatro milhões de candidatos O ENEM se consolida como maior prova do país e tem como. A prova do ENEM e a oportunidade de você e outros estudantes ganhar uma bolsa de estudos grátis.

A prova do ENEM começa 1 hora e termina 5 horas da tarde e importante para aqueles que tem poucas condições de pagar uma faculdade ela oferece uma bolsa de estudos grátis.

TEXTO ORIGINAL

O ENEM 2018

As provas acontecerão no primeiro e segundo domingos de novembro nos dias 4 e 11.

O ENEM possui 180 questões, 30% dos candidatos do Enem não acessaram local de provas e 4 milhões de candidatos já checaram o local de prova no cartão de confirmação.

O ENEM começa nesse Domingo com linguagens, ciências e suas tecnologias, o cartão de confirmação com locais de provas foram liberados na segunda dia 22 de outubro, ter muito cuidado pois os portões fecharam as 13:00 em ponto como em alguns estados não tem horário de verão chegue mais cedo porque quando eles fecham não abrem mais.

Houve 5.513.662 participantes aptos a fazerem a prova, o ENEM se consolida como maior prova do país, mais deve mudar, é eles pedem caneta azul ou preta de tubo transparente.

E as matérias que são aplicadas na prova:

- Ciências humanas e suas tecnologias: História, Geografia, Filosofia e Sociologia.
- Linguagens, códigos e suas tecnologias: Língua Portuguesa Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e tecnologias da Informação e Comunicação.
- Matemática e suas tecnologias: Matemática.

TEXTO DIGITADO

O ENEM 2018

As provas acontecerão no primeiro e segundo domingo de novembro nos dias 4 e 11.

O ENEM possui 180 questões, 30% dos candidatos do Enem não acessaram local de provas e 4 milhões de candidatos já checaram o local de prova no cartão de confirmação.

O ENEM começa nesse Domingo com linguagens, ciências e suas tecnologias, o cartão de confirmação com locais de provas foram liberados na segunda dia 22 de outubro, ter muito cuidado pois os portões fecharam as 13:00 em ponto como em alguns estados não tem horário de verão chegue mais cedo porque quando eles fecham não abrem mais.

Houve 5.513.662 participantes aptos a fazerem a prova, o ENEM se consolida como maior prova do país, mais deve mudar, é eles pedem caneta azul ou preta de tubo transparente.

E as matérias que são aplicadas na prova:

- Ciências humanas e suas tecnologias: História, Geografia, Filosofia e Sociologia.
- Linguagens, códigos e suas tecnologias: Língua Portuguesa Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e tecnologias da Informação e Comunicação.
- Matemática e suas tecnologias: Matemática

TEXTO ORIGINAL

Tentativa frustrada

Idoso tenta estupro contra criança

Na segunda-feira, 08 de outubro de 2018, um idoso identificado como Raimundo Nonato Gomes, foi preso por tentativa de estupro na cidade de Davinópolis.

A polícia militar desta cidade recebeu uma denúncia de tentativa de estupro. Ao chegar ao local foi constatado que a vítima era uma criança de apenas 09 anos, a mesma foi encontrada em um terreno baldio e estava muito assustada.

O acusado foi preso em flagrante e conduzido a delegacia local, onde confessou o crime e admitiu não ter conseguido porque foi interrompido pela polícia. Quanto a vítima, esta foi levada ao conselho tutelar, onde recebeu todo tratamento e apoio necessário.

TEXTO DIGITADO

Idoso tenta estupro contra criança

Na segunda-feira, 08 de outubro um idoso identificado como Raimundo Nonato Gomes, foi preso por tentativa de estupro na cidade de Davinópolis.

A polícia militar desta cidade recebeu uma denúncia de tentativa de estupro. Ao chegar ao local foi constatado que a vítima era uma criança de apenas 09 anos, a mesma foi encontrada em um terreno baldio e estava muito assustada.

O acusado foi preso em flagrante e conduzido a delegacia local, onde confessou o crime e admitiu não ter conseguido porque foi interrompido pela polícia. Quanto a vítima, esta foi levada ao conselho tutelar, onde recebeu todo tratamento e apoio necessário.

TEXTO ORIGINAL

Inocência assassinada
 Crime bárbaro e cruel de uma criança de apenas
 6 anos.

Por volta das 20h00 do dia 27 de setembro de 2018, uma
 criança de apenas 6 anos foi estuprada e assassinada pelo
 padrasto dentro de sua casa, na zona Rural do município
 de Parauapebas.

Em entrevista ao jornal local o representante oficial da
 polícia que segundo relatos das vizinhas o padrasto apresen-
 tava sinais de embreaguês no momento do assassinato e que
 aquela não teria sido a primeira tentativa de estupro do
 padrasto contra a criança pois o mesmo já havia gritado
 por Socorro outras vezes.

Os parentes mais próximos ficaram desalados com o fato
 ocorrido até porque a menina era filha única e a mãe fi-
 cou enconformada e em estado de choque, diz o jornalista
 que cobriu o caso.

TEXTO DIGITADO

Inocência assassinada

Crime bárbaro e cruel de uma criança de apenas anos.

Por volta das 20h00 do dia 27 de setembro de 2018, uma criança de apenas 06 anos foi estuprada e assassinado pelo padrasto dentro de sua casa, na zona Rural do município de Parauapebas.

Em entrevista ao jornal local o representante oficial da polícia que segundo relatos das vizinhos o padrasto apresentava sinais de embreaguês no momento do assassinato e que aquela não teria sido a primeira tentativa de estupro do padrasto contra a criança, pois a mesma já havia gritado por Socorro outras vezes.

Os parentes mais próximos ficaram desalados com o fato ocorrido, até porque a menina era filha única e a mãe ficou enconformada e em estado de choque, diz o jornalista que cobriu o caso.

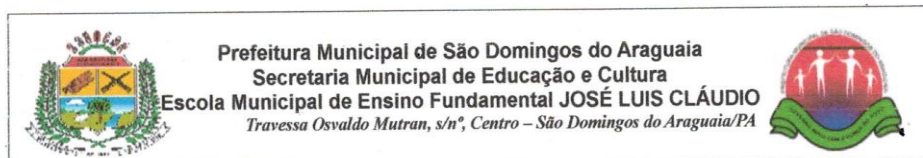
Em ação – Registro de alguns momentos







Autorizações

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Eu, **Afonso Dias Carneiro**, diretor da **Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luis Cláudio** nomeado sob a portaria nº 59/2018 autorizo a realização do estudo “**Leitura e produção a partir do gênero notícia- uma proposta de intervenção para o 9º ano à luz dos letramentos e sequência didática**” conduzido por **Edinalva Ferreira Félix Paiva**, estudante do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) sob a matrícula nº 201740706004, portadora do RG 3851033 SSP/PA e CPF 675588792-72, podendo esta aplicar questionário, fazer oficina ou qualquer outra atividade inerente a sua pesquisa.

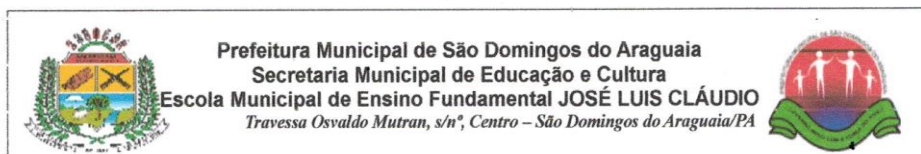
Fui informado, pela responsável do estudo, via termo de solicitação para a realização da pesquisa, sobre as características e objetivos desta, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Vale ressaltar que a professora/pesquisadora compõe o quadro de funcionários efetivo desta unidade de ensino sob matrícula funcional nº 000.094-8, sendo a mesma responsável pela turma a qual realizará o estudo.

São Domingos do Araguaia, Pará, 06 de Agosto de 2018.



Diretor
Afonso Dias Carneiro
Diretor Escolar
Port. Nº 059/2018
E. M. E. F. JOSÉ L. CLÁUDIO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Eu, **Zenilton Neres Borba**, diretor da **Escola Municipal de Ensino Fundamental José Luis Cláudio** nomeado sob a portaria nº 58/2017 autorizo a realização do estudo “**Leitura e produção a partir do gênero notícia- uma proposta de intervenção para o 9º ano à luz dos letramentos e sequência didática**” conduzido por **Edinalva Ferreira Félix Paiva**, estudante do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) sob a matrícula nº 201740706004, portadora do RG 3851033 SSP/PA e CPF 675588792-72, podendo esta aplicar questionário, fazer oficina ou qualquer outra atividade inerente a sua pesquisa.

Fui informado, pela responsável do estudo, via termo de solicitação para a realização da pesquisa, sobre as características e objetivos desta, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Vale ressaltar que a professora/pesquisadora compõe o quadro de funcionários efetivo desta unidade de ensino sob matrícula funcional nº 000.094-8, sendo a mesma responsável pela turma a qual realizará o estudo.

São Domingos do Araguaia, Pará, 17 de Abril de 2017.

Diretor

Zenilton Neres Borba
DIRETOR ESCOLAR
PORT 058/2017
E M E F JOSÉ L. CLÁUDIO

TERMO DE SOLICITAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, **Edinalva Ferreira Félix Paiva**, estudante do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) sob a matrícula nº 201740706004 e servidora desta unidade de ensino sob matrícula funcional nº000.094-8, portadora do RG 3851033 SSP/PA e CPF 675588792-72, venho por meio deste termo solicitar à direção da escola a autorização para realização do estudo “**Leitura e produção a partir do gênero notícia- uma proposta de intervenção para o 9º ano à luz dos letramentos e sequência didática**”, em uma turma de 9º ano.

A pesquisa tem como objetivo refletir acerca do uso dos gêneros do discurso em sala de aula, verificar quais contribuições o ensino a partir dos gêneros podem trazer para o desenvolvimento de práticas que aprimorem as habilidades dos alunos em relação a leitura e escrita e a partir de então, revelar que o trabalho com a produção textual deve ser o ponto de partida para o ensino da Língua Portuguesa em todos os níveis de ensino. O gênero abordado será uma notícia e, as etapas para a realização deste estudo está contemplada na sequência didática elaborada especificamente para este fim.

São Domingos do Araguaia, Pará, 10 de Abril de 2017.


Edinalva Ferreira Félix Paiva